

ANTÔNIO AUGUSTO LEMOS RAUSCH

**Práticas religiosas, (homo) sexualidade e psicologia:**  
política sexual e subjetivação entre a Igreja e o Mundo

Belo Horizonte

2024

ANTÔNIO AUGUSTO LEMOS RAUSCH

**Práticas religiosas, (homo) sexualidade e psicologia:**  
política e subjetivação entre a Igreja e o Mundo

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGPSI-UFMG), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: Política, Participação Social e Processos de Identificação

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Máximo Prado

Belo Horizonte

2024

150	Rausch, Antônio Augusto Lemos.
R248p	Práticas religiosas, (homo) sexualidade e psicologia
2024	[manuscrito] : política sexual e subjetivação entre a Igreja e o mundo / Antônio Augusto Lemos Rausch. - 2024.
	156 f.
	Orientador: Marco Aurélio Máximo Prado.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1. Psicologia – Teses. 2. Sexo - Teses. 3. Religião - Teses. 4. Religião – Psicologia - Teses. I. Prado, Marco Aurélio Máximo. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE ANTONIO AUGUSTO LEMOS RAUSCH

Realizou-se, no dia 29 de fevereiro de 2024, às 13:30 horas, Online, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *Práticas religiosas, (homo) sexualidade e psicologia: política sexual e subjetivação entre a Igreja e o Mundo*, apresentada por ANTONIO AUGUSTO LEMOS RAUSCH, número de registro 2021704658, graduado no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Marco Aurélio Máximo Prado - Orientador (UFMG), Prof(a). Regina Facchini (Unicamp), Prof(a). Marcos Roberto Vieira Garcia (UFSCAR).

A Comissão considerou a dissertação:

( x ) Aprovada

( ) Reprovada

Finalizados os trabalhos, a presente ata, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Marco Aurelio Maximo Prado, Professor do Magistério Superior**, em 09/03/2024, às 09:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Regina Facchini, Usuário Externo**, em 24/03/2024, às 00:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Roberto Vieira Garcia, Usuário Externo**, em 25/03/2024, às 12:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3093848** e o código CRC **C9B6621F**.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sou grato pela vida e cuidado desde o dia em que nasci. Ao meu avô, quem partiu na última semana de escrita do texto final, com quem não pude estar presente como gostaria. Ao meu irmão, Bruno, que amo do fundo do meu coração e que sempre esteve ao meu lado me protegendo, a quem espero ser alguém que ele possa contar.

Ao meu amor, Gustavo, que compartilha comigo os sonhos e dificuldades da vida. Que é meu namorado, família, amigo e colega. A quem sou grato pelas conversas longas através de madrugadas, e quem amo profundamente.

Às minhas sapa-primas Natália e Marcela, com quem pude compartilhar os melhores momentos desde muito antes de nossa “saída do armário”.

Aos meus colegas, companheiros e amigos Lucas Alexandre, Matheus Ferreira, Lucas Teixeira, Gustavo Lemes, Gustavo de Magalhães, Gabriel Valverde, Gabriel Xavier, Lay, José, Leonardo, Matheus, Fernanda, Luísa, João, Thays, Eledá e Amanda.

À toda equipe do Nuh e Transpasse, que me acolheram e tive orgulho de trabalhar lado-a-lado nos últimos seis anos: Igor, Gab, Rafa, Júlia Carneiro, Júlia Vidal, Barella, Sophia, Sofia, Suzana, Vini, Ju, Lohana, Reynel, Wellington, Allan, Walter, Maria Célia, Mateus, Fred, Gabriel Fernandes, João Gabriel, Léo, Raul, Isadora, João Pedro, Sol, Ísis, Regina, Manu, Nataly, e aos professores Pablo, Paulo e Joana.

Às membros da banca de qualificação, professoras Lisandra Moreira e Regina Facchini, a última que também esteve presente na banca de defesa, pelas contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa. Ao professor Marcos Garcia, pela leitura e diálogo na banca de defesa.

Ao meu orientador, Marco, que me inspirou a seguir na pesquisa e extensão, e a quem guardo enorme carinho desde a primeira aula na graduação, e que tenho orgulho de compartilhar parte da minha trajetória acadêmica. Além de professor, orientador, supervisor e mentor, para mim você é um amigo que tive a sorte de encontrar na vida. Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela bolsa cedida para realização desta pesquisa.

Por fim, dedico este trabalho ao jovem Antônio. Agora, essa pesquisa marca o início da sua trajetória em direção ao sonho de ser professor, mas para você, que ainda é criança, espero que alivie a dor e o medo. Que estas palavras sequem as lágrimas que descem enquanto você dorme, que as novas memórias, desta vez alegres, se sobreponham aos pensamentos e pesadelos sobre a morte e o inferno que te atormentam todas as noites.

*I've been meaning to tell you  
I think your house is haunted  
your dad is always mad  
and that must be why I think you should come live with me  
and we can be pirates  
then you won't have to cry or hide in the closet  
and just like a folk song our love will be passed on*  
- Taylor Swift, seven

Eu tenho tentado te contar  
Eu acho que sua casa é mal assombrada  
seu pai está sempre com raiva  
e é por isso que eu acho que você deveria morar comigo  
e nós podemos virar piratas  
assim você não vai precisar chorar, ou se esconder no armário  
e assim como uma cantiga nosso amor será passado adiante  
- Taylor Swift, seven

## RESUMO

A presente dissertação é um estudo acerca de práticas de conversão religiosa da sexualidade e as relações estabelecidas entre o conhecimento científico e religioso na sua produção. Discute-se a proibição como uma forma de produção discursiva para compreender a disputa pública sobre a "cura gay" e as formas pelas quais a homossexualidade se dá como uma experiência dentro dos contextos evangélicos. Para tal, elabora-se uma revisão teórica sobre protestantismo e ascensão das igrejas pentecostais e neopentecostais no Brasil durante o século XX, e as particularidades teológicas da experiência evangélica, dando enfoque ao seu caráter carismático e a centralidade a experiência do avivamento, também chamado "Batismo no Espírito Santo", e da conversão religiosa. A partir da análise documental e da apresentação de testemunhos de experiências numa igreja evangélica em Belo Horizonte, apresenta-se a metodologia de retiros espirituais e os seus fundamentos teológicos e psicológicos. Delimita-se a conversão religiosa como um processo de transformação moral e um ato performativo, cujo objetivo é inaugurar discursivamente um novo sujeito "santificado". Paralelamente, analisa-se a construção discursiva da homossexualidade como uma "patologia moral" em 65 boletins publicados entre os anos de 2006 e 2015 na mesma igreja igreja, e como a psicologia é articulada nos anúncios de serviços de aconselhamento pastoral e de atendimento psicológico. Argumenta-se que os serviços psicológicos e pastorais adquirem equivalência quando articulados ao redor dos significantes de "cura", "feridas", "restauração" e "libertação", e da compreensão do exercício profissional como uma dádiva, ou dom, para cumprimento de um chamado ministerial. Em seguida, discute-se sobre os movimentos de inclusão e exclusão de pessoas homossexuais dentro da igreja, analisando os posicionamentos públicos do ministério evangelístico para pessoas homossexuais, testemunhos e ministrações de sua líder, em comparação aos discursos de membros da família que ocupa a presidência da referida igreja desde os anos 70. Para o desenvolvimento da pesquisa foi elaborada uma metodologia qualitativa que combina dados de natureza etnográfica, análise documental e reconstituição histórica a partir do testemunho. Os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de ampliação do debate sobre as práticas de "cura gay" para além das práticas médicas e psicológicas, e para a importância da investigação da religião e sexualidade como um fenômeno de ordem psicopolítica.

**Palavras-chave:** Sexualidade, Religião, Psicologia da Religião, Psicologia Política.

## ABSTRACT

The present dissertation is a study of practices of religious conversion of sexuality and the relations established between scientific and religious knowledge in its production. The prohibition is discussed as a form of discursive production to understand the public dispute over the "gay cure" and the ways in which homosexuality takes place as an experience within evangelical contexts. To this end, a theoretical review is prepared on Protestantism and the ascension of the Pentecostal and Neo-Pentecostal churches in Brazil during the twentieth century, and the theological peculiarities of the evangelical experience, focusing on its charismatic character and the centrality of the experience of revival, also called "Baptism in the Holy Spirit", and religious conversion. From the documentary analysis and the presentation of testimonies of experiences in an evangelical church in Belo Horizonte, the methodology of spiritual retreats and their theological and psychological foundations are presented. Religious conversion is defined as a process of moral transformation and a performative act, whose objective is to discursively inaugurate a new "sanctified" subject. At the same time, it analyzes the discursive construction of homosexuality as a "moral pathology" in 65 newsletters published between the years 2006 and 2015 in the same church, and how the psychology is articulated in the ads of services of pastoral counseling and psychological care. It is argued that psychological and pastoral services acquire equivalence when articulated around the meanings of "healing", "wounds", "restoration" and "liberation", and the understanding of professional exercise as a gift given by God as means to fulfill a ministry call. Next, we discuss the inclusion and exclusion of homosexuals within the church, analyzing the public positions of an evangelistic ministry for homosexual persons, the testimonies and speeches of its leader, compared to the speeches of members of the family that held the presidency of the church since the 1970s. For the development of the research a qualitative methodology has been developed that combines data of ethnographic nature, documental analysis and historical reconstitution through testimony. The results of the research have pointed to the need to broaden the debate on "gay healing" practices beyond medical and psychological care, and to the importance of researching religion and sexuality as a psychopolitical phenomenon.

**Keywords:** Sexuality, Religion, Psychology of Religion, Political Psychology.



## SUMÁRIO

<b>1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A “CURA GAY” E A CIÊNCIA</b>	<b>9</b>
<b>2. PROIBIÇÃO, CENSURA DISCURSIVA E A QUESTÃO DO ARMÁRIO PARA A CIÊNCIA.....</b>	<b>20</b>
2.1 Sobre a multiplicidade dos objetos e a parcialidade do conhecimento científico.....	27
2.2 Normalização, heteronormatividade e discurso.....	34
<b>3. PROTESTANTISMO NO BRASIL, PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E POLÍTICA SEXUAL NEOPENTECOSTAL.....</b>	<b>47</b>
<b>4. ENCONTRO COM DEUS.....</b>	<b>64</b>
4.1 A psicologia do Encontro com Deus.....	71
4.1.1 O Pré-encontro.....	72
4.1.2 O encontro.....	75
4.1.2.1 Indo à Cruz.....	81
4.2 A performatividade da conversão/cura da homossexualidade.....	84
<b>5. (HOMO) SEXUALIDADE EM ATOS DISCURSIVOS.....</b>	<b>91</b>
5.1 Psicologia em Atos discursivos.....	102
<b>6. REGULARIDADE DISCURSIVA E DISPERSÃO DOS ENUNCIADOS SOBRE A EXCLUSÃO E INCLUSÃO LGBT NA IGREJA BATISTA DE LAGOINHA.....</b>	<b>111</b>
6.1 Equivalência e Diferenciação na constituição da “homossexualidade” no discurso pastoral de Lagoinha.....	123
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>138</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>151</b>

## 1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A “CURA GAY” E A CIÊNCIA

Quando comecei a pensar sobre esta pesquisa, por volta do final de 2019 e início de 2020, sabia que queria discutir religião e sexualidade. Ao olhar para trás, no período de minha infância e adolescência, ainda membro da Igreja Batista de Lagoinha - IBL, poucas vezes minha própria sexualidade foi um objeto de discussão explícita. Mas eu vi minha prima ser levada a uma psicóloga indicada pelo “Pa(i)stor Márcio”, quando sua mãe descobriu que ela passava as tardes numa praça em Venda Nova, na região norte da cidade de Belo Horizonte, com alguns amigos “estranhos”. Também soube que ela foi encontrada de mãos dadas, ou com alguma menina sentada em seu colo. Uma das memórias que guardo deste período é de um culto, num domingo de manhã, onde o Pr. Gustavo falou sobre a feminização dos garotos e a “epidemia de homossexualidade” que se alastrava pelo uso de hormônios excessivo na produção de alimentos, especificamente no frango. Todos os domingos, às vezes de manhã ou à noite, eu estava ali, no bairro São Cristóvão, participando de alguma atividade da Igreja. Passei pela escola dominical, pelo culto das crianças e juniores, de adolescentes, fiz o curso de preparação para o batismo, fui aos cultos de jovens e de adultos.

Me lembro de sei lá quantas ministrações como a da ex-Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, sobre o filme Frozen, que são motivos de piada entre alguns colegas e nas redes sociais. A princesa protagonista sem um príncipe é uma tentativa de transformar as meninas em lésbicas! Isso soa ridículo e fantasioso aos ouvidos de muitos, assim como seu testemunho de revelação divina na goiabeira. Já perdi a conta de quantas vezes ouvi ou li pessoas dizendo “não é possível que alguém acredite nessa besteira!”. No entanto, para mim, essa é uma organização retórica que segue uma lógica estranhamente familiar e que faz muito sentido. Na minha época, Bob Esponja e Patrick Estrela eram o casal gay da paranoia crente, junto dos rituais satânicos nos desenhos animados, da idolatria nos filmes da Disney, e da bruxaria de Harry Potter. Nessa extensão de casa, onde passei vários finais de semana, estes discursos paranoicos sobre a sexualidade e as forças diabólicas do mundo que buscavam corromper as famílias e crianças organizam redes de relações, afetos e sentidos; elas organizam a forma de ver e se relacionar com o mundo.

Durante a infância e adolescência, ser gay, bicha, homossexual, ou qualquer variação destes termos, nunca foi uma possibilidade enquanto fosse Filho de Deus. A minha “saída do armário” aconteceu quando tinha 18 anos, logo após ingressar na Universidade Federal de Minas Gerais, já “desviado” da igreja. Naquele momento estava me questionando se me identificava como bissexual, panssexual ou gay, já que apesar de ter interesse sexual e romântico somente por garotos (mesmo que meu primeiro beijo tenha acontecido somente

alguns meses depois), tinha sentimentos platônicos e alguma curiosidade em relação a algumas de minhas amigas meninas. Certo dia minha mãe entrou no quarto enquanto eu estudava para uma prova e perguntou “na lata”: “Antônio, você é gay?”. Eu congelei. Não sabia o que responder e disse que achava que talvez fosse bissexual. “Tá bem...” foi a resposta dela. Nas três ou quatro semanas seguintes vi minha mãe deitada na cama, às vezes chorando, às vezes orando, pedindo a Deus para que algum milagre acontecesse em minha vida.

Eu nunca soube bem o que era. Meus pais, colegas de escola, meu irmão, minhas primas... todos eles souberam que eu era gay antes de mim. Se alguém me perguntasse “como você descobriu que era gay?”, eu só poderia responder que “me contaram”. E me contaram de formas distintas: como xingamentos, como orações, como preocupações excessivas, como suspeita, e até como perguntas. Por isso, quando decidi pensar sobre “Cura Gay” não conseguia ver nenhuma das minhas experiências representadas no debate público e científico sobre o assunto. A única vez que fui a um psicólogo, ainda na infância, foi por uma suspeita de TDAH levantada por algumas professoras. Ninguém tentou mudar especificamente minha orientação sexual ou identidade de gênero, porque o próprio desconhecimento sobre ela já fazia este papel: ser gay, como uma orientação sexual, uma possibilidade de organização do desejo, não era sequer uma possibilidade cognitiva. Meu trajeto já foi definido bem cedo. Eu deveria crescer, cortejar uma menina da igreja, ter um namoro cristão por alguns anos, me casar, ter filhos e envelhecer para ver meus filhos fazerem o mesmo. Fora disto, seria apenas um desviado a ser resgatado.

Contudo, isso não significa que ninguém suspeitou, e mais importante, constantemente me lembrou que eu talvez gostasse de meninos, e que isso não era desejável. Cultos, louvores, testemunhos, histórias de “amigos”, histórias de familiares, xingamentos de colegas, xingamentos do meu pai, orações de libertação feitas pelo meu irmão e minha mãe... todas essas memórias de momentos de conversão religiosa são algumas maldições que me atormentam enquanto penso sobre conversão e cura da sexualidade. Aqui, dou importância a uma forma particular de experimentar, apreender e intervir sobre a sexualidade: através das transformações morais empreendidas sobre um sujeito e sua interioridade no processo de conversão. Parto, desde já, da compreensão de que a última não é um procedimento empreendido por profissionais de saúde para mudança da orientação sexual, mas uma multiplicidade de práticas sociais que envolvem atores diversos, e que, ora controla os corpos saídos do armário ou tirados dele, ora vigia incessantemente os corpos quais uma suspeita emerge, e disciplina-lhes a fim de torná-los “normais”, isto é, naturalmente e inevitavelmente

heterossexuais. Para a sua investigação, portanto, é necessário desenvolver estratégias metodológicas que compreendam como estes diferentes atores performatizam a “doença” articulando diferentes formas de conhecimento.

Parto da pressuposição de que a religião e a ciência são co-protagonistas na criação e empreendimento dos esforços de mudança de orientação sexual e identidade de gênero. Como conhecimentos científicos que debruçam-se sobre a subjetividade, a psicologia e a psiquiatria deram continuidade às práticas religiosas confessionais e criaram novas formas de incitação dos discursos sobre a sexualidade na modernidade. Mais adiante, abordaremos estas relações entre a ciência, religião e poder a partir do pensamento de alguns dos autores que auxiliam na construção de meu pensamento.

Vale mencionar que a Associação Americana de Psicologia publicou em 2009 o “Report of the American Psychological Association Task Force on Appropriate Therapeutic Responses to Sexual Orientation” (APA, 2009). O relatório analisa os Esforços de Mudança de Orientação Sexual (*Sexual Orientation Change Efforts* - SOCE) e sua efetividade a partir dos artigos publicados em periódicos científicos entre 1960 e 2007. Em suma, o documento conclui que os estudos conduzidos não apresentaram rigor metodológico que pudesse afirmar a eficácia e segurança destes procedimentos. No entanto, era possível deduzir que uma parte significativa das pessoas submetidas a estes procedimentos continuaram a relatar a atração por pessoas do mesmo “sexo”, e não apresentaram mudanças significativas em relação à atração ao “sexo oposto”. Além disso, foram encontradas evidências suficientes para indicar que os procedimentos SOCE possuem imenso potencial iatrogênico, sobretudo aqueles que utilizam técnicas aversivas, tendo participantes das pesquisas relatado sentimento de perda do desejo sexual, depressão, ansiedade e maior suicidalidade.

Outros estudos realizados na Coreia do Sul (Lee et al, 2021), Colômbia (Del Rio-Gonzalez et al, 2021) também encontraram evidências de maior frequência de pensamentos ou tentativas de suicídio entre pessoas que passaram por algum destes procedimentos. Num estudo transversal realizado na China com a participação de 15,611 pessoas LGB (SUEN & CHAN, 2020), 16,7% dos participantes alegaram ter sofrido algum tipo de tratamento negativo por parte de profissionais de saúde, dos quais os mais comuns foram: sugestões de médicos e conselheiros para que mudassem sua orientação sexual, identidade ou expressão de gênero (7,8%); *afirmações por pelos profissionais de saúde de que a orientação sexual ou identidade de gênero eram a causa de seu sofrimento mental* (5,9%); e ser encaminhado a algum tipo de terapia de conversão (5,7%).

Em 29 de outubro de 2021, o governo do Reino Unido publicou um estudo sobre a

prevalência das terapias de conversão no país. O documento revisita a produção científica recente sobre o assunto, encontrando 46 estudos publicados no período entre janeiro de 2000 e junho de 2020 que apontam para uma prevalência do caráter religioso e espiritual nestes esforços, mas também uma variedade de práticas de psicoterapia. Junto a isso, estes pesquisadores analisaram dados do *National LGBT Survey*, um estudo conduzido em 2017 e publicado em 2018 com a participação de 108,000 pessoas LGBT residentes no Reino Unido. Encontrou-se que 2,4% das pessoas entrevistadas já passaram por algum procedimento de conversão sexual, enquanto aproximadamente 5,4% relataram já terem recebido propostas para participar de algum destes procedimentos. *Em 53,4% das vezes, este procedimento foi oferecido por um grupo ou organização religiosa, 29,9% pela família, 15,9% por alguma pessoa da comunidade e 8,4% por profissionais de saúde.* No entanto, quando perguntados sobre quem conduziu estes procedimentos, 19% das pessoas entrevistadas relataram terem sido submetidas a estes procedimentos por médicos ou profissionais de saúde.

No Brasil, o Conselho Federal de Psicologia publicou em 2019 o livro *Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs*, que reúne relatos de 32 pessoas LGBTIs que passaram por algum tipo de programa ou procedimento de tentativa de mudança de orientação sexual e identidade de gênero, empreendidos por médicos, psicólogos, líderes religiosos ou outros profissionais de saúde organizados em seções temáticas (CFP, 2019). Destaca-se também o estudo realizado pelo Instituto Matizes em parceria com a organização All Out, *Entre ‘curas’ e ‘terapias’: esforços de ‘correção’ da orientação sexual e identidade de gênero de pessoas LGBTI+ no Brasil* (Fróes, Bulgarelli & Frontgaland, 2022) com 365 participantes. A última identificou ao menos 26 tipos diferentes de esforços de correção, e uma curva decrescente da idade a qual os participantes foram submetidos a estas práticas, ocorrendo 193 delas (52,8%) entre 6 e 17 anos, 83 (22,7%) entre 18 e 24 anos, 18 (4,9%) entre 25 e 29 anos, e 15 (4,1%) após os 30 anos.

Outros trabalhos produzidos no Brasil sobre a “cura gay” apontam que, mesmo em contextos seculares, os atores envolvidos nestas práticas estão diretamente relacionados à instituições ou grupos religiosos, especificamente cristãos, que se engajam em discursos preconceituosos que condenam a homossexualidade (Binkowski, 2019; Garcia & Mattos, 2019;). Esta relação, apesar de adquirir contornos específicos no contexto brasileiro, vai de encontro aos achados de pesquisas desenvolvidas internacionalmente sobre o assunto.

Em sua tese de doutorado, publicada em 2020, o pesquisador Alexandre Oviedo Gonçalves apresenta como as chamadas *Terapias de Reorientação Sexual* fomentaram a produção de um problema público e a constituição de comunidades políticas que as disputam.

O autor argumenta sobre a sua hipótese de que as "organizações religiosas produzem sujeitos politizados que disputam a vida moral e pública a partir do uso de diferentes linguagens e lugares institucionais, rompendo as bordas do que se convencionou delimitar como esfera religiosa" (Gonçalves, 2020, p.20). Os atores religiosos mencionados por ele emergem no campo público como uma forma de enfrentamento ao processo de *cidadanização* (conceito apresentado pelo pesquisador Sérgio Carrara) empreendido pelos movimentos sociais. Ele também identifica como as práticas de aconselhamento cristão e testemunho dão continuidade ao poder pastoral, articulando formas de produção de sujeitos providos de determinadas concepções de si, como uma "tecnologia que permite o sistemático e contínuo controle sobre corpos, emoções e comportamentos" (Gonçalves, 2020, p.122). "Arriscaria dizer que são indicativos de processo de produção de subjetivação que materializa a identidade do *ex-gay*." (Gonçalves, 2020, p.130).

O autor também define o aconselhamento pastoral como uma "tecnologia social regulatória que permite criar processos de subjetivação através do 'diagnóstico da homossexualidade' e do testemunho". Ele nota um entrelaçamento entre os conhecimentos religiosos e psicológicos, identificando como os saberes "*psi*" (destacando-se o uso de aspas ou itálicos durante o texto) se reformulam a partir da articulação entre o poder pastoral e disciplinar, "através de uma formação política baseadas em noções e perspectivas psicológicas, proporcionando um modo de controle por meio da confissão e de um acompanhamento íntimo e duradouro com o 'aconselhado'." (Gonçalves, 2020, p.123). A consolidação desta tecnologia se daria a partir da sua capilarização numa rede de relações que contém conselheiros, pastores, aconselhados, testemunhos, confissões, conhecimentos psicológicos, teologias, igrejas e ministérios, cursos, congressos, seminários de formação em sexualidade. Gonçalves (2020) indica que estas ações ultrapassam o âmbito da sociedade civil, adentrando a vida institucional.

Aqui, parto de uma concepção semelhante. Também interessa como se organizam estas comunidades políticas, e como elas performam os discursos sobre a homossexualidade constituem campos de possibilidade para a emergência de subjetividades. Também aposto na continuidade do poder pastoral e sua articulação ao poder disciplinar nas tecnologias de aconselhamento e testemunho. No entanto, radicalizo o argumento apresentado por Gonçalves (2020), e tomo como pressuposto das análises das práticas de conversão/cura da sexualidade que elas atuam na produção material das identidades. Assim, caminho em direção a uma análise dos enquadramentos que tornam possível a existência social dos corpos e a constituição da sexualidade como um objeto politicamente regulado.

Nesse sentido, me interessei em investigar a particularidade das experiências dos indivíduos em contextos religiosos e seculares de “correção” da sexualidade. Enquanto realizava a revisão da bibliografia percebi que os blogs, canais do Youtube e outras comunidades online de ministérios cristãos voltado a homossexuais eram espaços estratégicos para difusão do que entendo ser a multiplicidade das *curas gays*. Alguns destes materiais eram traduções de obras de psiquiatras e psicólogos estadunidenses ligados ao North, ou ao antigo ministério Exodus. Estes materiais apresentavam os argumentos científicos em defesa da mudança da homossexualidade, mas sua circulação era relativamente baixa. Ao lado destes materiais estavam os livros de palestrantes e pastores brasileiros que lideram ministérios evangelísticos direcionados a homossexuais, e os testemunhos de conversão de ex-homossexuais, ex-gays, ex-travestis, ex-prostitutas, ex-usuários de drogas, ex-prostitutas, ou ex-“alguma coisa moralmente condenada” que acumulavam milhares de visualizações e maior engajamento. Ao ler estes materiais, me chamou atenção que apesar da sexualidade e condenação da homossexualidade serem transversais a eles, em sua maioria eles apresentam o processo de “mudança de sexualidade” como um processo de “transformação de vida”, ou melhor dizendo, de estilo de vida, e como uma busca pela felicidade ou bem-estar.

Entre os trabalhos que localizei durante a revisão bibliográfica, me chamou a atenção a dissertação de mestrado publicada em 2017 de Odacyr Roberth Moura da Silva, que analisa as trajetórias de vida e de mudança de identidade sexual entre indivíduos que afirmam terem abandonado a homossexualidade. Neste trabalho, o pesquisador entrevista quatro sujeitos a fim de compreender os motivos que desencadearam a mudança e a continuidade deste processo. A escolha pelo termo “mudança de identidade sexual” reflete o posicionamento teórico do autor de que as práticas sexuais não necessariamente definem uma identidade social, apesar de serem elementos importantes para a sua construção. O estudo identifica o preconceito como um dos principais mobilizadores desta mudança, seja o preconceito sofrido por outros, ou o preconceito internalizado pelos participantes. Em sua análise, Silva (2017) identifica também como os atos discriminatórios foram descritos ou interpretados pelos participantes da pesquisa como atos de cuidado quando enquadrados no discurso religioso, ou sobre as relações familiares. Outro ponto que chamou atenção no trabalho de Silva (2017) é que ele identifica que a mudança desta identidade não necessariamente é motivada por uma condenação do “estilo de vida” homossexual, mas por uma insatisfação e infelicidade que seria compreendida como um “efeito natural” da homossexualidade. A busca pela mudança narrada pelos participantes é também uma busca pela felicidade, uma forma de livrar-se da “tristeza, a solidão e o sofrimento, seja nesta vida ou no pós-morte” (Silva, 2017, p. 77).

Quando me interrogo sobre estas trajetórias de mudança no escopo desta pesquisa, me questiono sobre como formas específicas de *enfrentamento do sofrimento* são produzidas no contexto evangélico, e quais tipos de subjetividade buscam produzir a partir dos conhecimentos religiosos e psicológicos articulados nas práticas de cuidado. No capítulo “Psicologia, práticas *Psi* e perspectiva *Queer*: algumas questões em torno das ‘terapias’ identitárias” Prado & Monteiro (2019) reposicionam o debate sobre a despatologização das homossexualidades junto às teorizações de Judith Butler para visibilizar e reconfigurar a leitura sobre o debate em torno das resoluções do CFP. Eles argumentam que a disputa sobre estas “terapias” adquirem um centro na “vontade individual”, que se relaciona com dois elementos do debate contemporâneo sobre a sexualidade: 1) seu caráter contingencial e mutável; e 2) a legitimidade desta mudança num enquadramento democrático. Os autores reconhecem que, apesar da fluidez e possibilidade de mudança da orientação sexual, ela não necessariamente tem que ser alterada. Ao contrário disso, a própria demanda por auxílio nesta mudança evidencia que a orientação sexual não é somente um campo de possibilidades abertas, mas também um campo de regulações e fixações em direções e orientações específicas, de normas que definem possibilidades e impossibilidades de existência social.

Prado & Monteiro (2019, p.155) apresentam o conceito de “heterossexualidade terapêutica” como uma tentativa de nomear os repertórios clínicos empreendidos por psicólogos que buscam corrigir desvios e reinscrever os sujeitos num regime normativo. Os autores apontam como estas intervenções pressupõem que a heterossexualidade é uma estratégia ou um recurso para evitar o adoecimento, assim como promover o bem estar físico e mental dos indivíduos. Este conceito é interessante porque auxilia na compreensão do fenômeno apontado por Silva (2017) sobre o sofrimento ser entendido como uma consequência natural da homossexualidade. O que a busca por mudança reflete, além do julgamento moral das homossexualidades, a tentativa de produção do bem estar e da felicidade, além da salvação. Estes apontamentos voltam nossa atenção para o fato de que as práticas de conversão/cura, a “Cura gay”, são práticas de correção e exercício do controle, mas não qualquer forma de controle. O controle presente nas práticas de conversão/cura da sexualidade é exercido através do cuidado e produção de uma sexualidade que promova uma certa noção de apaziguamento de um mal-estar, uma certa noção de “salvação” em planos espirituais e materiais.

Os esforços dos movimentos sociais trouxeram o problema das terapias de conversão sexual ao centro da discussão científica e profissional. Em 1985, o Conselho Federal de Medicina retirou a homossexualidade do rol de patologias. Em 1990, foi retirada da



Classificação Internacional das Doenças (CID) pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Em 1999 foi publicada a Resolução CFP 1/1999, que proíbe a participação de profissionais de psicologia em eventos ou serviços que proponham cura das homossexualidades, bem como qualquer comportamento ou ação que promova a patologização destas. Em 2018, quase duas décadas depois, o Conselho Federal de Psicologia publicou a Resolução CFP 01/2018, estendendo a proibição destas práticas também para tentativas de reversão da transgeneridade. Por fim, em 17 de maio de 2022 foi publicada a Resolução CFP 08/2022 que “Estabelece normas de atuação para profissionais da psicologia em relação às bissexualidades e demais orientações não monossexuais”.

O que estas resoluções apontam, bem como o processo de retirada das homossexualidades e transexualidades das categorias de classificação médica, é que a “verdade” científica é um processo político e contingente, e que a própria ciência atuou, e ainda atua, incitando formas de controle e transformação moral. Por causa disso, acredito que é impossível “limpar completamente” a ciência das convenções sociais e o preconceito contra as homossexualidades. A afirmação do atual “consenso” científico sobre a sexualidade é uma ficção que permite adentrar o debate público de forma a positivar as homossexualidades, mas não dá conta de compreender as continuidades históricas do discurso científico e os efeitos atuais da patologização das homossexualidades e transexualidades.

A “cura gay” no debate público é um objeto controverso e ambíguo. Ela se localiza numa interseção entre a ciência (sobretudo psicológica e médica) e conhecimentos populares e religiosos. Sendo assim, como definir essas práticas? Poderiam os conselhos das categorias profissionais mobilizar níveis institucionais distintos para combatê-las? Como contra-argumentar sobre as liberdades individuais e/ou religiosas de quem procura esses procedimentos voluntariamente, fora de serviços psicológicos? Como se define o que é voluntário num contexto de discriminação violenta, e da compulsoriedade de uma matriz heterossexual? Mesmo assim, poderia alguém decidir, por conta própria, que uma condição sexual é conflitante com um conjunto de ideais ou fantasias imaginárias sobre si mesmo e se submeter a procedimentos “pseudocientíficos”, e até mesmo científicos, cujos riscos à integridade física e psicológica são grandes? Devemos realmente restringir o debate sobre “cura gay” na psicologia para as práticas empreendidas por profissionais em serviços de saúde? Caberia aos conselhos oferecer alguma denúncia sobre as formas pelas quais os procedimentos continuam a ocorrer, seja dentro ou fora da psicologia? Como o “profissional psicólogo”, que responde às regulamentações éticas da profissão se transforma num *indivíduo soberano* que não pode ser responsabilizado por suas ações no momento em que tranca a

porta de seu consultório e atua em algum serviço de aconselhamento pastoral? Todas estas são perguntas que permanecem abertas no debate sobre a despatologização das expressões de gênero e da sexualidade contemporâneas. Algumas serão abordadas neste texto e dificilmente terão uma resposta definitiva.

Por enquanto, me afastarei da discussão sobre a legitimidade ou não destas práticas enquanto formas de conhecimento científico, e do debate institucional da “Cura gay” dentro das categorias profissionais. Para meu trabalho, a “psicologia” da conversão/cura das homossexualidades tem efeitos de psicologia, sem aspas, sobre os corpos e deve ser encarada em sua epistemologia, e como formas de preconceito. Ao conversar com meus colegas de laboratório numa das reuniões de orientação em que debati este trabalho percebi a importância deste posicionamento para o desenvolvimento desta pesquisa. Me propus, nas análises que seguem, levar a sério os enunciados que muitas vezes soam ridículos, vulgares, ou retrógrados aos nossos ouvidos. Confesso que acho curioso o “espanto” nas reações dos colegas pesquisadores nas vezes que apresentei este trabalho, já que os “absurdos” que eles apontaram me são muito familiares e nada fantásticos. Esta familiaridade com o campo e o objeto de pesquisa me permite olhar a essas práticas a partir da perspectiva de quem já esteve “dentro” delas. No entanto, ao assumir este posicionamento eu também me vejo rodeado de novos problemas que exigem uma reflexão epistemológica, metodológica e ontológica, que será a abordada no capítulo seguinte.

Este trabalho não busca defender a ciência como uma forma de conhecimento “mais adequada” para definir a sexualidade, e ditar quais seriam as formas de cuidado legítimas ou não direcionadas à ela. Acredito, sim, na importância do conhecimento científico nas formas de combate ao preconceito e discriminação na sociedade. No entanto, quero evitar a desqualificação dos conhecimentos religiosos de antemão. Por consequência, atribuo alguma credibilidade e legitimidade às suas formas de pensamento para compreender como o sujeito emerge como uma experiência corporificada na relação com estes conhecimentos. Todavia, faço isso sem apresentar uma perspectiva “neutra” ou “objetiva” dessas relações. Peço licença para “dar um passo maior que a minha perna” e interpretar que o exercício de defesa da homossexualidade através do conhecimento científico é uma busca de posituação moral das homossexualidades. Ele é uma tentativa de contrapor-se aos discursos preconceituosos e carregados de julgamentos morais presentes na religião e na sociedade como um todo, atestando a “verdade” da homossexualidade pelo imaginário social do que vem a ser o conhecimento científico e sua capacidade de “desvendar” fenômenos.

Em parte, esse movimento também representa uma resposta à violência e às formas de

constrangimento a que estamos submetidos. “Conceder” algum tipo de elevação moral através do exercício intelectual e pela legitimidade da ciência significa adentrar uma gramática de reconhecimento jurídico de certas experiências, que produz efeitos nas vidas destes sujeitos. Entretanto, nos restringir à autoridade científica e seus efeitos jurídicos seria adentrar este debate sem questionar a própria forma pela qual este debate se apresenta a nós. O que pretendo, ao desenvolver este texto, é levar muito a sério as formas de conhecimento, entendendo como o processo de sua emergência é atravessado pelo que vou rapidamente denominar aqui uma “política epistemológica”: as relações diferenciais e desiguais estabelecidas entre as formas de conhecimento (especificamente entre o conhecimento religioso e científico, para meu trabalho), e a produção dos múltiplos objetos, da própria realidade social. Mais precisamente, discorrer sobre como esta política epistemológica se relaciona à uma política sexual e religiosa. Para isso, vou levar um pouco menos a sério algumas formas consolidadas e estabelecidas como “mais adequadas” para este debate. Ao invés de afirmar que “Não há cura para o que não é doença”, eu me preocupo mais em entender como a “doença” é produzida materialmente na “cura”, e como os conhecimentos religiosos e científicos organizam estas práticas. Também não pretendo descartar a negatividade do pecado, das maldições, possessões demoníacas; assim como o absurdo dos exorcismos, dos testemunhos, das alegorias fantásticas presentes nas falas de pastores e outros integrantes das comunidades evangélicas. O campo abjeto, do reconhecimento a partir e da violência, é meu lócus privilegiado de análise. Me inspiro, aqui, especialmente no trabalho de Jack Halberstam (2020), em *A Arte Queer do Fracasso*.

Ser levado/a a sério significa perder a chance de ser frívolo/a, promíscuo/a e irreverente. O desejo de ser levado/a a sério é precisamente o que faz pessoas seguirem os já testados e comprovados caminhos da produção de conhecimento a partir do qual eu gostaria de mapear alguns desvios. (Halberstam, 2020, n.p.)

O objetivo deste trabalho é investigar a organização política da sexualidade no contexto religioso a partir das tecnologias de regulação presentes nas práticas de conversão religiosa e cura da sexualidade, e como ela se relaciona a outras práticas de conhecimento, especificamente psicológico e científico, no processo que denomino como “política epistemológica sexual”, como elas apreendem a subjetividade e sexualidade em técnicas de individuação. Para isso, elaborou-se uma articulação teórica sobre o discurso como uma forma de organização social, e dos efeitos performativos da proibição e censura. Este objetivo se desdobra nos seguintes objetivos específicos:

O primeiro deles é investigar como as práticas pastorais de aconselhamento e testemunho sobrepõem saberes religiosos e psicológicos e constituem uma “patologia moral”

como a origem da homossexualidade. Ou seja, compreender como a patologização da homossexualidade não se reduz às definições clínicas ou pastorais do que vêm a ser um “pecado” ou “transtorno psicológico”, mas estão localizadas num campo linguístico que produz a própria “doença” e o “pecado” através de suas tecnologias de poder, reguladas moralmente em termos de sexualidade.

O segundo objetivo específico é compreender a performatividade da cura das homossexualidades a partir dos enunciados presentes nas práticas de pregação, testemunho apostólico e materiais evangelísticos, levando em consideração os seus fundamentos teológicos e sua contingência histórica e sociológica, partindo do fenômeno do pentecostalismo brasileiro e ascensão das igrejas evangélicas no século XX. Para tal objetivo, realizou-se coleta e análise de um acervo documental, buscando compreender que se estabelecem formas de conhecer e experimentar a sexualidade particulares na experiência religiosa, que não são redutíveis a uma racionalidade científica, e que isto requer elaborar análises e formas de apreensão desses objetos quando estas diferentes formas de conhecer se relacionam. Além da análise documental, apresento e reflito sobre eventos da minha autobiografia, apresentando-os a partir do conceito de testemunho.

Por fim, o terceiro objetivo específico deste trabalho é explorar as relações entre a conversão religiosa e a cura da homossexualidade. Minha hipótese é de que estas “duas coisas” na verdade tem um funcionamento muito similar quando compreendidas como processos de transformação moral e como formas de constituição performativa dos sujeitos a partir de enunciados religiosos. Parto do pressuposto que esta “transformação moral” é um nóculo articulador dos conhecimentos psicológicos e religiosos, e que a produção da “demanda” por uma mudança é contingente à regulação da sexualidade e a um regime normativo.

Apesar da divisão em três objetivos específicos, estes pontos serão abordados e elaborados continuamente durante o trabalho. Neste momento, encerro a introdução desta dissertação e convido os leitores a manter estes problemas em mente durante a leitura. Espero que esta experiência produza inquietamentos e deslocamentos nas formas pelas quais compreendemos a sexualidade, a religião e o conhecimento científico.

Sem mais delongas...

## 2. PROIBIÇÃO, CENSURA DISCURSIVA E A *QUESTÃO DO ARMÁRIO PARA A CIÊNCIA*

Decidi iniciar a discussão sobre as formas de produção da homossexualidade nas práticas religiosas a partir da sua proibição. No texto bíblico, a passagem mais notável sobre o assunto aparece no antigo testamento, no versículo de Levítico 18:22 “Não te deitarás com varão, como se fosse mulher; é abominação.”. Este pequeno trecho aparece frequentemente nos discursos inflamados de alguns pastores ou líderes evangélicos, como o bispo Edir Macedo, o pastor André Valadão e o pastor Silas Malafaia. Eu ouvi e assisti as falas destes líderes religiosos durante toda minha infância e adolescência, memorizei este versículo durante o curso de Batismo e de liderança, assisti aos programas de TV sobre sexualidade no canal de TV da igreja, até cheguei a conduzir os estudos bíblicos com crianças e adolescentes usando este versículo.

As lideranças religiosas citadas anteriormente (assim como outras) repetem este versículo como a justificativa bíblica para a condenação das homossexualidades e sua eliminação da vida social e religiosa. Este mesmo uso do texto bíblico aparece em discursos parlamentares sobre o “casamento gay” ou outros assuntos de direitos de *minorias sexuais*. No entanto, vamos pensar que as falas destes líderes religiosos conservadores são insuficientes para fazer o que se propõem: eliminar a homossexualidade do campo de reconhecimento linguístico. Ao contrário disso, para efetivamente produzir os efeitos de proibição a “segunda parte” do versículo é igualmente (e talvez até mais) importante. É a partir dela que instaura-se um novo regime de reconhecimento do que comumente chamamos de “homossexualidades”, uma forma pela qual a sexualidade e o gênero podem ser compreendidos a partir do texto religioso no enquadramento de abominações do gênero, nos seus perigos, e nas formas de lidar com elas. Quero compreender o trabalho de repetição ordenada desta proibição nas práticas religiosas, e como estas ordens proibitivas são um convite à ação. Em resumo, percebi que dá muito trabalho, é muito cansativo e que as pessoas agem muito para evitar que alguém deite-se como “aberração”.

Partindo da ideia que a “abominação” se torna uma o “objeto” da proibição, e conseqüentemente uma possibilidade de sua experimentação, duas questões surgiram para elaboração: a primeira delas é como se organizam nas relações sociais algumas formas de controle e vigília sobre a sexualidade, estruturadas a partir de formas de conhecimento e desconhecimento sobre ela; a segunda delas é, como a proibição instaura um regime de reconhecimento a partir da negação, no qual a ação é restrita em alguns termos, ao mesmo

tempo que se expande a partir de outros. Estas duas questões não são facilmente separáveis, mas utilizo estas duas chaves de análise para compreender como se constitui a regulação discursiva da sexualidade no contexto das experiências religiosas, e como estas formas de pensamento e práticas epistêmicas se expandem ou se contraem no campo social.

O armário é uma experiência que atravessa, em diferentes níveis e em suas diferentes particularidades, uma boa parte das experiências *queer* contemporâneas. “Sair do armário” pode ser considerado uma ação ou um rito pelo qual apresentamos ao mundo uma outra identidade sexual que até então era mantida em segredo. Como argumenta Eve Kosofsky Sedgwick (2007), do lado de fora, aquele que recebe a informação pode reagir com surpresa, pode dizer que já sabia, pode reagir com raiva, e até mesmo com carinho. O lado “de fora” do armário é um campo contingente de reações imprevisíveis. Apesar disso, o que a cena do armário evoca é um desconhecimento da identidade sexual como um ato de desconhecer, não como um vazio de conhecimento. Ao revelar uma outra identidade sexual, o desconhecimento do “outro” se mostra um espaço ocupado densamente por uma pressuposição de conhecimento sobre a sexualidade.

Por exemplo: quando meu irmão revelou que estava namorando um menino, meus pais ficaram atordoados. Se falar em arquétipos, o meu seria o “filho gay”. Enquanto eu era uma criança afeminada, que nunca tive namorada ou demonstrado interesse sexual por meninas, meu irmão já havia se relacionado anteriormente com algumas mulheres. Eram duas da tarde, e eu estava em meu quarto quando ouvi minha mãe exclamar na sala de estar: “O quê???? Do Antônio todo mundo já desconfiava, mas você também?”. Na minha mente, eu pensei: “O que você quer dizer com ‘já desconfiava’ se nem eu sabia?”.

O desconhecimento das identidades sexuais nessa cena é um pouco cômico, mas mostra um funcionamento singular de uma dinâmica familiar em que a suspeita e o desconhecimento se relacionam. “Todo mundo já desconfiava” opera um desconhecimento e suspeita sobre uma identidade ou uma prática sexual corporificada em uma série de expectativas de gênero e comportamento, mas a surpresa da revelação também opera um questionamento de uma pressuposição da heterossexualidade onde tudo aquilo que anteriormente era entendido como tal, como uma ex-namorada ou um comportamento correspondente às expectativas de gênero, não é suficiente para atestá-la. Este momento traz para fora do armário” a compulsoriedade da heterossexualidade enquanto uma norma social contingente, corroendo alguns esquemas de inteligibilidade do desejo e do corpo.

Não é que ninguém pensou sobre a identidade sexual do meu irmão, é que talvez ninguém imaginou que pudesse cometer tal erro interpretativo. E também não é que todos já

sabiam da minha sexualidade antes de mim, mas que o olhar constante e a suspeita revelam que a heterossexualidade anunciada ou presumida não é necessariamente coerente com o desejo, as práticas ou identidades sexuais. Se alguém pode mentir, fingir ou omitir uma identidade sexual, isto insere uma dúvida onde apenas deveria haver certeza: onde deveria existir a natureza heterossexual, agora incorpora a paranoia de que talvez alguém poderiam estar apenas fingindo (e conseqüentemente, emerge a pergunta “as pessoas são heterossexuais mesmo?”).

O pensamento de Sedgwick (2007) realmente nos ajuda a interpretar a cena da saída do armário, e nos coloca uma nova pergunta: quando é que se entra no armário? Muito se fala no momento de saída, mas a ação de entrar não parece uma narrativa fácil de ser recuperada. *Eve* sugere que os armários vão se constituindo na medida que as relações acontecem, na medida em que o sujeito se vê frente a um novo cálculo de revelar ou não sua identidade sexual, e as possíveis conseqüências disso. A cada novo colega, novo chefe, novos alunos... a cada nova pessoa que atravessa nossa vida outros muros vão sendo construídos, ao ponto de que, mesmo que alguém que seja pública e abertamente gay, ainda estará no armário para alguma pessoa, como frente ao seu gerente do banco. O que a experiência de “Sair do armário” também nos lembra é que esta forma de conhecer, ou o ato de desconhecer como uma pressuposição de conhecimento, acontece num campo de reconhecimento, onde o sujeito está, de alguma forma, sujeito à outro. O ato de “revelar” ou “esconder” uma expressão da sexualidade exige um cálculo que coloca em xeque a capacidade de sobrevivência do sujeito, o seu reconhecimento dentro do campo normativo e a própria estabilidade deste campo normativo.

Vamos pensar que antes mesmo do próprio reconhecimento de uma identidade sexual, nos subjetivamos neste campo normalizador e heteronormativo. Poderíamos pensar que o espaço do armário, então, seria uma lógica social que precede o próprio reconhecimento enquanto parte, ou não, de uma comunidade sexual. Assim, podemos também afirmar que nascemos no armário (uma vez que esta organização social precede a nossa existência) e nos tornamos gays (ou trans, lésbicas, sapatas, bi, pan, etc.) através dele. Uma outra cena que nos auxilia a compreender a constituição de uma forma de conhecimento sobre a sexualidade talvez sejam os “chás de revelação”. Ao invés de expor a contingencialidade das normas de gênero e do regime de ordenação da sexualidade, elas parecem uma alegoria para a cena irrecuperável e inevitável de “entrar no armário”. O armário não depende da nossa autonomia para decidir sobre os termos nos quais nos reconhecemos, ao contrário disso, ele impõe uma certa organização da sexualidade a partir do reconhecimento, uma natureza a ser

constantemente produzida a partir de alguns constrangimentos e alguns convites à ação.

Isto é semelhante ao que Butler (2021) argumenta sobre a censura como uma forma de produção discursiva a partir da proibição. A censura precede o texto (e conseqüentemente o discurso), apesar disso, ela é sempre um ato parcial que não consegue restringir o conteúdo por completo, uma vez que ela mesma enuncia publicamente os termos que busca abolir, tornando-os visíveis como proibição. Somente esta afirmação seria insuficiente para refletir sobre o problema da censura e do armário, uma vez que, como uma forma generalizada do funcionamento da linguagem, ela seria inevitável. Já que todo texto é censurado e a escrita exige uma seleção do que pode ou não ser dito, não faria sentido se opor às formas de censura. Contra isso, ela revisa esta tese argumentando que a inteligibilidade é formulada *no e pelo* poder. Sendo seu exercício raramente reconhecido como tal, a censura seria uma das formas mais implícitas de poder que atua através da elegibilidade, escapando dos termos que ele mesmo produz. Já as formas explícitas de censura, como as proibições morais ou jurídicas

estão expostas a certa vulnerabilidade precisamente por serem mais facilmente decifráveis. A regulamentação que declara *aquilo que não quer declarar* frustra seu próprio desejo e comete uma contradição performativa que questiona a capacidade da regulamentação de significar e de fazer o que diz, ou seja, sua pretensão à soberania. Tais regulamentações introduzem o discurso censurado no campo do discurso público, estabelecendo-o como um lugar de contestação, isto é, como a cena do enunciado público que elas visavam proibir” (Butler, 2021, p. 214)

Retornando ao armário, é porque as lógicas de censura e desconhecimento são também implícitas e dificilmente decifráveis como operações de poder que ele se torna um paradigma da experiência queer. Claro, o azul e o rosa do chá de revelação são códigos facilmente decifráveis, mas o senso de uma “natureza” que regula o comportamento é algo que escapa dessa enunciação. O armário não produz somente o desconhecimento da sexualidade do “outro que sai”, mas também um desconhecimento da própria sexualidade, dos espaços até onde o desejo poderia circular. Muito provavelmente, num chá de revelação os convidados não estarão vestidos de azul e rosa, mas muito provavelmente eles se reconhecerão em algum termo de gênero que dará estabilidade à uma representação do que é ser “homem” ou “mulher”, mesmo que não saibam quando começaram a se identificar nestes termos. A proibição da “insubordinação” de gênero só é efetiva na medida em que o gênero também organiza o reconhecimento do próprio corpo, e define os termos pelos quais alguém pode se identificar.

A censura explícita se apresenta legalmente ou socialmente como código, mas implicitamente ela atua tornando inviáveis as representações (sejam elas corporais, estéticas ou discursivas) que ameaçam a dissolução de um senso inconsciente e involuntário de



“ordem”, e neste caso, de “natureza sexual”. A falha do armário aparece quando alguém se reconhece dentro dele, quando a ininteligibilidade se torna a percepção de uma proibição no campo do reconhecimento. Algo até então “indizível” e “implícito” torna-se algo que “não deve ser dito”. O fracasso da censura se dá pela sua “incapacidade de circunscrever de maneira eficaz o domínio social do discurso dizível” (Butler, 2021, p.216), bem como a impossibilidade de subjetivação completa a partir dos meios jurídicos (Butler, 2021, p.216) e outras formas explícitas de interdição. Se a censura é uma das formas pelas quais o poder se materializa *nos* e *os* discursos isso também é um problema, uma vez que ao assumir a contingencialidade da regulamentação e de sua própria fundamentação a sua legitimidade enquanto forma de poder também é questionada.

Partir da proibição de do armário nos possibilita compreender também outros campos da vida política, especificamente da política sexual. Se utilizarmos esta chave de análise para compreender as *Resoluções* do Conselho Federal de Psicologia - CFP (Resolução CFP 01/1999, Resolução CFP 01/2018, Resolução CFP 03/2022) concluiremos que elas não conseguiram, nem conseguirão, encerrar o debate político sobre a “cura gay”, ao contrário disso, elas incitam este debate a partir dos termos da sua proibição. Um elemento central da análise da censura como uma forma de proibição é o lugar do “censor” como alguém dotado da capacidade de exercer o poder. No entanto, compreende-se que o Poder que a ser exercido por este “censor” também precisa produzi-lo e torná-lo reconhecível em seus termos como alguém dotado da capacidade de produzir efeitos imediatos ou subsequentes. Além da censura anunciar o seu objeto “proibido”, ela também introduz um agente “censor” a ser reconhecido no campo discursivo. No caso dos Conselhos, a partir de seu reconhecimento como uma instituição jurídica, o que nos coloca algumas questões:

1) O CFP é uma autarquia, um tipo de entidade do direito público e administrativo brasileiro, criado em 17 de junho de 1977, através do Decreto 79.822 da Presidência da República, que exerce seu poder de regulamentação orientando, supervisionando e disciplinando o exercício profissional no território nacional. Seu poder de regulação está restrito às atividades de psicólogas/os;

2) Por isso, apesar dos presidentes dos Conselhos Federal e Regionais terem qualidade para agir, inclusive criminalmente, "contra qualquer pessoa que infringir as disposições deste Regulamento e, em geral, em todos os casos que digam às prerrogativas, à dignidade e ao prestígio da profissão de Psicólogo." (BRASIL, Decreto 79.822, Art. 65, 1977);

3) As resoluções CFP 1/99 e 1/18 não se aplicam a nenhum outro contexto que não profissional, e tampouco poderiam ser entendidas como casos de exercício irregular da

profissão<sup>1</sup> (salvo se promovidas como serviço de psicologia), uma vez que aos profissionais de psicologia está proibida a participação em eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades e trans identidades.

4) Contudo, segundo o inciso IX do Art. 6º do Decreto 79.822, compete ao Conselho Federal “funcionar como órgão consultivo em matéria de psicologia” (BRASIL, Decreto 79.822, Art. 65, 1977). Sendo assim, apesar de suas regulamentações estarem restritas aos profissionais de psicologia, como órgão regulamentador autônomo da profissão, o Conselho pode ser convocado ou pode fomentar e participar de ações em “matéria de psicologia”.

De grosso modo, não caberia aos conselhos de psicologia atuarem na imputação dos serviços terapêuticos de outras categorias profissionais ou de aconselhamento pastoral. Mas isso não significa que as atividades empreendidas pelo órgão estejam restritas à atuação dos psicólogos. Exemplo disso é a Inspeção Nacional em Comunidades Terapêuticas de 2017, iniciativa do Conselho Federal de Psicologia (CFP), o Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura (MNPCT) e a Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, do Ministério Público Federal (PFDC/MPF). É curioso notar neste texto como as atribuições do CFP, apesar de “balizadas na preocupação com a atuação de psicólogas e psicólogos nesses espaços e com o respeito às normas da profissão e aos direitos humanos” (CFP, MNPCT, MPF, 2017, p.42), são ampliadas para a função de mediação entre a psicologia e a sociedade. Sobre a instituição das Comissões de Direitos Humanos em 1997,

Cabe à elas intervir em situações concretas de violações dos direitos humanos, em especial naquelas que produzam sofrimento mental, e buscar soluções para a omissão de ações do Estado.

Ao longo de 30 anos, as Comissões de Direitos Humanos desenvolveram principalmente três mecanismos de atuação dentro da psicologia: a realização de seminários temáticos, a proposição de campanhas de sensibilização e de destaque a debates e, por fim, a proposição de inspeções de direitos humanos, de abrangência nacional, ao lado de parceiros. Essas últimas têm o objetivo de intervir em situações concretas nas quais há violações dos direitos humanos, sobretudo quando elas produzem sofrimento mental. (ibid., pp.42-43)

Em 2019, o Conselho Federal de Psicologia publicou o livro “Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs”, onde

“Reunidas com as Comissões de Direitos Humanos do Sistema Conselhos de Psicologia, a Comissão de Direitos Humanos do CFP tomou ciência de outras tentativas de “reversão”, que abarcavam também expressões/identidades de gênero. Fatos esses que ocorreram quase 20 anos após o início de vigência da Resolução CFP nº 01/1999, o que causou bastante preocupação. Isso evidencia a existência de práticas de patologização dos comportamentos e práticas não hetero/cis, bem como atos excludentes e geradores de violação de direitos.” (CFP, 2019, p.11)

<sup>1</sup> Ver “Art. 47” da *Lei das Contravenções Penais*. BRASIL. Decreto-Lei Nº 3.688, de 3 de outubro de 1941.

Para resgatar o contexto em que este documento foi publicado, alguns meses antes, em 2017, um juiz da Justiça Federal da Seção Judiciária do Distrito Federal acatou parcialmente a Ação Popular movida por um grupo de psicólogas e psicólogos que defendem as terapias de reorientação sexual. A decisão manteve o texto da Resolução CFP 01/99, mas determinou que o órgão não proibisse aos profissionais oferecer tratamento às pessoas que buscassem estes procedimentos. Em setembro de 2018, a autarquia ingressou no Supremo Tribunal Federal (STF) com uma reclamação constitucional, solicitando a suspensão dos efeitos da sentença e extinção da ação popular. Por unanimidade, os efeitos da Ação Popular foram suspensos pelo STF, e o processo foi arquivado. “Tal decisão configurou-se uma vitória importante para a Psicologia brasileira e sociedade como um todo, no que se refere ao respeito aos direitos fundamentais e à autonomia do CFP em normatizar a profissão de psicóloga(o).” (CFP, 2019, p.11). No dia 17 de abril de 2020, a ministra Cármen Lúcia decidiu favoravelmente à continuidade da vigência integral da Resolução 01/99, rejeitando de maneira definitiva os pedidos das autoras(es) da Ação Popular.

Não parto do pressuposto que a defesa pelos direitos humanos seja o curso natural do progresso científico. Frente ao argumento do CFP, que defende a autonomia de regulação da autarquia, ou da APA, que conclui que evidências de alta qualidade seriam a melhor base para prever quais seriam as intervenções adequadas, teremos de fazer duas perguntas quase banais: a) “Tá, mas e se algum dia o CFP acordar e decidir que tá liberado meter a cura gay em todo mundo? Então a autonomia de regulação da autarquia vai se sobrepor a minha possibilidade de existir no mundo?” e b) “Mas e se surgirem evidências que embasam estes procedimentos? Aí eles se tornarão intervenções adequadas?”. Estas perguntas, apesar de parecerem cínicas, são minhas maiores dores de cabeça. Se voltarmos ao debate sobre as homossexualidades e transexualidades na história da psicologia e psiquiatria vamos ter que lidar com o fato de que a ciência e psicologia não estiveram sempre “do nosso lado”. Na verdade, elas estiveram a maior parte do tempo contra nós. Este é o nosso problema ético que permanecerá sem resposta definitiva, localizado no centro de uma política da sexualidade e do conhecimento.

As regulamentações e as ações promovidas pelo Conselho Federal de Psicologia constituem a conversão sexual como uma prática não científica e não coerente com a atividade profissional. Apesar disso, como divulgado pelo próprio CFP, esta resolução produziu poucas sanções e têm um caráter “educativo”. Entre 2012 e 2017, dos 260 casos de denúncias de violações da resolução 01/99, somente 3 tiveram condenações (uma delas a censura pública, e duas cassações de registro junto ao órgão). Se a censura, enquanto interdição discursiva, impede a circulação do que ela proíbe, ela é também uma prática que

anuncia os termos pelos quais os enunciados poderão aparecer publicamente. As resoluções produzidas pelo Conselho Federal de Psicologia não somente proíbem os atos e intervenções ilícitas, passíveis de punição em competências administrativas, mas também incitam um campo de circulação discursiva que permite a circulação da “cura gay” fora dos limites da sua regulação. Minha hipótese é de que as disputas públicas sobre as resoluções do CFP se dão ao redor da legitimidade da regulação profissional, da sua capacidade de atuar como “censor”, e por isso produzem poucos efeitos sobre as condutas dos profissionais em suas práticas de cuidado, e como elas se relacionam com outras instâncias de conhecimento. Este campo invisível ao debate das resoluções é o meu objeto de interesse: o campo das relações de poder (Foucault, 2009) estabelecidas no cuidado, e como a sexualidade e religião se relacionam numa organização política a partir de regulações implícitas.

Independente dos graus de adequação destas práticas às metodologias científicas, vamos nos estender no aparente paradoxo que a própria proibição impõe: fora do campo “profissional” e dos limites da laicidade, estas práticas estão livres para sua reprodução social e legitimadas por um discurso de liberdade individual. Ainda assim, compreendemos que elas se relacionam diretamente à proibição, uma vez que ela anuncia os termos da sua emergência. Aqui, surgem novos atores sociais, totalmente distintos em termos jurídicos, mas que performam objetos que se relacionam intimamente com aqueles que foram proibidos. Podemos pensar que as diferentes práticas de conhecimento operam diferentes tecnologias, sejam elas materiais e também de poder. A escolha por investigar os processos de subjetivação numa política sexual evangélica nos coloca frente a um campo de experiências concretas que, apesar de regular a sexualidade como uma esfera íntima e privada da vida, centrada no corpo, também expande o campo linguístico a fim de tornar algumas práticas sociais visíveis, perceptíveis, registráveis e sobretudo incitáveis no discurso.

## **2.1 Sobre a multiplicidade dos objetos e a parcialidade do conhecimento científico**

O primeiro desafio para a construção de uma agenda de investigação é a delimitação de seu objeto. Aqui, pressuponho que as práticas de conversão sexual não são estritamente religiosas nem científicas, mas se situam numa fronteira política destas formas de saber, bem como entre as instituições ou atores sociais que as materializam. Ao nomear assim as práticas que serão investigadas, direciono o olhar para um campo de experiências da sexualidade concretas, rejeitando a pressuposição de um antagonismo entre ciência e religião. Dito isto, esta pesquisa não tem por objetivo apresentar uma interpretação neutra da conversão sexual, mas busca ilustrar como as práticas e rituais religiosos regulam e produzem as sexualidades

dentro do contexto evangélico.

Para sustentar esta afirmação, a noção de Ontologias Políticas, como definida por Annemarie Mol é um instrumento potente. A constatação de que os objetos não precedem as práticas do conhecimento, mas são construídos juntos a elas em sua multiplicidade rejeita a perspectiva de uma realidade única sobre a qual várias interpretações seriam produzidas. Ao invés disso, a realidade dos objetos é múltipla, e as várias práticas articulam a produção material de vários objetos. As diferentes performances dos objetos interferem entre si, num processo de coordenação das práticas, instrumentos, substâncias ou componentes. (Mol, 2003; Martin, Spink & Pereira, 2018). Como sugere Amade M'charek (2010), os objetos não possuem essência fixa, mas são efeitos das tecnologias e de nossas interações com o mundo. Numa perspectiva topológica do tempo, ela propõe a concepção de objeto dobrado. A partir do estudo da raça numa perspectiva histórica, a autora compreende que as performances dos objetos coordenam entre si uma variedade de instrumentos e práticas, mas também uma diversidade de temporalidades (M'charek, 2014; Duarte & Riboli, 2017).

A investigação científica frente à multiplicidade espacial e temporal dos objetos requer uma proposição metodológica que não apreenda a materialidade como dada, mas como o efeito de práticas coordenadas e localizadas no território. É apenas nas práticas que os objetos são produzidos e passam a existir para o mundo. A proposta metodológica de Mol, denominada praxiografia, pode ser entendida como um tipo de método etnográfico que dialoga com a multiplicidade dos objetos, na medida em que seu objetivo é averiguar, parcialmente, as realidades das relações entre as práticas e instrumentos que os produzem (Mol, 2000). Segundo Annemarie Mol,

O que um praxiógrafo não pode fazer é mapear um campo total, inteiro, sobre o qual podemos contar tudo. Em vez disso, a pesquisa praxiográfica se assemelha a seguir uma trilha ou um caminho. Como pesquisadora, posso estar presente em um momento e depois em outro e me perguntar como estão vinculados. Da mesma forma, posso fazer perguntas em um lugar e depois em outro e pensar em que tipo de vínculos podem existir entre os dois lugares. (Martin, Spink & Pereira, 2018, n.p.)

Podemos compreender, então, a patologização das homotranssexualidades como uma pluralidade das encenações pelas quais a homossexualidade é constituída como uma patologia materialmente no corpo. Nos cultos e rituais das igrejas evangélicas muitas vezes a homossexualidade será performada como uma possessão demoníaca, ou uma patologia da alma, assim como nos consultórios médicos e psicológicos a homossexualidade foi historicamente constituída como uma psicopatologia ou desvio da normalidade. Para isto, abandonamos uma distinção entre uma sexualidade intrínseca e uma sexualidade adquirida, e buscamos compreender como a distinção entre “normal” e “patológico” é constituída

relacionalmente nestes diferentes contextos. O foco desta investigação são as maneiras pelas quais a sexualidade será performada nestas práticas, e na própria delimitação das suas fronteiras políticas. Não proponho um estudo sobre as identidades homossexuais ou transexuais dentro das igrejas e consultórios, mas uma investigação sobre as relações que tornam possíveis a emergência da sexualidade regulada por múltiplos campos de saber e poder.

Para registrar as múltiplas performances da patologia e seus efeitos de regulação da sexualidade busquei constituir um acervo heterogêneo composto por testemunhos públicos, programas de TV, pregações e cultos, textos de orientação para líderes religiosos, trechos bíblicos e louvores. No processo de levantamento de materiais para análise, foram encontrados também livros de aconselhamento religioso e auto-ajuda, artigos e publicações “científicas”<sup>2</sup> sobre procedimentos de mudança de orientação sexual. Por ora, este material foi descartado em função das limitações temporais do desenvolvimento desta pesquisa, mas receberá tratamento posterior. A pesquisa documental foi adotada como uma estratégia metodológica uma vez que permite resgatar, a partir dos registros produzidos dentro do contexto religioso, parte da história das práticas religiosas nas fontes primárias, com menor intervenção do pesquisador em campo na produção do registro. Apesar da coleta, tratamento e disposição dos dados ser um processo diretamente influenciado pela intervenção do pesquisador, os documentos levantados ainda são registros que foram, em sua grande parte, elaborados para outros fins (neste caso, comunicacionais). Estas reflexões sobre a prática de pesquisa documental foram melhor elaboradas nos trabalhos de Sá-Silva, Almeida & Guindani (2009), Nunes, Simeão e Pereira (2020) e Grazziotin, Klaus & Pereira (2022).

Além disso, partiu-se da revisão sobre as relações entre psicologia e protestantismo, as particularidades históricas e teológicas do neopentecostalismo como um fenômeno sociológico no Brasil, e sobre as práticas científicas de correção/conversão das sexualidades desviantes nos contextos mundial e brasileiro. Minha hipótese é de que as práticas de conversão sexual enunciam as homossexualidades como uma patologia moral, enquanto produzem os efeitos da regulação no corpo como estilo, gênero, práticas e desejo. Aliado ao uso dos documentos como fonte primária de dados, da revisão teórica sobre o protestantismo

---

<sup>2</sup> Nestas produções bibliográficas encontram-se trechos ou argumentos sobre as homossexualidades semelhantes aos presentes na literatura médica e psicológica do século XIX. Os autores se apresentam como profissionais liberais, médicos, psicólogos ou assistentes sociais, e relatam suas práticas profissionais sem prestar contas de seus procedimentos de coleta e análise de dados, ou submetê-los à avaliação por pares. O uso de aspas indica as estratégias retóricas e argumentativas presentes nestes textos. Sendo assim, “científico” não se refere aos ritos de produção do conhecimento científico, sua confiabilidade ou capacidade de verificação, mas a um estilo de texto e apresentação argumentativa que se propõe a explicar uma “verdade natural” sobre a sexualidade.

e sobre práticas de correção de gênero e sexualidade, são apresentados registros autobiográficos, entendidos como testemunho (Felman & Laub, 1992; Fricker, 2007;) de uma pessoa que foi submetida e subjetivou-se a partir de algumas destas práticas durante a infância e adolescência. O testemunho “de dentro”, neste caso, o meu próprio, é um ato de narrar um evento ou experiência do passado reconstituindo-os a partir da memória e percepção.

Em seu artigo “A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica”, a pesquisadora Elza Dutra (Dutra, 2002) apresenta como a experiência, descrita como todos os acontecimentos que podem ser apreendidos pela consciência de um organismo, pode ser apresentada como uma narrativa, compreendida na perspectiva de Walter Benjamin. O processo de narrar uma história implica desvelar a experiência vivida ou presenciada por um indivíduo, ao mesmo tempo que esta experiência é construída e reconstruída no campo da linguagem. Ao contar a experiência, o narrador sensibiliza o ouvinte, e convida-o a fazer parte dela. Também a partir do pensamento de Walter Benjamin, Fernandes (2019) retoma duas diferenciações importantes para a delimitação conceitual da narrativa. A primeira delas é que a narrativa se difere de gêneros como o romance, uma vez que ela é transmitida oralmente e coletivamente, e não a partir da leitura individual de um texto escrito. A segunda diferenciação é que a narrativa também se diferencia da informação. Enquanto, na última, o conhecimento ganha seu caráter de legitimidade a partir da verificação factual do seu conteúdo, na narrativa o conhecimento é validado pela autoridade do narrador, ou pela tradição de um ofício.

Esta definição de narrativa é um instrumento interessante para a investigação de fenômenos sociais mas, no fazer desta pesquisa, o segundo ponto me instigou mais. Ao contrário de compreender a narrativa como o ato de contar uma história, o debate sobre os critérios de reconhecimento da legitimidade do orador, da atribuição de verdade ao seu conteúdo, e das consequências políticas do exercício de narrar me chamaram mais à atenção. Uma outra definição que auxilia a compreensão dos relatos autobiográficos é a apresentada por Miranda Fricker (2007) de testemunho. Ela define este como a primeira forma de conhecimento sobre o mundo, uma vez que este se dá a partir da experiência sensível, da percepção e da constituição da memória. Para além da definição do testemunho como uma forma “primária” do conhecimento, nos interessa também como as formas de conhecimento se relacionam a um campo do exercício do poder.

A autora desenvolve o conceito de “injustiça epistêmica” para se referir a um dano feito à uma pessoa em sua capacidade como ser cognoscente (“a wrong done to someone specifically in their capacity as a knower” (Fricker, 2007, p.1). Este dano pode se dar nos

termos da atribuição de credibilidade pelo ouvinte a um sujeito, uma injustiça testemunhal, ou em um lapso coletivo, um intervalo dos recursos de reconhecimento das experiências sociais, uma injustiça hermenêutica. A autora cita dois exemplos que auxiliam na compreensão desta distinção: o primeiro deles é a legitimidade (ou ilegitimidade) atribuída ao depoimento de alguma pessoa por um policial em função de uma identidade racial; o segundo é a impossibilidade de enquadramento de uma situação de assédio sexual em uma cultura que não compartilha deste conceito. Apesar de estas situações envolverem, em algum nível, estas duas formas de injustiça, elas exemplificam, respectivamente, a injustiça testemunhal e a injustiça hermenêutica em seu funcionamento distinto.

Nas ciências sociais, por exemplo, especialmente na antropologia, a descrição do vivido é um instrumento de extrema relevância para o pesquisador. A partir da narração dos fenômenos, das percepções e registros de campo, e das interações entre pesquisador e seus sujeitos nas pesquisas de campo, como nas metodologias imersivas e participativas, compreende-se a constituição de alguns dos significados compartilhados no interior de um grupo ou comunidade. Todavia, o interlocutor imediato da pesquisa etnográfica são os pares acadêmicos, outros pesquisadores ou pessoas interessadas em um determinado tema de pesquisa, que poderão, a partir de uma série de rituais ou convenções, atribuir legitimidade epistêmica daquele relato como científico. Há diferenças significativas entre um testemunho como o exercício de narrar um acontecimento e um relato etnográfico, todavia, eles se aproximam no que diz respeito ao ato de *falar*, e os possíveis efeitos de verdade posteriores a ele.

Miranda Fricker (2007) reflete sobre o reconhecimento da legitimidade de um testemunho, tomando a injustiça epistêmica como um campo a ser investigado na filosofia do conhecimento. As relações entre a narrativa e história, seus efeitos políticos e éticos são apresentados no trabalho de Shoshana Felman & Dori Laub (1992), em seu livro “Testimony: Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis and History” que investiga sobre as relações entre testemunho, trauma, o discurso e a capacidade de sobrevivência. O testemunho pode ser entendido como uma organização narrativa, uma vez que ele permite recuperar a história a partir da memória, da percepção e das sensações experimentadas por um sujeito. A enunciação de um acontecimento, de uma cena experimentada ou presenciada, narra o passado numa outra temporalidade discursiva, através do reconhecimento da legitimidade de quem fala, e do atestado de sua presença tanto na cena narrada, como na cena de enunciação.

Em outros termos, é a partir do reconhecimento da presença de um corpo na cena de um acontecimento, e da capacidade daquele corpo de produzir um discurso audível que o



testemunho se torna um locus de conhecimento, seja científico, jurídico ou religioso. Laub (1992), no capítulo “An Event Without a Witness: Truth, Testimony and Survival” produz um enquadramento teórico para o testemunho, compreendendo as relações entre o ato de testemunhar<sup>3</sup> e a verdade. Uma das questões apontadas pelo autor, que emergiram a partir de seu próprio testemunho, como de outros sobreviventes do holocausto, é que este foi um “evento que não produziu testemunhas”.

Dori Laub (1992) argumenta que apesar do regime nazista ter produzido e implementado campos de extermínio, adotado políticas de genocídio e literalmente assassinado as possíveis testemunhas do holocausto, a própria destruição da esperança das vítimas e sobreviventes de serem ouvidos, reconhecidos como sujeitos e respondidos impediu, a qualquer envolvido neste evento, manter integralmente algum senso de totalidade e afastamento necessários para produzir um testemunho. Quem presenciou os eventos do holocausto “de dentro” dos campos de concentração foram as vítimas, os sobreviventes, ou pessoas envolvidas, em algum nível, com regime nazista. Laub (1992) argumenta que as vítimas e sobreviventes sofreram danos irreparáveis, em termos conscientes e inconscientes, em suas experiências. Enquanto isso, guardas, soldados e qualquer participante da Alemanha nazista que presenciaram estes eventos estavam afetados por um enquadramento que tornava impossível a eles reconhecer as vítimas como sujeitos ou relatar estes acontecimentos a outros “externos”. O próprio reconhecimento das vítimas e sobreviventes como sujeitos está afetado.

Laub (1992) continua argumentando que este funcionamento interno do holocausto implicou a destruição de um Outro a quem alguém poderia relatar, alguém que acolhesse o testemunho, reconhecesse um sujeito em quem fala, ou de quem fala, e lhe atribuísse alguma legitimidade discursiva. Nos testemunhos do holocausto recuperados ao longo do livro (Felman & Laub, 1992), a investigação psicanalítica e linguística aponta que o reconhecimento de si mesmo (“oneself”) das vítimas também parece afetado pelo quadro de reconhecimento do regime nazista, pelos eventos traumáticos e os danos ao psiquismo dos sobreviventes, tornando as cenas deste evento impossíveis de serem recuperadas totalmente, parcialmente opacas ou distorcidas psicologicamente. A perda da capacidade de contar a própria história a outro, de contar a própria história de si mesmo “de dentro” é “o verdadeiro sentido da aniquilação, quando a história de alguém é abolida, sua identidade também deixa

---

<sup>3</sup> [Tradução própria]

Compreende-se que: “witness” é utilizado tanto para o ato de “testemunhar” (to witness [v.]), como para se referir ao indivíduo que testemunha (witness [s.]). Já o relato produzido por um indivíduo que viu ou presenciou algo é traduzido como “testemunho” (testimony [s.]); e o ato de validar, confirmar ou conferir legitimidade ao testemunho de outro é traduzido como “atestar” (testify [v.]).

de existir” (Laub, 1992, p.82, [Tradução própria]). Os apontamentos de Felman & Laub vão em direção a reconhecer que o ato de testemunhar é, antes de tudo, um ato intimamente relacionado à capacidade de sobrevivência de um corpo.

era também a própria circunstância de estar dentro de um evento que tornou impensável a noção de que poderia haver alguma testemunha, sendo esta alguém que pudesse se afastar do quadro coercitivo de referência totalitário e desumanizador no qual aquele evento ocorreu, e oferecer um novo enquadramento pelo qual aquele evento poderia ser observado. (Laud, 1991, p.81)

Neste sentido, a compreensão dos relatos autobiográficos como testemunho permite reconstituir “de dentro” uma história irrecuperável, no enquadramento linguístico atual, sobre as relações entre “cura gay” e a experiência evangélica. A articulação desses diferentes materiais busca, ao invés de uma descrição objetiva dos fenômenos que ocorreram no passado, constituir-lo como uma memória posicionada no interior da análise teórica e científica. Isso também implica reconhecer o posicionamento diferencial da experiência em diferentes níveis macro e microssociais. Estas narrativas autobiográficas situam-se em dinâmicas que não são restritas a uma noção de identidade marcada por um individualismo totalitário. Uma vez que os corpos que materializam a identidade estão organizados em termos de raça, classe social, regionalidade, entre outros marcadores sociais, reconhecemos que a experiência (Brah, 1996) recuperada nestes registros também está entrelaçada a estes termos. A partir de um corpo branco, grande, designado ao sexo masculino ao nascimento, de uma família emergente Brasileira no início do século XXI, estas práticas de conhecimento se materializaram como uma diferença individual, mas também relacionada ao corpo social nos termos do gênero, branquitude, comportamento, sexualidade e religião. Como testemunhos, elas também são parciais e incapazes de descrever a totalidade dos eventos que enunciam, uma vez que estas memórias se encontram atravessadas pelas dinâmicas de violência e por experiências de ordem traumática. Todavia, a partir do reconhecimento de sua legitimidade, o testemunho e a memória permitem reconstituir a história de um dano individual e coletivo que permaneceu, até então, invisível ao enquadramento intelectual e científico.

Como argumentamos anteriormente, as práticas de conhecimento não interpretam uma realidade crua, mas produzem o que vem a ser a realidade nas relações que diz interpretar. Os estudos sobre a raça de M’charek (2013a, 2013b, 2014), M’charek, Schramm & Skinner (2013, 2014) demonstram como os objetos que são produzidos nestas relações não são limitados ou restritos ao intervalo temporal onde elas acontecem, mas articulam uma continuidade histórica de aparecimentos e ocultamentos numa topologia material da governança das fronteiras geográficas, do sequenciamento genético, diferenças fenotípicas e

culturais. No entanto, ao desenvolver do percurso metodológico surgiram tensionamentos e diferenças conceituais da perspectiva proposta pelas autoras citadas, o que será abordado na seção a seguir.

Nos debruçar sobre a história da patologização das homossexualidades a partir das continuidades entre as diferentes formas de conhecimento é o que torna possível observarmos estas mudanças de paradigmas, mas ainda lidando com o “gosto amargo” deixado por eles. A emergência do fenômeno da homossexualidade pode ser localizada na psiquiatria moderna na invenção do “sujeito homossexual”, mas seria um erro acreditar que antes disso não havia nenhum registro do fenômeno que hoje chamamos a homossexualidade. Da mesma forma, seria equivocado reduzir este debate à existência do “comportamento homossexual” em diferentes espécies, ou afirmar que a homossexualidade “sempre esteve presente” nas diferentes sociedades, em diferentes épocas. Ao invés disso, vamos compreender como essa presença aparentemente “natural” se dá numa contingência histórica específica, mas que mantém em seu núcleo algo que não pode ser localizado numa linearidade temporal, mas que é performado através do tempo ora atuando no corpo através da medicina e da psicopatologia, ora através das práticas religiosas, como exorcismos, orações, rituais de santificação e expurgo. Performado também a partir da regulação estatal, enquanto crime ou desvio moral, mas também a partir da constituição de identidades políticas, das formas de individuação e produção de subjetividades a partir do prazer e da experiência da sexualidade no corpo.

## **2.2 Normalização, heteronormatividade e discurso**

Frequentemente encontramos nos textos introdutórios sobre a história da psicologia a afirmação de que sua institucionalização se deu nos laboratórios experimentais na Alemanha no final do século XIX. Entretanto, como aponta Rose (2008), a psicologia não surgiu como ciência para depois ser aplicada sobre a realidade empírica, mas se institucionalizou a partir da demanda da administração da anormalidade. Foram as transformações sociais nos centros urbanos, nas fábricas, prisões, no exército, nas salas de aula e quaisquer outros ambientes onde a conduta humana individual e coletiva se tornaram problemas que fizeram emergir a pretensão de uma ciência da singularidade e da intimidade.

A partir do século XVII, a destituição das monarquias e o surgimento das instituições disciplinares gradualmente alterou a circulação do poder nas relações sociais, multiplicando e expandindo a atuação sobre o corpo individual. Cada ação ou comportamento, neste momento, seriam pensados a fim de tornar os sujeitos úteis para o desenvolvimento da economia. O investimento do poder na sexualidade não se deu mais em formas de repressão,

mas na proliferação dos discursos da sexualidade nas sociedades modernas. Ainda no século XVII, a contrarreforma católica exigia cada vez mais a descrição minuciosa das práticas sexuais nos confessionários, e marcava o início de um processo de incitação dos discursos da sexualidade na vida pública. Os desejos, pensamentos, sonhos, devaneios e quaisquer faculdades do corpo e da alma eram capturados por um discurso sobre sexualidade estrito, regulado, visível, e impermissivo de qualquer obscuridade ou opacidade (Foucault, 2017).

No século XVIII, a demanda pela administração do sexo surge dentro dos tribunais, da polícia, das escolas e dos hospitais psiquiátricos. A confissão nas pastorais católicas abre espaço aos consultórios médicos, e emergem outras formas de incitar discursos da sexualidade. No processo de industrialização e secularização das sociedades modernas, eles passam a ser organizados politicamente nos termos de análise, contabilidade, classificação e especificação da ciência positivista (Foucault, 2014). A medicina, especialmente a psiquiatria, se ocupa da sexualidade e dos esforços de controle moral dos vícios sexuais. Para além de reprimir a sexualidade, o controle exercido pelo saber médico incidirá sobre os corpos para torná-los úteis, a partir da distinção entre normal e patológico numa linguagem diagnóstica. O exame médico será um dos vários rituais nas instituições disciplinares cujo objetivo será identificar os desvios a partir de descrições e análises minuciosas do comportamento do indivíduo na construção de casos. O indivíduo será mensurado, medido, descrito e comparado aos outros, mas também terá de ser “treinado ou retreinado, tem que ser classificado, normalizado, excluído etc.” (Foucault, 2014, p.187). Normalização, neste pensamento, não é a aplicação de um conjunto de regras ou leis, mas o funcionamento e integração de aparelhos e dispositivos cujas funções serão de regulação. “Uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida” (Foucault, 2017, p.156).

No pensamento de Butler (2014; 2019) a materialização da norma regulatória no corpo é empreendida por atos que delimitam seus contornos, gestos e movimentos. As normas não existem enquanto uma entidade exterior, um poder que atua sobre os sujeitos, mas residem numa atuação reiterada, performativa, um processo que faz aparecer sujeitos em atos que estabilizam, mas também subvertem o poder. Na sua dimensão mais produtiva, o discurso produz os efeitos que nomeia a partir do constrangimento e da regulação. A heterossexualidade compulsória institui um modelo normativo para o reconhecimento em nossa sociedade. Ela estabelece a distinção e a oposição entre masculino e feminino, e estabiliza o desejo heterossexual como natural (Butler, 2017). “O ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo” (Butler, 2017, p.53)

Uma concepção próxima à de uma matriz heterossexual é aquilo que Berlant & Warner chamam “heteronormatividade” (1998). Este é um termo que adentrou o vocabulário contemporâneo *queer*, como uma forma de compreender as diferenciações internas às identidades LGBT, e as desigualdades produzidas no entorno delas. Todavia, a concepção de Berlant & Warner se refere a maneira que um conjunto complexo de práticas e arranjos da vida social serão inteligíveis como heterossexualidade, articulada a senso implícito de normalidade e virtude moral. As práticas sexuais se confundem com o enredo da intimidade e familismo em de cenas de intimidade, copulação e parentesco restritas às narrativas geracionais e reprodutivas. A heteronormatividade restringe os campos de reconhecimento e abjeção de sujeitos e práticas sexuais. Estas diferenciações também aparecem no pensamento de autoras como Gayle Rubin (2017, p.83), que argumenta que “as sociedades ocidentais modernas avaliam os atos sexuais segundo um sistema hierárquico de valor sexual”. Nesta hierarquia, o sexo heterossexual dentro do casamento para a procriação está no topo, seguido pelo sexo entre casais heterossexuais monogâmicos e a grande maioria das outras práticas heterossexuais. A gradação dessa pirâmide também organiza uma gradação de reconhecimento e prestígio. Os valores atribuídos àqueles no topo são de respeitabilidade, saúde, legalidade, apoio institucional e benefícios materiais, enquanto aqueles que integram as comunidades eróticas abaixo estarão sujeitos à criminalização, patologização e outras formas de violência institucional, além de sanções econômicas e sociais.

Quando utilizamos as problematizações anteriores sobre a multiplicidade dos objetos e processo de normalização como ferramentas epistemológicas e metodológicas, nos colocamos frente a um outro problema: existem inúmeros objetos que permanecem opacos à estas práticas de conhecimento. A patologização e despatologização das homotranssexualidades é campo que se debruça sobre práticas sociais que aparecem como naturais, ou seja, são ideais ou normas tácitas da organização social, enquanto outras têm sua circulação estrangida por códigos jurídicos ou morais, que se dobram e desdobram em diferentes marcos temporais ou regionais. No entanto, além da distribuição ou organização política da sexualidade, estas práticas de conhecimento também produzem os próprios objetos desta política: o sujeito e as suas formas de existir no mundo. Como mostraremos mais adiante, o discurso evangélico sobre a sexualidade opera proibições explícitas na doutrina religiosa, mas se esforça continuamente para estabelecer um senso de normalidade heterossexual implícito.

Apesar de concordar com os apontamentos sobre a multiplicidade dos objetos pelas autoras neomaterialistas, não pretendo seguir um percurso metodológico praxiográfico da “cura gay”. Aproprio-me da complexidade dos objetos múltiplos para compreender que as

práticas de conhecimento produzem diferentes objetos, apesar de articularem entre si coerências e fixações em redes de atores humanos e não humanos. O que compreendo é que as “interpretações” não se debruçam sobre o mesmo objeto, mas performam objetos diferentes e isso me abre novos questionamentos para pensar os discursos evangélicos. Contudo, percebi que a descrição das práticas e atores que performam a homossexualidade nos contextos de conversão religiosa é insuficiente para investigá-las. Para desenvolver uma praxiografia da conversão religiosa da sexualidade eu teria de identificar como os atores performam em cena, o que exige o acesso à própria cena, onde me tornaria um dos atores desta produção material. Isto seria possível em dois cenários: 1) apresentando-me como um pesquisador interessado em compreender as práticas de conversão religiosa da sexualidade, frequentando as reuniões e os serviços ministeriais oferecidos por em uma igreja específica; ou 2) observar estas práticas como um “intruso”, voluntariamente me submetendo às práticas de conversão religiosa da sexualidade.

O primeiro desenho metodológico, adentrar o campo como um observador externo, encontra seus limites na “contaminação” excessiva do campo. Não acredito que seja possível produzir nenhum tipo de registro livre de interpretação ou ação do pesquisador. Como argumentado anteriormente, a censura é um elemento que precede a escrita de qualquer texto, e em sua forma mais eficaz atua de maneira implícita. No entanto, o movimento de adentrar um campo para registrar estas práticas religiosas produziria efeitos problemáticos para a investigação destes objetos. Como disse anteriormente, meu interesse primário está no fenômeno religioso e nas relações diretas entre os crentes, e nas formas que eles articulam diferentes formas de conhecimento para produzir uma conversão/cura da sexualidade. Todavia, compreendo que por se tratar de um objeto problemático situado em meio a uma disputa política pela sua legalidade/ilegalidade, a presença de um observador externo alteraria significativamente as condições para seu aparecimento.

Já a segunda proposta esbarra em limites éticos relacionados à segurança do pesquisador e em relação com o “grupo” estudado. Por um tempo considerei adentrar o campo como objeto destas intervenções, e produzir um registro destas práticas religiosas. No entanto, assumir esta postura “obscura”, ocultando meus interesses de pesquisa tornaria impossível elaborar uma investigação que ultrapassasse uma denúncia ou acusação. Este desenho não me pareceu consistente com as questões que levantei anteriormente sobre as formas de constituição subjetiva, com as dimensões implícitas da sexualidade e da religião, e de sua corporalidade. Uma vez que só poderia ter acesso a este registro ocultando meus interesses e performatizando ações ensaiadas de conversão ou outros rituais religiosos, minha pesquisa

estaria restrita a compreender os conteúdos e significados explícitos compartilhados entre os crentes sobre a conversão sexual e religiosa. Apesar de acreditar que este desenho metodológico de “roleplay” da conversão religiosa traria elementos que levantam novas problemáticas para o conhecimento científico sobre o funcionamento interno das comunidades religiosas, este não é meu interesse de investigação.

Eu caminho na direção de compreender quais efeitos estas práticas produzem performativamente no corpo. Decidi recorrer aos registros autobiográficos para recuperar e dispor alguns destes elementos “internos” do contexto evangélico que permanecem opacos às práticas de produção do conhecimento científico por seu próprio caráter religioso. Como os processos que busco descrever são os processos que me constituíram parcialmente, esta escrita é marcada por um ponto de impossibilidade da separação entre sujeito e objeto, mais precisamente, entre as práticas de construção de um objeto de pesquisa e as práticas que a pesquisa busca descrever. Donna Haraway fala sobre a experiência e a localização dos corpos na produção do conhecimento científico. Ela defende a importância do feminismo e da sua articulação com a ciência, na medida em que “O feminismo tem a ver com uma visão crítica, consequente com um posicionamento crítico num espaço social não homogêneo e marcado pelo gênero” (Haraway, p.31). Neste sentido, há o reconhecimento de que a política é uma parte interna da produção do conhecimento científico, e assim, se propõe deslocamentos epistemológicos e metodológicos uma vez que deslocam-se também os pontos de observação:

Estou argumentando a favor de políticas e epistemologias de alocação, posicionamento e situação nas quais parcialidade e não universalidade é a condição de ser ouvido nas propostas a fazer de conhecimento racional. São propostas a respeito da vida das pessoas; a visão desde um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, versus a visão de cima, de lugar nenhum, do simplismo. (Haraway, p.30)

Decidi levar minha experiência de quem já foi uma criança “nascida e criada” na Igreja como um elemento importante para esta reflexão. Para além de explicar o meu interesse de pesquisa, estes registros autobiográficos permitem expor minha relação particular com o objeto e tema desta pesquisa. Avtar Brah, no livro *Cartographies of Diaspora*, apresenta o argumento de que “há uma diferença qualitativa quando esta ficção em movimento que chamamos de “Eu” ou “Mim” está diretamente sujeita dentro de práticas discursivas específicas” (Brah, 1996, p.9). Enquanto apresenta seus registros autobiográficos na introdução do livro, a autora argumenta sobre como contradições incorporadas na produção da identidade também atravessam a produção de seu texto.

Os registros que são incorporados à minha análise permitem acessar alguns destes elementos particulares das práticas religiosas e seus efeitos. No entanto, a localização destes

registros num tempo e espaço torna estes fragmentos de memórias registros precários, já que este “Eu” que relembra sobre a infância e adolescência agora escreve este texto, e também se alterou neste processo e também permanece relativamente opaco a “si mesmo”. Tomo a experiência tanto como um registro etnográfico, como a própria condição para o pensamento sobre os objetos, e minha relação com eles. A experiência (Brah, 1996) não reflete um registro fidedigno da “realidade”, mas é o próprio efeito discursivo dos processos que constituem a realidade em sua opacidade. Compreende-se que estas memórias não se relacionam somente com minha história pessoal, mas também integram os efeitos performativos do discurso, uma dimensão coletiva da produção de subjetividades, neste caso, em contextos evangélicos. Parafraçando Avtar Brah, “Eu também interrogo minha própria biografia política porque ela está entrelaçada com meu trabalho intelectual” (Brah, 1996, p.9).

Meu interesse pela sexualidade e religião como campos de produção subjetiva me levou a recuperar as reflexões de Foucault (2009) sobre os modos pelos quais nos tornamos sujeitos através das relações de poder. O termo sujeito aqui é tomado em seus dois significados: o primeiro é o de estar sujeito a alguém; o segundo, o sujeito como uma fixação identitária de uma consciência ou autoconhecimento. “Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a” (Foucault, 2009, p.235). Partindo do surgimento do Estado, como uma forma de poder específica que surge a partir do século XVI, o autor identifica a combinação de técnicas de individualização e procedimentos de totalização originados nas instituições cristãs, “Podemos chamar esta tecnologia de poder pastoral” (Foucault, 2009, p.236).

Esta é uma organização muito específica do poder. É uma forma cujo objetivo é garantir a salvação em *outro mundo*; quem exerce o poder pastoral não somente comanda, como também deve estar disponível a sacrificar-se pelo rebanho; é uma forma de poder que se preocupa tanto com a comunidade, um rebanho, como com cada indivíduo durante toda sua vida; e por fim, é uma forma de poder que “não pode ser exercida sem o conhecimento da mente das pessoas, sem explorar suas almas, sem fazer-lhes revelar os seus segredos mais íntimos. Implica saber da consciência e da capacidade de dirigi-la.” (Foucault, 2009, p.237).

O Estado pode ser considerado uma “matriz moderna da individualização ou uma nova forma do poder pastoral” (Foucault, 2009, p.237). Observa-se que esta passagem também implica mudanças nas operações de poder. A primeira mudança diz respeito ao seu objetivo. Ao contrário de uma salvação em outro mundo, o Estado assume um compromisso de assegurá-la ainda neste garantindo a saúde, o bem-estar, a segurança, a proteção, entre outros “bens”; A segunda mudança nesta forma de poder foi a ampliação dos atores sociais a



partir do reforço da administração do poder pastoral pelo Estado, dos empreendimentos privados e também por estruturas complexas, como a medicina, que incluíam iniciativas públicas ou privadas. Estas estruturas complexas são o que chamaremos de “disciplinas”. Estes esforços multiplicaram tanto os objetivos como os agentes do poder, e organizou o desenvolvimento do saber sobre o *homem* em torno de dois polos: um polo globalizante e quantitativo, que concerne à população; e um polo analítico, que concerne ao indivíduo. (Foucault, 2009, p.238)

O que esta perspectiva sobre o poder coloca em jogo é menos quem detém o poder, e mais como este poder é exercido, uma vez que o que analisamos aqui são as relações entre os indivíduos ou grupos. As relações de poder só são possíveis quando há o exercício de “uns” sobre os “outros”, mais que isso, na capacidade da ação destes “outros”. “Ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas sempre é uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir” (Foucault, 2009, p.243). Ao contrário da violência e da imposição sobre os corpos através da força, o poder se caracteriza por seu objetivo final de manter o corpo vivo numa relação de sujeição. Como um exemplo mais ou menos preciso, podemos pensar que a inquisição foi uma forma de exercício da violência por parte da igreja na idade média para o exercício do controle da sexualidade, com rituais públicos de punição como o suplício; enquanto a prática de confissão se consolidou na idade moderna como uma forma de controle privilegiada, na medida em que mantém o corpo vivo, mas constrangido por uma gramática do pecado e da culpa.

Estes são alguns dos conceitos que precedem o percurso metodológico que traço. Não compreendo metodologia como um roteiro a ser seguido, mas como o conjunto de reflexões sobre sobre minha relação com os objetos e materiais que investigo, como os apreendo, descrevo e faço-lhes aparecer aos leitores. A distribuição igualitária destes materiais e objetos dentro do argumento é uma tentativa de fazer aparecer, com mesmo peso, as memórias de infância e adolescência, que encaro como testemunhos da experiência religiosa e religiosos, os achados de outras pesquisadoras e pesquisadores, os relatórios publicados por associações científicas internacionais, o texto bíblico e religioso, e por fim, os arquivos bibliográficos de vídeos de testemunhos, pregações, álbuns musicais, folhetos, materiais didáticos e de orientação de pastores. Estes são alguns dos materiais que encontrei “perseguido” a cura gay durante os dois anos e alguns meses desta pesquisa.

De que formas meu objeto foi constituído? Como ele se manterá coerente através do tempo, ao mesmo tempo que mutável a ponto de se transformar em outro completamente

distinto, mas completamente idêntico em decorrência das mudanças históricas que ocorreram nas últimas décadas? Esta dobra temporal sobrepõe o fenômeno da homossexualidade contemporâneo, os discursos de uma “democracia sexual”, os discursos médicos e psiquiátricos que emergiram no século XIX, as ideias psicológicas presentes no pensamento cristão sobre a “alma” e “corpo”, os fundamentos da reforma protestante, a teologia pentecostal, o contexto de emergência e ascensão das igrejas neopentecostais e evangélicas no Brasil, “pecado”, “crime”, “sodomia”... tudo isso performando uma fixação temporal e espacial, criando a “cura gay” como uma categoria estável em sua multiplicidade.

Ao longo dos dois anos de mestrado, percebi que poucos trabalhos na psicologia sobre “cura gay” exploraram a fundo a questão da religião como uma forma de conhecimento sobre a sexualidade. Eles mencionam alguns dos elementos que integram o campo religioso, como os testemunhos e pregações de pastores, mas ainda se debruçam sobre o tema tomando a religião como um problema, um ruído ou desafio, para a psicologia científica e a afirmação da diversidade. Não discordo completamente desta “interpretação”. Os discursos religiosos, especialmente evangélicos, se tornaram desafios para a discussão sobre os direitos de minorias sexuais na esfera pública. No entanto, não assumo que a “psicologia científica” teria algo para “revelar” à religião sobre a diversidade da experiência humana. Para mim, essa postura parece estabelecer um *continuum* progressista no qual a religião seria um empecilho ao progresso da sociedade. Essa posição, apesar de estratégica, não me oferece os recursos analíticos que a complexidade do objeto constituído exige.

O que identifiquei na revisão bibliográfica sobre “Cura gay” no Brasil foi uma disputa pelo objeto “homossexualidade” na arena pública. Voltei às conceituações de hegemonia e discurso, como propostas por Laclau e Mouffe (2015), para tentar compreender como esta disputa se estabelece, e como poderia adentrar esta arena. Estes autores entendem a política como uma articulação, e não atribuem nenhuma fixidez a quaisquer identidades sociais, tampouco vínculos naturais entre os sujeitos e as práticas. A noção de discurso como uma prática articulatória que constitui e organiza as relações sociais, não uma entidade meramente cognitiva ou contemplativa (Laclau & Mouffe, 2015, p.167) pareceu ir de encontro com o caráter produtivo das práticas de conhecimento e também a sua fluidez: Laclau e Mouffe chamam de articulação “qualquer prática que estabeleça uma relação entre elementos de tal modo que a sua identidade seja modificada como um resultado da prática articulatória” (Laclau & Mouffe, 2015, p.178). Aqui, voltamos a análise para o discurso a partir de sua forma, e não somente de seu conteúdo.

Estes autores apresentam o argumento de que a coerência dos discursos não se dá a

partir de coerências lógicas, nem mesmo seria atribuída por um sujeito anterior a eles. Ao invés disso os autores recorrem ao que Foucault chama de “regularidade em dispersão” para compreender como os discursos se reproduzem socialmente, rejeitando também distinções entre práticas discursivas e não-discursivas. Os elementos articulados e proliferados no interior do discurso clínico, por exemplo, não poderiam se constituir por completo sozinhos. Eles precisam ser parcialmente modificados pelas próprias relações de sua dispersão, para tornar-se coerentes ao discurso.

Antes de seguirmos adiante, faremos algumas conceituações importantes para a compreensão deste argumento. Toda diferença não articulada discursivamente é chamada de “elemento”. Quando articuladas no interior de um discurso, as posições diferenciais serão chamadas de momentos. A totalidade estruturada das práticas articulatórias será o que chamamos aqui de discurso (Laclau & Mouffe, 2015). As especificidades das regularidades do discurso e sua coerência só podem ser pensadas de formas parciais, nunca totais, sempre constituídas “em alguma região intermediária entre os elementos e momentos” (Laclau & Mouffe, 2015, p.181)

Também podemos pensar que a dispersão dos enunciados sobre a sexualidade, sejam eles médicos, religiosos ou morais, se dá em termos performativos. Isto é, a partir da repetição a heterossexualidade e homossexualidade são constituídas contingencialmente como posições diferenciais dentro do discurso hegemônico, e também se relacionam a outros discursos e práticas sociais. Nesta contingência, os próprios objetos são constituídos como sua própria origem ou natureza, e se fundamentam na sua repetição, se legitimando a partir das relações que estabelecem com as outras identidades dentro do campo discursivo hegemônico. A concepção de heteronormatividade, aqui, é uma ferramenta importante para compreender como a heterossexualidade se relaciona a outras identidades carregadas de valor moral e um senso implícito de normalidade, como o casamento e a família no discurso religioso.

Mas é na medida em que a repetição falha, que os deslocamentos se tornam possíveis dentro do próprio campo de inteligibilidade social. Entendemos aqui que o enunciado nunca está restrito a uma temporalidade imediata. A repetição dos atos de fala “excede a si mesmo em direção ao passado e ao futuro, é um efeito de invocações prévias e futuras que simultaneamente constituem a instância do enunciado e dela escapam” (Butler, 2021, p.15), assim, é a partir das falhas que ocorrem entre os movimentos das lógicas de equivalência e diferença que outros efeitos podem emergir, contestando e disputando pelo reconhecimento, através do reconhecimento da diferença enquanto desigualdade, e dos antagonismos. É exatamente porque a relação entre “heterossexualidade” e “normalidade” é contingente à sua

articulação no discurso, que podem surgir as disputas pela legitimidade destas regulações.

Por isso, vamos aproximar o conceito de heteronormatividade ao discurso para compreender como as práticas articulatórias produzem a própria identidade e diferença como seu resultado. Isto é, a heterossexualidade enquanto uma prática social presente em várias esferas da vida social. Os elementos no discurso heteronormativo são as posições que aparecem ainda não articuladas em seu interior, mas que se relacionam com outras cadeias de significados presentes em discursos científicos, religiosos ou morais: homem; mulher; reprodução; casamento; família; natureza; sodomitas; pecadores; anarquistas; loucos; perversos; homossexuais; indecisos; pederastas; doentes; criminosos;...

A articulação é o movimento de transformar estes elementos em momentos, em posições diferenciais articuladas em relações de equivalência ou diferença dentro de um discurso. Ou seja, torna o “casamento” algo que equivale à relação entre “homem” e “mulher”; “reprodução” e “natureza” como sinônimos que se opõem diferencialmente aos “homossexuais”, “pederastas”, “doentes” e “criminosos”.

Os movimentos de diferenciação e equivalência destas identidades podem produzir antagonismos e subversões dentro da inteligibilidade social. Um exemplo disto é quando grupos de psiquiatras europeus se posicionaram contrários à criminalização das homossexualidades no século XIX e XX, defendendo que esta seria uma condição patológica dos indivíduos, que não deveriam ser punidos criminalmente por suas práticas sexuais. Os limites entre estas identidades foram tensionados, e num lugar “entre” os momentos e os elementos surgiram antagonismos entre “criminosos” e “doentes”. Novas diferenças, que até então não eram possíveis no regime da inteligibilidade social, emergiram. A reivindicação da homossexualidade como uma patologia permitiu, temporariamente, o reconhecimento de algum direito ou legitimidade nesta posição. O antagonismo, portanto, não é a produção de um outro argumento, ou a negação do anterior, mas reivindica a mudança na própria lógica sobre a qual aquele argumento foi construído.

A tarefa, então, é mais difícil que tornar um corpo visível num enquadramento social. Transformar elementos em momentos pode ser parte importante de uma tarefa emancipatória, mas ainda assim, não significa um rompimento ou questionamento da legitimidade do discurso hegemônico. Ao invés disso, pode ser uma das formas de legitimação dele, uma vez que toda forma de consenso é, de algum modo, resultante de uma articulação hegemônica. Ao invés disso, o que se propõe aqui é a produção de uma nova disputa pela hegemonia, que articule-se em e criando novas cadeias de equivalência. Essa proposição assume um risco de não ter um fim já estabelecido de antemão, uma vez que não é possível prever quais as

consequências da intensificação de um antagonismo e da disputa pela hegemonia. Este é um horizonte político em aberto, que não vislumbra um fim, mas um processo constante de luta por outras formas de vida.

Ao distanciarmos-nos do pensamento que atribui valor negativo à hegemonia, e tentar compreender como ela se constitui contingencialmente, também nos distanciamos de qualquer possibilidade de atrelar uma consciência preexistente ao sujeito que será posteriormente alienada pela ideologia hegemônica. Nos esforçamos para compreender como as diferenciações entre práticas de conhecimento abrem possibilidades de discutir sobre as formas de sua representação política: como se define, afinal, a política, e de que maneiras essa nomeação produz o próprio sujeito político como efeito performativo dela. Não é suficiente dizer que a política é o local de negociação entre interesses dos múltiplos atores sociais performando diferentes práticas de conhecimento religioso, ou científico. A própria gestão desses interesses estabelece as condições de aparecimento dos mesmos, e delimita o campo da investigação.

Ao estabelecer a regulamentação estatal como a principal, ou talvez única, esfera para mobilização política acerca da “cura gay” não nos atentamos que estas práticas tensionam as próprias racionalidades institucionais que definem os objetos da regulação estatal. Afirmar isso significa dizer que é impossível separar as mobilizações em representações de sujeitos políticos racionais, procedimentais e legítimos em oposição à sua negação, sujeitos ideológicos, identidades hegemônicas por essência, atrasadas numa gramática de progresso da ciência e da liberação sexual na contemporaneidade. Qualquer esforço nessa direção já predestina a realidade social ao fim de um discurso hegemônico diferencial, que articula ciência e religião como posições opostas que disputam a legitimidade de saber sobre a homossexualidade.

A partir das sobreposições de distintas espacialidades e temporalidades, podemos compreender como um discurso sobre as homossexualidades, e as práticas de conversão sexual, se constituem como realidades sociais múltiplas, que se relacionam entre si. Estas articulações entre a valoração negativa da homossexualidade, como um desvio moral das expectativas de gênero, o conhecimento científico e “pseudocientífico” que fundamenta e funda noções psicológicas e parapsicológicas de sujeitos e psicoterapias, e por fim, as tradições religiosas, sobretudo cristãs, produzem inúmeras formas distintas das homossexualidades e também das heterossexualidades. Ora ela serão performadas como uma possessão demoníaca a ser vencida, outrora como um martírio a ser superado; ora como um sujeito, outrora como um pecado; outras vezes como a sobreposição entre ambos, um híbrido

“sujeito-pecado”, fruto de maldições hereditárias, uma fraqueza de espírito da qual estariam todas as pessoas sujeitas. Por isto, o par oposto e complementar *heterossexual-homossexual* é indissociável do contexto onde foi performado, e não podemos elaborar uma teorização única sobre como as religiões cristãs os interpretam, nem sobre a “Cura gay” como um todo, porque apesar das cenas onde eles acontecem serem intimamente sequenciadas, elas ainda se mantêm radicalmente distintas entre si, e dependem dos outros elementos quais serão articuladas. O processo que me interessa, aqui, é a articulação de algumas destas formas de conhecer o mundo.

Desta forma, partimos da compreensão do neopentecostalismo como um discurso, como definido por Laclau & Mouffe (2015), que produz posições diferenciais em seu interior, neste caso a “homossexualidade” e “heterossexualidade”, e que também disputa uma hegemonia na *arena pública* acerca da legitimidade e dos limites de sua regulação. Também são marcos teóricos importantes para a fundamentação deste trabalho as análises sobre a materialidade do discurso no corpo (Butler, 2019), os efeitos da proibição e censura como expansões discursivas sobre a sexualidade (Butler, 2021), e o conceito de performatividade de gênero (Butler, 2017).

Partimos do pressuposto que alguns atos de fala não se restringem a descrever um evento ou situação. Ao invés disso, alguns deles criam os próprios objetos que citam a partir de sua repetição. Estes atos, chamados atos performativos, estão inseridos numa rede de significados que extrapolam a agência soberana dos indivíduos. Isso significa reconhecer que aquele que age é constituído dentro de um campo linguístico de restrições permissivas, e cuja ação é, de alguma maneira, estrangida por um campo de significados anterior à sua existência (Butler, 2021). Sendo assim, ao nos interrogar sobre as práticas religiosas organizadas como um discurso, também nos interrogamos sobre quais objetos elas criam, ou melhor fraseando, quais Sujeitos e Identificações elas buscam produzir em sua materialidade a partir da citação e da repetição numa cadeia de significados.

Este trabalho não investiga as intenções dos líderes religiosos, ou tenta desvelar o que está “por trás” das igrejas evangélicas brasileiras. Ele é uma tentativa de rearticulação de alguns elementos históricos, registros documentais e testemunhos cujo objetivo é tornar visível um campo de experiências sensíveis que contribuem para a compreensão dos fenômenos psicossociais para além de explicações causais, que reafirmam a posição dos sujeitos que integram estas comunidades religiosas como inevitavelmente explorados economicamente, a partir do consumo de produtos evangélicos; alienados ideologicamente, a partir da distribuição desigual do poder entre os membros; ou manipulados psicologicamente,

a partir do caráter emocional das experiências religiosas carismáticas. Busca-se adentrar o campo de estudos sobre preconceito contra homossexualidades a partir de análises de cenas específicas localizadas dentro das redes de significados que organizam a experiência religiosa evangélica, compreendendo quais outros atos linguísticos são invocados nestas ações que constroem e tornam visíveis algumas formas da sexualidade dentro de uma moralidade cristã. Pretende-se compreender como, através do poder, constrói-se a ação a partir de ações, e não de estatutos imutáveis e determinações unilaterais. A maior contribuição de uma análise performativa dos atos de cura é como eles convocam os sujeitos a transformarem seus próprios corpos cotidianamente, deslocando o olhar para um conjunto de relações íntimas com o próprio corpo que ultrapassam as falas dos líderes religiosos, e que se repetem com relativa autonomia à eles. Me interessa como uma forma de subjetividade é constituída nos processos de cura religiosa da sexualidade, para articular novas teorizações que fomentem análises democráticas e emancipatórias dentro do campo da religião, da afirmação dos direitos à diversidade no campo de sexualidade e gênero, e sobretudo, no conhecimento científico.

### 3. PROTESTANTISMO NO BRASIL, PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E POLÍTICA SEXUAL NEOPENTECOSTAL

Nas investigações sobre a história da ciência, percebemos as inúmeras transformações do pensamento e das formas pelas quais interpretamos e transformamos a realidade. Podemos, por exemplo, localizar uma destas transformações na transição da idade média à idade moderna. O processo de racionalização da sociedade, e por consequência a redução da influência da Igreja Católica no Estado, fomentou a criação de novas formas de conhecimento e organização social. A Reforma Protestante foi um destes movimentos que promoveram o que chamamos de *laicização* da sociedade. Todavia, estas transformações não aconteceram por completo, e as tensões entre religião, ciência e Estado ainda movimentam os atores políticos em nossa sociedade. Como argumentamos anteriormente, o estabelecimento de uma forma nova de Poder na idade moderna, o Estado, incorporou em seu funcionamento tecnologias que já eram empregadas pela pastoral católica. O poder disciplinar deu continuidade ao interesse sobre a intimidade e a sexualidade, desta vez, ampliando os atores sociais e multiplicando os “bens” que este visa promover ou garantir.

Como argumenta Jacó-Vilela (2001), os paradigmas ontológicos que alicerçaram a emergência da experiência do indivíduo moderno e a ascensão do capitalismo foram profundamente influenciados pelos ideais da reforma protestante. A vocação no luteranismo deslocou as formas de relação do “homem” com o mundo para fora da oposição entre leigos e o clero; e a predestinação no pensamento calvinista deslocou a relação entre o “homem” e Deus para fora da mediação da igreja católica e de seus rituais. A partir da diminuição do poder da Igreja, os limites do indivíduo foram expandidos e agora sua salvação estava intimamente ligada às suas *obras* e suas condutas. Na transição do feudalismo ao capitalismo, a transformação do mundo, a agência dos sujeitos, torna-se uma prova-de-fé, e o trabalho e a abnegação dos prazeres passam a garantir a segurança ou certeza da salvação do inferno eterno. As relações solitárias com Deus, com o trabalho e mundo inauguraram uma nova subjetividade marcada pela intimidade e autodeterminação no indivíduo moderno.

Ainda no século XIX surgiram as primeiras igrejas protestantes no Brasil, fundadas por missionários estadunidenses e europeus, marcadas pelo discurso que alinhava a fé protestante ao espírito de progresso da modernidade. A tendência ao vício e imoralidade, bem como a incivilização do povo brasileiro descrita pelos missionários eram fatores prejudiciais não somente à salvação, mas ao desenvolvimento nacional. As transformações políticas e econômicas promovidas pelo republicanismo, alinhado aos discursos higienistas que defendiam a reordenação dos espaços públicos e privados no final do século XIX e início do



século XX, foram de encontro ao ideal civilizatório das primeiras comunidades protestantes no país. Como esforço civilizatório, estas expandiram o espaço dos protestantes na sociedade brasileira a partir do investimento na educação e alfabetização junto às práticas missionárias de evangelização (Degani-Carneiro & Jacó-Vilela, 2012).

Durante o século XX, o protestantismo se expandiu entre a classe trabalhadora brasileira em meio ao processo de migração para os centros urbanos. As novas doutrinas pentecostais promoveram uma experiência religiosa a partir da revelação e incorporação do Espírito Santo, manifestada a partir de dons espirituais, como as línguas espirituais e profecias. Surge também uma nova gramática da salvação a partir da abdicação do secularismo e da reivindicação de uma vida modesta. Alguns estudos (Antoniuzzi et. al., 1994; Mariano, 2014; Francisco, 2014) sobre o pentecostalismo e neopentecostalismo no Brasil identificam as condições de desigualdade econômica acelerada, e a consolidação da ideologia liberal em nossa sociedade como alguns dos fatores que possibilitaram a sua expansão entre as camadas mais pobres.

Como afirma Francisco (2014), a partir da década de 1980, através da atuação da Igreja Universal, um novo pentecostalismo passou a disputar o espaço urbano e midiático no Brasil. Ao contrário do pentecostalismo clássico, e das diferenciações *mais ou menos* precisas entre os sistemas teológicos que integram as diferentes denominações protestantes, este é um movimento marcado por um hibridismo teológico e gestão mercadológica das igrejas. Todavia, ele se aproxima do pentecostalismo clássico na ênfase nos dons espirituais, revelação divina e na experiência do avivamento, e encontra base na sua expansão nas rádios e programas de televisão brasileiro ao redor da metade do século passado, mas ao mesmo tempo se diferencia deste no que diz respeito à

liberação dos hábitos da vida cotidiana, como formas de vestir; defesa da “teologia da prosperidade”; acentuada ênfase na atuação do diabo como explicação dos males; combate às religiões mediúnicas e ao catolicismo; extensa prática de rituais de cura e exorcismos; ostensiva atuação midiática e político-partidária, estruturada, em geral no modelo de gestão empresarial adotado pela Igreja Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça, Renascer em Cristo, Mundial do Poder de Deus, Ministério Sal da Terra, e uma miríade de denominações evangélicas de origem mais recente. (Francisco, 2014, p.14-15)

Segundo Próchino, Paradvini e Gonçalves (2008), na ótica neopentecostal a origem de todos os males é a ação diabólica, que se serve dos estilos de vida contrários à vontade divina. Nesta interpretação, a secularização das sociedades contemporâneas, que é entendida como o esvaziamento da figura de Deus, tem como consequência a emergência de sofrimentos de diversas ordens. Assim, o dispositivo da cura entre os neopentecostais “remete à idéia de uma transformação da existência do fiel na superação de todas as suas formas de

sofrimento e em meio a todos os contextos vitais nos quais se encontra” (Próchino et. al. p.595). A demanda por cura marca uma entrada em uma nova forma de subjetivação sob regência da fé, onde o sujeito é convocado a empreender mudanças em sua vida e abandonar a submissão às seduções do diabo. Nas vertentes neopentecostais as manifestações corporais do preenchimento do corpo pelo Espírito Santo são parte das ritualísticas da conversão, bem como os rituais de despossessão e exorcismo dos espíritos opressores.

O debate sobre a conversão na experiência religiosa privilegia a experiência interior do indivíduo que se converte. Ela não é entendida como “adesão” a uma nova religião, ao invés disso, ela representa um processo de transformação e mudança em nível de pensamento, sentimentos e atos dos indivíduos em sua solidão em relação ao divino (Freitas & Holanda, 2014). Na trajetória de conversão neopentecostal, a realidade interna dos sujeitos é descrita em termos de disputa espiritual entre forças divinas e diabólicas: os desejos carnis e tentações demoníacas estarão em constante conflito com o propósito divino, que é alcançado quando o convertido “nega-se a si mesmo”. Se na psiquiatria moderna o desvio foi utilizado para se referir às práticas sexuais que representavam anomalias das funções sexuais, nas comunidades evangélicas, desviado é o termo utilizado para se referir aos ex-crentes, aqueles que se distanciaram do caminho da salvação, sucumbindo ao secularismo. Para analisar a regulação da sexualidade, compreendemos como a conversão é empreendida como um procedimento de cura sobre estes desvios morais patológicos, interpretação presente nos testemunhos e relatos de pessoas que se apresentam como ex-homossexuais, ou homossexuais abstinentes.

A confissão pública, nesses casos, se apresenta como uma das ferramentas para esta cura. Na experiência neopentecostal, ela representa “o ato de proferir os pecados quebra maldições, interrompe a atuação maligna, expulsa demônios e permite a intervenção do Espírito Santo na pacificação da mente e na cura das emoções” (Natividade, 2006, p.125). Dentro destas igrejas, as formas desviantes da sexualidade e das experiências de gênero estão circunscritas por dispositivos de escuta e incitação da fala, de conversão e cura. Elas são descritas como pecaminosas, e frequentemente identificadas a um campo moralmente desvalorizado, junto à prostituição, pornografia, adultério etc. Além disso, perspectivas psicologizantes são frequentemente propagadas dentro das igrejas evangélicas. Natividade & Oliveira (2004) identificam os discursos sobre a homossexualidade que estabelecem esta como consequência de lares disfuncionais e famílias desestruturadas, experiências que acarretariam em distorção e identificações com papéis de gênero inadequados.

Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da

igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor. A oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E, se houver cometido pecados, ele será perdoado. (Tiago 5:14-15)

Seja na antropologia da saúde, na psicologia ou na sociologia, não é difícil encontrar trabalhos que se debruçam sobre os rituais religiosos e as figuras dos curandeiros presentes em diversas religiões ou crenças. Uma interpretação frequente é a de que a cura religiosa é um processo que impõe ordem ao caos experimentado pelo doente e seus cuidadores. Como argumenta Rabelo (1993), as terapias religiosas são interpretadas sob a perspectiva dos cultos como processos organizados de práticas e representações, no qual o líder religioso manipula os símbolos para produzir a cura. Apesar disso, a cura não necessariamente está restrita à figura do líder religioso ou curandeiro, mas também adentra rituais religiosos na vida cotidiana. Mariano (2014), em sua pesquisa sobre igrejas neopentecostais, analisa a incorporação dos objetos benzidos e a participação nas correntes de oração, bem como as relações econômicas estabelecidas entre os fiéis e as igrejas. Ao contrário de um “caráter simbólico” (p.133), a incorporação destes objetos permite aos fiéis terem acesso à uma “centelha do poder divino” (p.134).

Não é incomum encontrar em testemunhos de pessoas convertidas ao cristianismo pentecostal, ou nas orientações para evangelização que “Deus odeia o pecado, não o pecador”. Apesar do pecador ser encarnado numa pessoa, o pecado ainda é uma externalização da natureza pecaminosa universal, e o sujeito atravessa uma batalha espiritual interna. O pecado é uma patologia da alma, que deve ser curada. Ser “lavado no sangue de Cristo”, por exemplo, participar da Santa Ceia, assim como a passagem nas águas (o batismo por imersão) são alguns destes dispositivos de cura. Da mesma maneira, o celibato pode operar como uma tecnologia de cura poderosa. O Sujeito que luta contra seus desejos internos e se abstém de concretizá-los está também santificando e purificando seu corpo, tal qual quem ingressa num *jejum de delícias*. Não existe somente a figura do homossexual convertido em heterossexual, mas também a do homossexual não-praticante, que apesar de suscetível aos desejos, se abstém do pecado a partir de uma batalha espiritual.

A cura, e o perdão, não são mais concedidos por um membro do corpo eclesiástico num ritual de exorcismo ou de misericórdia, mas é incorporado e experimentado intimamente a partir de sua manifestação corporal cotidiana. Para isso, deve-se constituir uma comunicação direta com Deus, sem nenhuma figura de intercessão, a partir da oração. Isto se diferencia da fé católica tradicional, cuja confissão ocorre na presença de um padre ou outro membro da igreja, além de outras figuras de mediação, como os Santos aos quais se proferem

rezas, ou o Papa, um representante divino na terra. A mudança desta hierarquia institucional e a experiência da solidão na fé também instituiu uma vigília constante. Cria um estado afetivo no qual o indivíduo deve refletir sobre seus pecados, confessá-los diretamente a um Deus onisciente e onipresente e, mesmo que não se constitua como ação. Durante minha infância, foram várias as vezes que ouvi o versículo “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca.” (Mateus 26.41).

Deus conhece o meu coração/Ele sabe tudo o que eu penso/Mesmo quando estou sozinho/Jesus está me vendo Ele sabe onde ponho as mãos/Cada passo onde pisam os meus pés/Quando erro não me rejeita/Mas me oferece o perdão  
 Não dá pra brincar de esconde-esconde com Deus/Não dá pra viver longe do seu amor/Não importa aonde for ele olha pra mim/Com braços abertos quer me ver feliz  
 Não dá pra correr nem fugir do Senhor/Por todos os lados me cerca com amor/Seu poder é mais forte, vence todo o mal/Jesus é meu amigo sem igual  
 (Crianças Diante do Trono, Esconde Esconde, 2001)

Me lembro que por volta do início da década de 2010 sempre que chegava da escola ao meio-dia encontrava minha mãe preparando almoço com um copo de água acima do aparelho de som. Todos os dias, naquele horário, um pastor fazia uma oração na qual pedia aos ouvintes que bebessem aquele copo de água, que estaria ungido pelo “Senhor”. Algumas vezes, esta água também era utilizada para preparar as bebidas da refeição. Também me recordo dos vários óleos da unção presentes no gaveteiro da minha mãe, que ela usava especialmente quando eu e meu irmão estávamos doentes para cura das enfermidades. Ser ungido em bálsamo era um ritual frequente da minha infância e adolescência. O episódio mais dramático de cura através do bálsamo aconteceu quando tinha por volta de 14 anos: Era madrugada, eu dormia tranquilamente, quando de repente fui acordado por minha mãe aos prantos, unguendo minha cabeça para me libertar dos demônios do homossexualismo. Ela acordou de um pesadelo em que me viu tendo relações sexuais com um amigo de infância, que estudava comigo.

O mais interessante nesta cena é como ela permite inverter a interpretação antropológica sobre os rituais da cura. Como dito anteriormente, ela ordena um caos produzido pelo adoecimento, no entanto, ela também produz o próprio adoecimento como uma realidade materializada no corpo. Assim, os rituais de cura são de ordem terapêutica, mas também produzem uma nosologia nova, um novo diagnóstico, ou uma nova “origem” para uma suspeita. Aqui, o ritual de cura recupera o ritual do exorcismo, e os “símbolos” não são manipulados por um agente, mas os próprios agentes se transformam na cena. Eu, paralisado na cama fingindo dormir, o óleo que manchava minha testa, as mãos de minha mãe sobre minha cabeça, o sonho revelador e amaldiçoado, e o Espírito Santo ganham novos contornos e significados.

Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até à divisão da alma, e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração.  
(*Hebreus 4:12*)

Este é um elemento importante para a análise da cura religiosa das homossexualidades nas igrejas neopentecostais. Elas precisam ser articuladas a fim de produzirem uma realidade espiritual conflituosa, marcada por uma identificação e oposição ao Diabo, um inimigo a ser “incessantemente expulso, humilhado, combatido, vilipendiado [...] sem o Diabo e seus asseclas, não teriam como justificar, diagnosticar e sanar os males que acometem os fiéis, nem como legitimar sua própria existência ou sua natureza divina” (Mariano, 2014, p.137).

Todavia, quando pensamos sobre o fenômeno neopentecostal, nos vemos frente às interpretações de que alguns estados afetivos também são contrários ao desejo divino. Angústia, ciúme, desconfiança, dúvida, egoísmo, fraqueza, incompetência, irresponsabilidade, inferioridade, incerteza, indecisão, ingratidão, insegurança, medo, mentira, ódio, orgulho, preguiça, prepotência, raiva, soberba, tristeza, timidez... todos devem ser expurgados, combatidos ou abnegados. Relacionamos ao rompimento da perspectiva escatológica e ascetismo do pentecostalismo tradicional, e o alinhamento da vontade divina ao usufruto dos bens materiais e da existência terrena presentes nas crenças neopentecostais, fortemente inspiradas pela Teologia da Prosperidade (Oliveira, 2016).

O adoecimento, numa perspectiva neopentecostal, é o adoecimento de uma alma corroída, fraca, que não consegue se defender da natureza pecaminosa, passional e emocional do corpo, nem das ameaças espirituais diabólicas externas à ele. O pecado, cuja materialidade se dá no próprio corpo, é transmitido geracionalmente e se constitui como uma maldição a ser quebrada. A realidade interna do conflito não reflete somente as ações de um indivíduo, mas também de seus familiares diretos, pessoas ao seu redor, e por seus antepassados. Este corpo se insere numa cadeia de significados compartilhados que antecedem a sua própria existência e experiência no mundo.

Fugi da prostituição. Todo o pecado que o homem comete é fora do corpo; mas o que se prostitui peca contra o seu próprio corpo.  
Ou não sabeis que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?  
Porque fostes comprados por bom preço; glorificai pois a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus.  
(*1 Coríntios 6:18-20*)

No pentecostalismo tradicional, a manifestação do Espírito Santo se dá através da dança, do canto e da intensidade afetiva experimentada no avivamento, também conhecido entre os evangélicos como “batismo no espírito santo”. No processo de flexibilização dos costumes das igrejas neopentecostais, a manifestação do espírito também passou a ser

reconhecida em outros símbolos compartilhados, como o caso do sucesso econômico, o aumento do poder aquisitivo dos fiéis, hábitos de consumo, lazer e saúde. Estas formas de cuidado com a aparência e o corpo não são entendidas como manifestações pecaminosas, como vaidagem. Ao contrário do ascetismo presente nas tradições protestantes e pentecostais “clássicas”, há um intenso cuidado do corpo e seus prazeres, uma vez que ele representa o templo do espírito santo (como menciona o trecho bíblico anterior) e é também um instrumento de adoração.

Outra mudança que ocorreu na tradição protestante em relação ao catolicismo é o papel do texto bíblico na vida dos crentes. A alfabetização e educação tem uma importância central na crença protestante desde a reforma, quando Martinho Lutero traduziu as escrituras do Latim. A intelectualidade cristã é um exercício que foi intensificado fora do clero. Encontram-se facilmente grupos de médicos protestantes, associações científicas, jurídicas, professores, escolas e hospitais evangélicos. Enquanto a igreja católica, organizada como uma instituição única, enxergava essas instituições como um exercício da caridade e misericórdia divinas (como as santas casas, reformatórios e hospitais), os protestantes, a partir da leitura do texto bíblico, adentraram o mundo secular com propósito de evangelização e expansão de seu domínio missionário.

Entre as denominações evangélicas alguns autores observam a intensificação de algumas crenças ou dogmas relacionados à interpretação do texto bíblico. Enquanto entre os crentes das denominações cristãs que se desdobram dos “protestantes clássicos” o texto bíblico é muitas vezes entendido como um registro incompleto, marcado pela impossibilidade humana de compreender a figura divina, entre os evangélicos identifica-se um fenômeno que nomeado como “literalismo bíblico”: a crença majoritária de que o texto bíblico não é composto de alegorias ou metáforas, mas foi escrito a partir da revelação divina, sendo registros históricos confiáveis e com estatuto de “verdade”. Estes dados também foram encontrados no estudo realizado por Christian Smith, presente no livro “American Evangelicalism: Embattled and Thriving”, uma análise sociológica dos evangélicos estadunidenses que identificou entre este grupo as maiores propensões a afirmarem crenças em valores morais absolutos, maiores níveis de frequência e participação em atividades da igreja e extra dominicais, além de maior consumo de músicas e programas de TV religiosos (Rosas, 2015).

Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo.

Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais.

Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes.  
 Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça;  
 E calçados os pés na preparação do evangelho da paz;  
 Tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno.  
 Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus;  
 Orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos,  
 (Efésios 6:11-18)

Podemos enxergar entre as igrejas e comunidades evangélicas a centralidade do texto bíblico nas suas atividades, como nas brincadeiras de “caça aos versículos”, nas músicas com os nomes dos livros da Bíblia, na memorização e repetição ordenada de alguns versículos, além da sua incorporação em diferentes mídias. O que me interessa é como se produz uma relação particular entre sujeito e o texto bíblico. Quando criança frequentei a escola dominical aos domingos, quando adolescente os cultos para adolescentes; até os 17 anos minhas quintas-feiras à noite eram reservadas ao encontro em células; durante a adolescência, me matriculei no curso Primeiros Passos para o Batismo... Todas estas atividades tinham o mesmo objetivo: estabelecer uma educação evangélica a partir do estudo bíblico. A leitura bíblica tem por objetivo “conhecer a palavra de Deus”, e mais que isso, incorporá-la ao corpo como uma armadura. Enquanto crescia na igreja, o trecho bíblico que antecede este parágrafo foi tema de reuniões de célula, cultos e estudos devocionais. Os melhores exemplos para compreender como a doutrina do “literalismo bíblico” se consolida nas igrejas evangélicas talvez sejam estes trechos, e como eles se repetem cotidianamente. Na igreja que frequentei, a “verdade bíblica” era atestada coletivamente antes das leituras bíblicas guiadas por um pastor, líder de células ou professoras na escola dominical.

Esta é a minha bíblia.  
 Eu sou o que ela diz que eu sou.  
 Eu tenho o que ela diz que eu tenho.  
 Eu posso fazer aquilo que ela diz que eu posso fazer.  
 Hoje eu serei tocado pela palavra de Deus!  
 Eu audaciosamente confesso que minha mente está alerta, meu coração está receptivo.  
 Eu estou pronto para receber a incorruptível, a indestrutível, sempre viva semente da palavra de Deus.  
 Eu nunca mais serei o mesmo. Nunca, nunca, nunca.  
 Em nome de Jesus, Amém.

Da mesma forma, a música, canto e dança não são apenas ambientação ou momentos de confraternização durante os cultos, elas são formas de estilização do corpo santificado, são denominadas como *louvor e adoração*. As doutrinas pentecostais têm forte influência do metodismo e dos movimentos protestantes estadunidenses da primeira metade do século XX.

Entre os pentecostais, a manifestação do Espírito Santo no corpo se dá através da dança, do canto, das línguas e da intensidade afetiva experimentada no avivamento, também conhecido como o *Batismo no Espírito Santo*, e também dos dons espirituais, como a profecia e a cura. Como dito anteriormente, há um intenso cuidado do corpo, uma vez que ele representa o templo do espírito santo e é também um instrumento de louvor e adoração.

Uma curiosidade interessante é que a passagem bíblica anterior, apelidada “A Armadura de Deus”, inspirou a criação da marca Fé pelo pastor André Valadão. Recentemente fiz o exercício de andar pelo centro de Belo Horizonte e tentar localizar o “escudo”. Rapidamente encontrei camisetas à venda, bíblias, bonés e chaveiros nas lojas de artefatos evangélicos, mas o mais interessante foi encontrar estes produtos nas bancas de jornais, nas lojas de acessórios importados, nos camelôs no Shopping Oiapoque e Xavantes, e nos adesivos nas janelas de carros e dos apartamentos. Como mencionado anteriormente, entre algumas denominações pentecostais este cuidado é sintetizado no ascetismo e no contraculturalismo, mas a partir da expansão do pentecostalismo entre as classes médias e jovens na segunda metade do XX, a flexibilização destes costumes implicou uma “liberalização comportamental” (Mariano, 2014) e expandiu o repertório religioso de *santificação* em direção a comportamentos ou práticas entendidas anteriormente como mundanas. Este fenômeno é descrito e analisado mais profundamente por Maranhão Filho (2013), que investiga as ferramentas de marketing e consumo de produtos evangélicos e Cesarino (2015), que interroga sobre o corpo como um mediador das relações de sentido, ambos realizados dentro de unidades da Bola de Neve Church.

Apesar do consumo de produtos e a flexibilização estética percebe-se que a intensidade experimentada no corpo como avivamento não acontece espontaneamente, mas é produzida a partir da repetição das práticas de adoração. Um dos meus louvores favoritos durante a infância se chama “Para Adorar ao Senhor”, do Crianças Diante do Trono, lançado em 2001. Ele exemplifica como “louvor” e “adoração” são esforços de consagração total do corpo, que é entendido como uma *dádiva divina*.

É tão bom saber que foi Deus quem me criou! / Ele me fez para o seu louvor, e tudo o que existe em mim eu consagrarei ao Senhor.

Eu pulo bem alto, uso minhas mãos e pés para adorar ao Senhor / Eu grito bem alto, com minha voz eu vou cantar para adorar ao Senhor / Com todo o meu ser adorarei ao Senhor

Pés, mãos, cabeça e ombros; Joelhos, olhos, boca e orelhas; Nariz, língua, barriga e coxas; Costas, pescoço, peito e bumbum; Umbigo, testa e cotovelos; Cabelo, unhas, todos os dedos; Calcanhar, braços e tornozelos; Sobrancelhas, queixo e bochechas; E tudo dentro de mim existe para adorar ao Senhor!

(Crianças Diante do Trono, Para Adorar Ao Senhor, 2001)

Me lembro que durante os cultos para crianças, nas reuniões de células e atividades



recreativas esta música era acompanhada de uma coreografia singular. Nos momentos indicados, pulávamos e balançávamos os braços, abrindo-os e levantando-os como gestos para simbolizar a “adoração”. Gritávamos “aaaaaaaaa” quando a música indicava. Na parte final, tocávamos cada uma das partes do corpo que eram indicadas pela voz da *Ana Paula*. Estes momentos ocupavam quase metade dos cultos e reuniões. No meu caso, como frequentava uma escola primária evangélica, ouvi essas músicas e dançava repetidas vezes durante a semana junto aos meus colegas, inclusive durante as aulas sobre o corpo humano.

Posso pensar em alguns outros exemplos de formas de estilização do corpo em rituais religiosos, como os jejuns. Eles exercem a função de ampliar a experiência espiritual a partir da abstinência de alimentos e líquidos, e se inspiram na passagem bíblica que narra os quarenta dias que Jesus Cristo passou no deserto resistindo às tentações diabólicas. Enquanto votos ou promessas são feitos para objetivos específicos e integram um conjunto de significados e rituais compartilhados, alguns acontecendo inclusive em épocas específicas do ano como ritual de “purificação” após um período de excessos (como a quaresma após o carnaval), o jejum é uma prática que não necessariamente serve a um objetivo ou propósito particular de expurgo ou sacrifício. Ele é um ritual, ou uma prática, cuja finalidade é resguardar o corpo dos prazeres enquanto torna-o mais suscetível ao “Reino espiritual”. Durante 10, 20, 30 ou 40 dias, você se abstém de comer doces, ou qualquer alimento que não for somente para seu “sustento”. Às vezes, durante um curto período de tempo, tudo o que você come é pão e água. Você também pode se abster de situações ou práticas de lazer, como o uso de equipamentos eletrônicos ou programas de TV que não para fins de *edificação espiritual*. Apesar de fazermos uma associação quase automática da abstinência como uma prática de renúncia dos prazeres, controlar a fome e o desejo pelos alimentos “proibidos” não é necessariamente uma prova de santificação ou de distanciamento “do mundo” e dos pecados. Na verdade, este controle torna o corpo mais suscetível a essas tentações, uma vez que a conflituosidade entre as forças diabólicas e divinas aparece mais evidente durante este período, no anseio pelos prazeres abstinentes.

Logo, paralelamente à privação dos jejuns, estabelece-se momentos de oração e vigília. A negação, por si só, não é suficiente para produzir alguma *excitação* a ser experimentada como avivamento. Podemos compreender que “oração” é um termo utilizado para descrever uma função comunicacional da alma, como individualidade ou subjetividade, com o Espírito, a dimensão transcendental e divina. No entanto, o termo vigília é reservado a um tipo específico de oração que se estende por um período maior, que centra-se na batalha espiritual. Durante este período, o crente deve recuperar a sua autoridade sobre o reino

espiritual, combater os demônios, e expulsá-los deste *domínio* (aqui, domínio como território). Este momento se difere da crença difusa da batalha espiritual cotidiana, uma vez que se restringe temporalmente. Lembro-me que éramos aconselhados pelos pastores a acordar durante a madrugada para fazer vigílias durante o período de jejum. Os cultos reservados à vigília também aconteciam às sextas-feiras e sábados, entre 22h e 6h. A escolha por este horário é justificada pela abertura dos “portões espirituais”, que permitem a circulação dos demônios pelo mundo. Os finais de semana também são privilegiados, uma vez que durante este período as pessoas estariam mais “abertas” à ação demoníaca porque se engajam em atividades de lazer e consumo de bebidas alcoólicas, drogas, ou atividades promíscuas.

Percebe-se que apesar de reconhecer o corpo como um lugar privilegiado e o “domínio” dos crentes como um direito a ser exercido sobre a realidade espiritual, estas práticas dão continuidade à noção de uma natureza pecaminosa e de uma luta constante por este domínio. Por isso, a resposta ao pecado incorporado não se encerra na abstinência ou renúncia passiva, uma vez que esta torna os crentes mais suscetíveis às tentações demoníacas, mas exige um uso próprio do corpo para fins de adoração e louvor, uma renúncia voluntária e ativa na guerra espiritual.

A noção de “pecado original” é retomada dentro da “Teologia do Domínio” (Rosas, 2015) de uma forma particular. Apesar da universalidade do espírito, e a possibilidade de acessá-lo diretamente, a natureza humana ainda é pecaminosa. O “pecado original”, a desobediência de Adão e Eva, não se encerra neles mas é transmitido geracionalmente e se constitui como uma maldição. A quebra desta maldição só é possível a partir do sacrifício de Cristo. A realidade interna do conflito não ocorre somente do pecado de um indivíduo, mas também daquele cometido ao seu redor, e por seus antepassados. Embora os rituais de exorcismo nas crenças pentecostais sejam importantes, conseguimos identificar que a ação diabólica não é suficiente para analisar as tecnologias de cura e a origem do sofrimento, como defendido por Próchino, Paradivini & Gonçalves (2008).

A ideia de um pecado integrado na natureza pecaminosa do corpo exige formas de transformação e cura que ultrapassem o exorcismo ou combate às forças demoníacas, que intervenham sobre a intimidade, os pensamentos, desejos e emoções. Aqui, não iremos interpretar estas alegorias presentes nos textos religiosos e testemunhos como simples “representações” ou “interpretações” da homossexualidade por líderes ou comunidades evangélicas, mas sim, como experiências, que em seu caráter religioso oferecem um repertório para subjetivação e produção tecnológica de uma identidade e corporalidade cristã.

Este argumento nos permite enxergar como as igrejas evangélicas não oferecem somente serviços de aconselhamento religioso, mas se expandem na vida secular oferecendo serviços de educação, saúde, bem-estar e também adentrando as políticas públicas.

É interessante notar como a continuidade do poder pastoral dentro do Estado também significou uma mudança nas dinâmicas dentro das instituições religiosas. Certamente, o Estado deu continuidade às técnicas totalizantes e individualizantes da pastoral católica, dispersando o poder nas relações sociais e multiplicando os atores a fim de dar conta tanto da totalidade do rebanho, como de cada ovelha. No entanto, o investimento protestante nas instituições laicas, e na própria noção de laicidade, muda as dinâmicas do exercício do poder religioso. De algum modo, mantém-se seu objetivo original, cuja finalidade é a salvação em outra vida, mas os atores políticos são dispersos entre líderes, pastores, professores, apóstolos, profetas, etc. Os crentes que serão convocados a exercer o controle de si mesmos através do próprio testemunho, cujo objetivo é a expansão da fé cristã a partir de práticas de evangelização.

Vivam entre os pagãos de maneira exemplar para que, mesmo que eles os acusem de praticar o mal, observem as boas obras que vocês praticam e glorifiquem a Deus no dia da intervenção dele. (1 Pedro 2:12)

Não importa o que aconteça, exerçam a sua cidadania de maneira digna do evangelho de Cristo, para que assim, quer eu vá e os veja, quer apenas ouça a seu respeito em minha ausência, fique eu sabendo que vocês permanecem firmes num só espírito, lutando unânimes pela fé evangélica (Filipenses 1:27)

Logo, a defesa da liberdade de crença nas ideologias políticas contemporâneas também vai de encontro aos ensinamentos bíblicos sobre o livre arbítrio e o voluntarismo. Enquanto o exercício do poder pastoral na idade média se expandiu na presença da igreja dentro do Estado e sua centralidade na vida social, nas igrejas evangélicas contemporâneas a expansão e dispersão do poder se dá nas práticas de evangelização. Podemos compreender que o processo de adentrar as instituições seculares por estes movimentos religiosos não representa a defesa de um regime teocrático, nem de defesa do cristianismo como religião de estado. Ao invés disso, o domínio sobre o mundo secular baseia-se na ação voluntária, na liberdade de crença, no livre arbítrio e na defesa da democracia (Rosas, 2015). A ampliação do escopo de atuação religiosa dentro das instituições seculares segue uma lógica missionária, baseada no exercício da influência, e a partir de ministérios evangelísticos organizados como atores políticos num cenário democrático.

Em seu artigo intitulado *Moralidades, Racionalidades e Políticas Sexuais no Brasil Contemporâneo*, Sérgio Carrara (2015) parte de um episódio na política contemporânea para elaborar sobre o conflituoso processo de cidadanização de diferentes sujeitos sociais

articulados em linguagens de gênero, sexualidade e orientação sexual. Carrara identifica como a maioria dos deputados e senadores favoráveis à supressão dos termos “gênero”, “orientação sexual” e “sexualidade” do Plano Nacional de Educação (PNE) pelo Congresso Nacional em 2014 estavam vinculados a alguma denominação cristã, e faziam ecos aos discursos presentes nas igrejas evangélicas e católica sobre a “ideologia de gênero”. Ele retoma o conceito de “política sexual” (Weeks, 1989 em Carrara, 2015) uma vez que ele torna possível

interpelar simultaneamente múltiplas dimensões da gestão social do erótico e do sexual e explorar a coexistência, às vezes conflitiva, de distintos e muitas vezes contraditórios *estilos de regulação moral*, compreendidos aqui como conjuntos singulares de técnicas de produção de sujeitos, ou seja, de pessoas dotadas de certa concepção de si e de certa corporalidade.  
(Carrara, 2015, p.325)

Carrara parte do pressuposto que a emergência da noção de direitos sexuais deve ser considerada um “aspecto central de um processo mais amplo de transformação que acontece no nível das políticas sexuais e incide sobre o próprio dispositivo da sexualidade” (Carrara, 2015, p.326). Enquanto o regime disciplinar da sexualidade que emergiu na modernidade apreendeu a sexualidade a partir de uma linguagem biomédica, ele também desencadeou processos específicos de desumanização dos sujeitos considerados socialmente perigosos (como prostitutas, homossexuais, portadores de infecções sexualmente transmissíveis, bem como aqueles sujeitos identificados a partir das categorizações psiquiátricas). A “nova” organização da sexualidade em torno da noção de “direitos sexuais” e “direitos humanos” surge a partir das respostas políticas e culturais destes sujeitos “outros” do “antigo” regime. “Em suma, o exercício da sexualidade desloca-se em relação à lógica das obrigações conjugais ou cívicas, para ancorar-se na busca da realização pessoal, da felicidade, da saúde ou do bem-estar” (Carrara, 2015, p.330).

Apesar disso, algumas das práticas que já eram condenadas no regime anterior continuarão criminalizadas, mas por outros princípios. Exemplo disso é o caso do estupro, que deixa de ser entendido como um crime contra os costumes e torna-se um crime contra a pessoa, tendo, inclusive, suas penas aumentadas. Carrara (2015) estabelece uma distinção formal entre um “novo” e um “antigo” regime da sexualidade, mas também reconhece que eles convivem, de alguma maneira, no cenário contemporâneo de formas conflituosas e em formulações específicas. Eles produzem também mudanças dentro dos outros “estilos de regulação moral” como é o caso da própria religião. Adiante, o autor identifica este processo no surgimento das teologias inclusivas, novas interpretações bíblicas sobre o casamento e a reprodução, e em categorias como “promiscuidade sexual” que emergem nestas formulações entre a moralidade cristã e este “novo regime secular da sexualidade”. A política sexual “vai

articulando, em cada momento histórico e contexto nacional, concepções, valores e técnicas de intervenção de ambos os regimes” (Carrara, 2015, p.335).

Volto o olhar, aqui, para estas formulações e à análise das formas de organização da sexualidade nas igrejas evangélicas a partir do neopentecostalismo como um fenômeno sociologicamente e teologicamente múltiplo. O movimento de Carrara (2015) de retomar ao dispositivo da sexualidade para compreender a política sexual contemporânea e a maneira pela qual se organizam estilos de regulação moral para produção de sujeitos permanecerá no plano de fundo da análise. O dispositivo da sexualidade é um conceito útil para entender a articulação das diferentes formas de conhecimento, e como os elementos “seculares” se tornam parte do repertório religioso, constituindo regimes de subjetivação próprios, materializados na experiência religiosa. Todavia, o foco de minha análise não está nos processos de “cidadanização” ou na gramática dos “direitos sexuais” em si, mas como as reorganizações do campo religioso, a expansão das igrejas evangélicas, a “liberalização comportamental” apontada por Mariano (2014) e a Teologia do Domínio (Rosas, 2015) se relacionam na produção das próprias tecnologias de regulação da sexualidade.

Para isso, situo a pesquisa numa temporalidade e espaço singulares, para compreender como ele se dá em termos de processos de produção subjetiva. Voltarei, nos próximos capítulos, à análise documental de materiais evangelísticos, pregações e seminários realizados por pastores, programas de televisão, louvores, testemunhos de conversão e de abandono da homossexualidade, e outros registros etnográficos e autobiográficos localizados ou relacionados diretamente a uma igreja evangélica, especificamente da Igreja Batista da Lagoinha (IBL), localizada no bairro São Cristóvão em Belo Horizonte. Antes disso, contextualizo a história da igreja, sua expansão no contexto nacional, e a sua forte atuação política no município de Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais e no Brasil, uma vez que grande parte dos materiais encontrados são referentes à segunda metade da década de 2000 e década de 2010.

A IBL foi fundada em 20 de dezembro de 1957, como Sexta Igreja Batista de Belo Horizonte. O primeiro pastor da Igreja foi o missionário José Rego do Nascimento, de Vitória da Conquista, na Bahia, que iniciou o trabalho na região ao lado de 32 membros que congregavam anteriormente na Igreja Batista do Barro Preto. Nos anos seguintes, ainda sob liderança do pastor Rego, sofreu transformações em sua ordenação dogmática, inspirada pelo movimento de avivamento. Por causa disso, em julho 1961, a IBL (junto a outras 32 outras igrejas) foi expulsa da Convenção das Igrejas Batistas do Brasil, que aconteceu em Juiz de Fora. O fato se deu em função de divergências teológicas relacionadas, principalmente, às

características carismáticas que estas igrejas adotaram, que eram deslegitimadas pela religiosidade tradicional baptista (Tognini e Almeida, 2007). Em função do quadro de saúde debilitada de seu fundador, a liderança da Igreja foi alternada entre alguns pastores entre 1966 e 1972, quando foi assumida pelo Pastor Márcio Valadão que presidiu Lagoinha até 2022.

A partir de 1990, a Lagoinha A IBL cresceu exponencialmente, inspirando-se na metodologia de grupos de crescimento de igrejas sul-coreanas, proposta pelo pastor Paul Yong Cho, que se desenvolve em pequenos grupos nas casas dos fiéis. Este modelo, também conhecido como “Igreja em Células”, se estabeleceu em diversas igrejas brasileiras e da América Latina como uma metodologia própria. A partir daí, a Lagoinha assumiu a missão de alcançar 10% da população belorizontina (Pereira, 2011). Entre o final do século e o início do novo milênio, a igreja alcançou relevância nacional a partir da expansão do Ministério de Louvor Diante do Trono, fundado em 1997, que, até o presente momento, vendeu mais de 15 milhões de álbuns musicais. Rosas (2015) analisa a expansão do ministério, e as dinâmicas de gênero e controle da sexualidade nos congressos e eventos realizados pelo mesmo.

Durante os anos 2000, a Lagoinha aumentou sua participação na arena política brasileira, quando lançou candidaturas à Câmara Municipal (CMBH), Assembleia Legislativa do Estado (ALMG), Câmara dos Deputados e Senado. São os casos do Pastor Vanderlei Miranda, vereador entre 2004 e 2008, deputado estadual entre 2010 e 2014, e vice-candidato à prefeitura de Belo Horizonte, nas eleições de 2016 pelo PMDB; do pastor Fernando Borja, eleito vereador nas eleições de 2016, deputado federal entre 2019 e 2022, e que atualmente ocupa a posição de Secretário Executivo da Casa Civil do Governo de Minas Gerais sob administração de Romeu Zema; Da pastora Flávia Borja, eleita para o cargo de vereadora em 2020, que é esposa de Fernando Borja, e se dedica ao combate à “ideologia de gênero”, ativismo anti-aborto, contrária ao comunismo, e outras pautas conservadoras; a ex-Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) e atual senadora, a pastora Damares Alves; além da participação de seus membros no cenário político, como é o caso do senador Carlos Viana. O ativismo político da igreja também se manifesta na criação de ministérios e grupos de membros. Exemplo disso é o GAP, Grupo de Ação Política, fundado, coordenado por Viviane Petinelli, (ex-Secretária Adjunta da Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, ex-Secretária Executiva Adjunta do MMFDH durante o Governo Bolsonaro, e atualmente assessora parlamentar no Senado), que desenvolve eventos e outras ações midiáticas direcionadas aos membros da igreja e outros grupos cristãos.

A IBL sofreu inúmeras transformações em sua estrutura física e organizacional durante a década de 2010. Estas mudanças foram potencializadas pelo intercâmbio com

igrejas evangélicas estadunidenses, articulado através das figuras de Ana Paula Valadão e o Diante do Trono, como identificado por Rosas (2015). O templo da matriz foi reformado, as paredes creme se tornaram pretas, e as bandeiras de todos os países que enfeitavam os parapeitos das galerias do primeiro e segundo andar foram substituídas por painéis de LED, além do grande investimento midiático que aumentou a presença da igreja nas redes sociais, impulsionando seus perfis no Instagram, Facebook e canal do Youtube (que atualmente conta com mais de 650 mil inscritos, e 73 milhões de visualizações). Durante a pandemia de COVID-19, com as medidas de contenção sanitária, intensificou-se ainda mais a atuação na internet, com transmissões ao vivo de cultos, congressos e eventos que aconteceram nas várias unidades da igreja espalhadas pelo Brasil e internacionalmente.

Em 2022, a saída do Pastor Márcio Valadão da presidência da igreja trouxe ainda mais transformações na sua organização interna. A presidência da igreja, atualmente, é dividida entre os pastores André Valadão, responsável pela Lagoinha Global, e Flaviano Marques (Lagoinha Matriz). Até o momento, a igreja conta com mais de 120 mil membros. A Lagoinha Global é um conjunto de mais de 700 igrejas espalhadas pelo Brasil e em outros países, que têm por objetivo expandir as áreas de atuação da igreja, especialmente em atividades evangelísticas. A igreja também se divide nas regionais Norte e Nordeste, São Paulo e Sul de Minas, Centro-Oeste, Sul, Nations, USA, Rio de Janeiro, Minas Sem Fronteiras, Novo Tempo e Fazei Discípulos. Cada igreja assume a mesma missão da Lagoinha matriz nas cidades onde estão localizadas. Em paralelo a isto, a igreja também possui mais de 200 ministérios vinculados a ela, além de atividades de fim religioso, ela oferece serviços de acolhimento institucional, assistência jurídica, aconselhamento, capacitação profissional, assistência psicológica e familiar.

As atividades desenvolvidas dentro da Lagoinha, assim como a sua expansão territorial e midiática, torna difícil traçar um “perfil geral” de seus membros. Alguns dos trabalhos produzidos sobre a igreja e seus ministérios (Tognini e Almeida, 2007; Pereira, 2011; Rosas, 2015;) evidenciam esta pluralidade demográfica, e a amplitude de seu escopo de atuação. Apesar disso, a organização e distribuição de cada uma das atividades de seus ministérios ainda requer maior atenção, uma vez que elas apresentam grandes diferenças qualitativas.

Um lugar para todos, crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Todas as “tribos” se unem aqui. Queremos como igreja estar sempre perto de cada membro. Acreditamos ser uma comunidade sem fronteiras, que busca alcançar e conectar pessoas. Tudo o que fazemos é para o Senhor que fazemos. Somos muitos. Feitos por todos e para todos. Somos igreja. Somos Lagoinha Global.

No capítulo a seguir apresento meu testemunho do Encontro com Deus, um retiro espiritual que participei em minha pré-adolescência e a apostila direcionada aos líderes religiosos para sua realização, especialmente em seu caráter psicológico e emocional. Adiante, apresento os discursos sobre a sexualidade e a homossexualidade no boletim “Atos Hoje”, bem as propagandas de serviços de aconselhamento psicológico e terapêutico presentes no material. E, por fim, apresento algumas ações do ministério de evangelização voltado às pessoas LGBTQ+ que integrou o corpo ministerial da Igreja até julho de 2023, chamado “Movimento Cores”, contrapondo-o aos discursos dos pastores da Família Valadão, identificando o agonismo em suas posições.



#### 4. ENCONTRO COM DEUS

Alguma sexta-feira em 2009...

Eram três da tarde, eu corria pela casa procurando minha camiseta azul-marinho com a logo do Ministério de Crianças e Juniores. Eu era uma criança de 9 anos, que completaria 10 depois de alguns meses. Após conferir repetidas vezes minha mochila, ainda tinha medo de deixar algo para trás. Antes de partir, coloquei meu celular e mp3 em cima da cama, junto à pequena pelúcia de panda que teria de deixar em casa. Luzes apagadas, portas trancadas, saímos em direção ao bairro Concórdia.

A “Nova Canaã” era um espaço de estacionamento, reuniões de células e cultos para adolescentes. O espaço era aberto parecia uma fábrica ou depósito antigos, as paredes eram coloridas e tinham grafitti. Me lembro que aos sábados de manhã os meninos se reuniam para andar de bicicleta, skate e patins naquele lugar. “Eu Amo Jesus Radicalmente!” estampava as camisetas dos monitores que circulavam por ali. Quando cheguei, carreguei minha mochila e corri em direção aos bancos de concreto ao fundo. Ali, esperaria até o embarque ao lado de Guilherme, que acabara de conhecer e também tinha nove anos. Enquanto nossas mães conversavam, brincávamos de pique-esconde, e combinamos de ficar juntos no mesmo banco e no mesmo quarto.

No ônibus “dos meninos” nos sentamos na terceira fileira. Ali, trocamos nomes, bairro, escola. Também criamos apelidos e desenhamos nos crachás uns dos outros. Ao sair, todos disputamos a janela para nos despedir uma última vez dos nossos familiares. Gritando e acenando, vimos as paredes coloridas e grafitadas passarem pelos nossos olhos, e enquanto o ônibus descia as ruas íngremes, cantamos e dançamos os louvores que conhecíamos. Aquelas quase duas horas foram os últimos momentos de gritos e barulhos felizes daquele final de semana.

Ao chegar na fazenda, em Sabará, descemos dos ônibus e pegamos nossas bagagens. Ali, nos dividimos entre quatro grupos de meninos e meninas, estes grupos seriam divididos em oito dormitórios. Em cada dormitório, um líder foi escolhido, que tinha a função de vigiar os colegas e relatar aos monitores caso alguém descumprisse alguma das regras. Fui eleito o monitor do meu quarto, talvez por estar entre as crianças mais velhas, e por ter alguma proximidade com os colegas do dormitório. Após isso, seguimos ao auditório para o primeiro culto. Durante esta confraternização, cantamos e dançamos as músicas do louvor, e em seguida assistimos a ministração do Pastor Wagner “Capacete”, que nos contou a programação do Encontro com Deus:

Sexta-Feira	Sábado	Domingo
	7h30: Café da Manhã	7h30: Café da Manhã
	<b>9h: Ministração</b>	<b>9h: Ministração</b>
	12h: Almoço	11h: Almoço
	<b>14h: Ministração</b>	<b>13h: Ministração de Encerramento</b>
	18h: Lanche	16h: Retorno
<b>19h: Ministração</b>	<b>19h: Ministração</b>	
21h30: Jantar	21h30: Jantar	

Até um pouco mais tarde, ouvimos uma ministração sobre “a palavra” e cantamos louvores de adoração. Ao final da reunião, nos foi contada um novo *ritual*: a partir da manhã seguinte, estaríamos de “jejum de fala”, e só poderíamos conversar com os monitores caso algum problema acontecesse, ou nas reuniões com os ministrantes, qualquer outra conversa, inclusive nos refeitórios era proibida. Durante esse momento, deveríamos refletir sobre nós mesmos, nos afastar dos colegas para conversar somente com Deus.

Após o final da ministração da noite, fomos ao refeitório e comemos o famoso estrogonofê de carne do Encontro. Esse prato, que em outros momentos era tão comum, era citado nos cultos ao final do mês de domingo à noite, quando os “encontrados” eram recebidos no tabernáculo. Os pastores e monitores brincavam que não fomos ao encontro da verdade se não tivéssemos comido aquela comida. Eu e meus colegas de quarto ficamos conversando até o momento de voltar aos dormitórios para tomar banho.

### [ALERTA DE PÂNICO GAY]

Quando chegamos ao dormitório, o monitor avisou que tínhamos aproximadamente 30 minutos para tomar banho, escovar os dentes e ir dormir. Além disso, tínhamos que ser rápidos, pois logo acabaria a água quente. Todos correram para suas beliches e procuraram suas malas, pegaram seus pertences, se despiram e foram ao vestiário, que ficava ao fundo do quarto. A noite estava fria, e todos corriam pelo dormitório já que ninguém queria levar um banho de água fria, literalmente.

Todos menos Eu, que estava sentado em minha beliche calmamente procurando minha toalha, escova de dentes, pasta de dente, sabonete, shampoo, condicionador, uma troca de roupas com cueca, calça de moletom, camiseta e agasalho. Eu estava fazendo o máximo

possível para evitar entrar no banheiro com os outros meninos. O monitor, que deveria ter aproximadamente 15 ou 16 anos, chegou na minha frente, um pouco abaixo da altura da minha beliche, e perguntou se havia esquecido alguma coisa, já que faltavam poucos minutos para o fim do tempo de banho. Naquele momento, vários garotos vieram correndo do vestiário para o quarto, porque já havia acabado a água quente. O monitor olhou para mim, com um pouco de dó, e disse que eu teria de tomar banho mesmo assim. Para não levantar nenhuma suspeita, disse que estava tranquilo, que tomava banho gelado com frequência porque fazia aulas de natação.

**[MENTIRA: Sim, eu fazia natação, mas em casa só tomava banhos quentes demorados a ponto de se formarem nuvens brancas de vapor por todo banheiro, e do disjuntor ‘cair’ por superaquecimento]**

A verdade é que eu evitava ao máximo expor o meu corpo nu às outras pessoas. Era extremamente cauteloso nos vestiários e banheiros. Ou esperava todos saírem, ou procurava algum lugar distante que ninguém estaria presente para tomar banho ou o que quer que fosse. Eu não queria tomar banho com mais 15 meninos nus, então enquanto todos voltavam ao quarto enrolados na toalha, procurando algum agasalho para se aquecer, eu estava parado em frente ao vestiário aguardando todos saírem para tomar banho. E assim foi, durante 5 minutos me lavei e escovei os dentes numa água que estava tão gelada que doía cada vez que sentia a pressão da ducha na minha pele, enquanto pensava no chuveiro elétrico da minha casa e quão quente era. Me sequei, rapidamente coloquei minhas roupas e voltei ao quarto caminhando lentamente, como se nada tivesse acontecido, ou como se realmente estivesse feliz em ter me banhado no ártico de Sabará.

Subi até minha beliche, que ficava ao lado da de Guilherme, que conheci no estacionamento. Conversamos baixo e trocamos alguns snacks que tínhamos escondidos em nossas malas, oramos por alguns minutos e fomos dormir.

A manhã do dia seguinte foi silenciosa. Era estranho, num lugar com mais de 100 crianças, todas estavam no refeitório caladas, olhando para seus pratos e copos. As únicas palavras eram para as cantineiras, “Eu quero toddy frio.”, “Obrigado!”. Eu e Guilherme nos sentamos frente um ao outro, nos entreolhamos e gargalhamos silenciosamente enquanto comíamos. Os monitores passavam nos corredores checando se alguém havia quebrado o “jejum de fala” nas fileiras, cada vez que alguém se aproximava era possível sentir a tensão nos rostos de todos ali. Terminamos de comer, e fomos enfileirados ao salão principal para a ministração da manhã.

Assim como na noite anterior, cantamos e dançamos louvores de adoração. “Toda Sorte de Bençãos” do Ministério Apascentar de Louvor talvez seja a memória mais vívida daquela manhã, andávamos em linha reta “para a direita, para a esquerda, a minha frente, e para trás... por todo lado sou abençoado, em tudo que eu faço sou abençoado”. Após este momento, a pastora começou uma ministração sobre os pecados da carne. Ali conversamos sobre o que é o pecado, porque pecamos, como o pecado dos nossos pais e antepassados podem nos amaldiçoar, como devemos pedir perdão, e sobre as tentações do diabo. Brincamos de um pequeno jogo interativo: entre meninos e meninas divididos nas partes direita e esquerda do salão, quem encontrasse mais rapidamente os versículos na bíblia citados deveria levantar as mãos e correr até o púlpito para recitá-los, e o “grupo” que mais acertasse seria recompensado. Ao final, todos recebemos um bombom “Serenata de Amor”, independente de termos perdido o jogo para o time das meninas.

Terminada a ministração principal, os monitores começaram a distribuir um papel dobrado para todas as pessoas. Não deveríamos abrir até que a pastora pedisse, e deveríamos aguardar em silêncio. Quando “por favor abram os papéis” foi dito, todos matamos nossa curiosidade: era uma lista de pecados que deveríamos preencher após o momento de ministração da tarde. Estávamos liberados para o almoço, e voltaríamos ao salão às 14h. Pela primeira vez, quebramos o voto de silêncio no almoço. Sussurramos e movimentamos nossos lábios silenciosamente, comentando sobre os pecados e a lista que nos foi dada a preencher.

Quando retornamos, revisamos a lista em conjunto por alguns minutos, e então deveríamos preenchê-la com todos os pecados que já cometemos, ou todos os pecados que já quisemos ou pensamos em cometer. Mesmo que nunca tivéssemos feito, deveríamos refletir sobre aquele pecado e marcá-lo caso tivéssemos dúvidas se algo “contava” ou não. Um cristão não duvida, ele deve ter certeza de seus caminhos e sua santidade. Se há dúvida, há pecado.

Não me recordo da lista por completo, nem do que preenchi nela, mas encontrei um modelo semelhante às minhas memórias rapidamente no *Google*. Como um exercício de auto-reflexão, vos convido a preenchê-la.

**Assinale dentro do quadro o que você costuma sentir no profundo da sua alma. NINGUÉM verá essa lista, só você terá acesso a ela!**

- ANGÚSTIA
- ARROGÂNCIA
- COMODISMO
- CIÚME
- DERROTA
- DESCONFIANÇA
- DESORGANIZAÇÃO
- DÚVIDA
- EGOÍSMO
- FALSIDADE
- FRACASSO
- FRAQUEZA
- INCOMPETÊNCIA
- IRRESPONSABILIDADE
- INFERIORIDADE
- INCERTEZA
- INDECISÃO
- INGRATIDÃO
- INSEGURANÇA
- MENTIRA
- MEDO
- ÓDIO
- ORGULHO
- PREGUIÇA
- PREPOTÊNCIA
- RAIVA
- SOBERBA
- TRISTEZA
- TIMIDEZ
- \_\_\_\_\_

**Assinale todos os pecados do passado e do presente, dos quais você nunca se arrependeu.**

- Tristeza sem causa
- Ociosidade (ficar à toa)
- Ansiedade (preocupação excessiva)
- Desejo de ser famoso
- Sede de Poder
- Buscar interesse próprio
- Denegrir a imagem dos outros
- Mentira
- Engano
- Egoísmo (só pensa em si)
- Autodestruição
- Mau-caráter
- Não cumprir a Palavra
- Usurpar o que é dos outros
- Conta piadas imorais
- Beberão (dado a bebidas)
- Glutão (Come excessivamente)
- Falar palavrões
- Murmurar (falar mal da família, cônjuge, filhos)
- Omissão (deixar de fazer o que se sabe que deve fazer)
- Lamentos e Lamúrias (Ficar reclamando de tudo)
- Cobiça: pessoas, roupas, objetos, bens, posições, cargos, emprego

- Prostituição
- Pessoa rixosa (briguenta em casa)
- Não transparente (falsidade)
- Sensualidade (vestir, falar, agir)
- Indecente
- Violência, agressividade (atos e/ou palavras)
- Espancador
- Gritaria
- Ira incontrolada
- Ódio no Coração
- Orgulho
- Coração insensível e duro
- Cólera
- Guarda Rancor e ressentimento
- Rebeldia
- Obstinado (teimosia)
- Insubmissão às Autoridades
- Falar mal dos outros
- Contrabando
- Tortura de pessoas
- Crueldade, malignidade
- Presunção
- Covardia
- Timidez
- Intelectualismo e racionalismo
- Crítico com a Palavra de Deus
- Malícia
- Participação em Carnaval
- Desejo de vingança
- Vaidade
- Vandalismo
- Injustiça
- Traição
- Briguento
- Implacável
- Arrogância
- Possessividade
- Sentimento de superioridade
- Sentimento de inferioridade
- Desonestidade (falar, negociar...)
- Ingratidão (a Pais, cônjuge, Deus...)
- Roubo (pequenos ou grandes)
- Discórdias e Contendas
- Ciúmes
- Dominador (Controle dos Outros)
- Preguiça
- Partidarismo (panelinhas) e Acepções
- Desejo de Morrer
- Fraudes (cola na escola, documentos, etc)
- Calúnia, injúria, difamação
- Preconceitos
- (machismo, feminismo, racismo)
- Uso de Drogas
- Respondão, resmungador
- Grosso no falar
- Irônico e sarcástico
- Falador
- Fofoqueiro (passar e aumentar os fatos)
- Difamador (inventar coisas de alguém)

- Uso de fumo
- Retenção dos dígitos e ofertas
- Desobediência e desonra aos pais
- Jogos de Azar (baralhos, loterias, etc)
- Amaldiçoar as pessoas
- Consumismo (compulsão para comprar)
- Materialismo (Só pensa em possuir coisas)
- Idolatria de pessoas, times...
- Idolatria pelo dinheiro
- Porfias (causou separações)
- Música Mundana (Rock, pop, sertaneja, etc)
- Idolatria (Santos, Papa, atores, cantores, etc)
- Todo tipo de Espiritismo (envolvimento direto ou indireto)
- Envolvimento na Igreja Católica
- Oferta a ídolos
- Pacto com demônios
- Ocultismo
- Ligação com a Nova Era
- Participação em Seitas
- Ligação com a maçonaria
- Palavras Torpes (palavrões)
- Revista pornográfica
- Filmes pornográficos
- Pornografia pela Internet
- Sedução pelas roupas, palavras e insinuações
- Sexo com Animais
- Sexo em grupos
- Prostituição
- Piadas imorais
- Músicas e danças sensuais
- Namoro liberal, indecente e com intimidades
- Masturbação
- Assédio sexual
- Fantasia sexual
- Libertinagem
- Sensualismo e Linguagem maldosa
- Homossexualismo
- Lesbianismo
- Idas a Boates
- Abuso sexual/estupro
- Frequentou Zona de Meretrício
- Piadas imorais
- Sexo por Telefone
- Palavrões imorais
- Impureza nos olhos
- Incesto (relação sexual entre familiares)
- Fez pacto c/ algum parceiro sexual
- Fez aborto ou consentiu que o companheiro fizesse
- Bigamia (ter mais de 1 cônjuge)
- Fornicação (sexo entre solteiros)
- Adultério (sexo fora do casamento)
- Adultério da Alma (mente, coração)
- \_\_\_\_\_

Aos meus olhos, eu sempre fui uma criança obediente, e nunca havia pecado. Raramente discutia com meus pais, professores ou colegas, me dedicava para sempre tirar as melhores notas no colégio (ainda hoje fico triste quando recebo menos que um A nas disciplinas do mestrado), não ouvia músicas ou participava das coisas “do mundo”. Enquanto

todos meus colegas colecionavam Yu-Gi-Oh!, Beyblades, assistiam Dragon Ball Z, Pokemon, Digimon, etc., em casa sempre ouvia as músicas do Crianças Diante do Trono, ou sentava perto da minha mãe enquanto ela assistia a Rádio 107.5, em Belo Horizonte. Não brincava na rua da minha casa, pois os carros passavam em alta velocidade, e quando ia até a rua debaixo, andava de bicicleta com meus amigos e amigas que também eram da Igreja.

Eu me lembro de, enquanto preenchia a lista, parar em frente ao item “homossexualidade” e não fazer nada. Apenas li, não sabia muito bem o que significava, me lembro que na escola todos me chamavam de gay, e tive dúvida se deveria ou não marcar. Pulei este item para revisar ao final, mas tive medo de marcar... No entanto, às 18h de sábado eu tive certeza de que iria para o inferno. Eu andava pelas trilhas daquele sítio com medo de que, a qualquer momento, eu poderia morrer sem me arrepender dos meus pecados e que enfrentaria o dia do juízo final.

Quando chegamos ao salão novamente, ouvimos uma ministração sobre o perdão de Deus, e a libertação através do sangue de Jesus. Quando ele morreu crucificado, ele derramou o seu sangue para que pudéssemos nos purificar a partir de seu amor e sacrifício. Assim, todos nossos pecados seriam apagados do Livro da Vida, daquela passagem citada em Apocalipse, e viveríamos a vida eterna ao lado de nossos irmãos em cristo no paraíso. O pastor nos pediu para pegar os papéis, dobrá-los novamente, e caminhar em direção ao pátio.

Ao chegar no pátio, uma grande cruz de madeira estava no centro. Os monitores dançavam e cantavam ao redor dela, até que um deles ateou fogo. A cruz de pouco mais de dois metros de altura estava em chamas, e deveríamos, um a um, nos ajoelhar em frente a ela, pedir perdão por nossos pecados, e jogar o papel que preenchemos no fogo. A cada vez que uma pessoa terminava aquele ritual, todos gritavam e batiam palmas em celebração. Na minha vez, me lembro que me ajoelhei e orei pedindo perdão pelos pecados que escrevi, e aqueles que não escrevi, ou que poderia não ter me lembrado de escrever. Joguei o papel ao fogo, me afastei, e daquele dia não me lembro de mais nada. Tudo o que senti foi um aperto na boca do estômago. Jantamos, tomamos banho e dormimos.

Quando acordamos no dia seguinte, tomamos café, e fomos levados pelos monitores até o pátio. Ali, fomos enfileirados e tiramos uma foto para recordação. Então, no salão principal, nos reunimos para a última ministração antes do encerramento. Naquela manhã, falamos sobre o perdão. “Porque Deus nos perdoou, devemos sempre perdoar ao próximo.”. Deus se esqueceu dos nossos pecados, então deveríamos esquecer daqueles que nos fizeram mal, e desejá-los bem, para que eles se tornem, também, irmãos em cristo e alcancem a salvação. Ao final desta pregação, o jejum de silêncio estava encerrado, e estávamos liberados

a almoçar antes de retornar para a reunião de encerramento.

Aquele almoço foi barulhento, mas não parecia muito alegre. Todos falavam de suas listas, perguntavam uns aos outros o que tinham marcado ou não, me lembro que Guilherme, aquele colega, me perguntou “Você marcou pornografia?”, e no momento meu rosto congelou, e apenas dei um riso tímido. Não me lembro se marquei ou havia assistido alguma pornografia, mas me lembro de me perguntar o que será que ele tinha assistido.

No encerramento do encontro com Deus não haviam cadeiras no salão principal. Todos fomos orientados a procurar um canto para sentar e refletir sobre quem nos magoou, e a quem deveríamos perdoar. Na minha mente, pensava sobre os colegas de turma e suas brincadeiras sobre minha sexualidade, no meu irmão que sempre brigava comigo, na minha mãe que às vezes me “corrigia com vara”, e no meu pai que em casa constantemente me xingava de “viado”, “bicha”, entre tantas outras palavras de origem homofóbica. Após quase uma hora, um garoto mais velho se ajoelhou na minha frente e me perguntou se estava tudo bem. Ele se apresentou como “Felipe”, perguntou meu nome, quantos anos tinha, e o que estava sentindo.

Pela primeira vez, naquele fim de semana, alguém me perguntou como estava. Lembro que contei a ele, enquanto apoiava minhas costas na coluna atrás de mim, sobre os sentimentos que tinha guardados, sobre sentir raiva e rancor das pessoas ao meu redor, especialmente do meu pai, que não me amava ou cuidava de mim, apenas gritava comigo e me xingava de viado ou bicha. Naquele momento, comecei a chorar descontroladamente, sem conseguir mais falar ou me fazer entender. Felipe me abraçou por cima da minha cabeça, e apertou meus ombros com força. Eu enrolei meus braços atrás das costas dele, enquanto ele orava no meu ouvido pedindo perdão a Deus pelos meus pensamentos, e pedindo a Deus misericórdia, para que eu pudesse liberar perdão para não sofrer. Ele pediu: “pense em todos os momentos que seu pai te disse aquelas palavras”, enquanto me abraçava, e então continuou: “Eu sou o Deus todo poderoso, sou o teu Pai que te ama, sou teu Pai no céu e te amo incondicionalmente” repetidamente. Ele apertava sua mão em meu peito, e cada vez pressionava mais forte, dizendo para “liberar perdão” inúmeras vezes. Enquanto as pessoas saíam do salão principal e iam aos seus quartos arrumaram suas malas, eu continuei abraçado com Felipe até parar de chorar e a sensação de “aperto no peito” diminuir. Quando me levantei, vi um salão praticamente vazio. Ele afagou minha cabeça e disse que estava tudo bem, que eu poderia ir, e que as maldições lançadas sobre mim pelo meu pai já haviam sido quebradas.

Eu me levantei, fui até o quarto, e vi, em cima da minha mala, um embrulho de

presente. Sentado na cama eu abri o pacote, que tinha uma caixa de bombom, algumas cartas e marcadores de página do Smilinguido com mensagens de todos os meus familiares. Por um momento chorei, mas não sabia se de tristeza ou felicidade por tudo estar acabando. Fui em silêncio até o ônibus, entreguei minha mala ao monitor, e subi... Ali esperei pelos colegas por quase uma hora, enquanto comia vários bombons. Quando o ônibus encheu novamente, algumas pessoas cantavam e dançavam, enquanto eu observava o trajeto de volta em silêncio.

Ao descer do ônibus, peguei meus pertences e me sentei no canto do estacionamento para esperar meus pais. Os “Encontrados” estavam indo ao culto, mas meus pais combinaram de me buscar no estacionamento. Enquanto o tempo passava, eu via alguns carros entrando e saindo, com os faróis ligados naquele galpão industrial já escuro ao anoitecer. Demorou até que meus pais chegassem, pois ocorreu um acidente de trânsito no caminho. No carro, contei sobre as ministrações, sobre ter acertado a ordem dos versículos várias vezes nos jogos, sobre o estrogonofe de frango, sobre os marcadores de páginas e bombons, e sobre estar cansado. Naquela noite, não iríamos ao culto, mas voltaríamos para casa e comeríamos pizza.

Ao chegar em casa, tomei banho, peguei meus pertences, me deitei na cama. Eu não havia “liberado” todo o perdão que deveria. E não tinha me arrependido de todos os pecados que cometi, ou poderia cometer no futuro. Orei uma última vez naquele dia, pedindo para não ir ao inferno, e chorei até dormir.

#### **4.1 A psicologia do Encontro com Deus**

O fragmento que abre esta seção é um registro autobiográfico do Encontro com Deus, organizado pelo Ministério de Crianças e Juniores (MCJ) da Igreja Batista da Lagoinha (IBL), em 2009, aos 11 anos de idade. O Encontro é um retiro espiritual com duração de três dias, direcionados a pessoas convertidas ou recém convertidas, com ministrações, cultos de intercessão, louvores, estudos e auto-reflexão, com fim de consolidação da fé. A metodologia do “Encontro com Deus” é amplamente difundida entre os evangélicos, e facilmente é possível encontrar orientações para líderes de igrejas ou grupos religiosos que tenham interesse em replicá-lo em livrarias evangélicas ou na internet.

O material que será apresentado e analisado a seguir é o Manual do Encontro produzido pela *Lagoinha*. O livro/apostila tem 97 páginas, e é dividido em 3 partes: o pré-Encontro, o Encontro e o pós-Encontro. O pré encontro é um momento de avaliação e preparo para novos convertidos para participarem do retiro, onde são entregues orientações e ministrações para consolidação da conversão; o Encontro com Deus, ou Encontro Tremendo, que tem duração de um final de semana (descrito/rememorado na seção anterior); e o



pós-Encontro é constituído por encontros semanais com objetivo de solidificar os aprendizados do final de semana. Apesar da importância do seu caráter espiritual, o manual com orientações para realização do retiro também revela a importância de um rigor procedimental para a produção, ou indução, de um estado afetivo e corporal nos participantes, que será apresentado a seguir.

#### 4.1.1 O Pré-encontro

O Pré-encontro é uma ministração específica direcionada aos novos convertidos, que busca ensinar os processos espirituais aos quais ele agora está submetido. Neste momento, o objetivo é avaliar e pensar sobre a própria trajetória de conversão, e sua aptidão e interesse em continuar nos “caminhos de Jesus”. O Manual do Encontro (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano) apresenta a estrutura funcional desta preparação. Deverão ser realizadas quatro reuniões semanais, de uma hora, das quais os encontristas (como são chamados os crentes novos convertidos que participarão do Encontro) deverão participar de ao menos três. Neste momento, são passadas informações sobre dia e local do Encontro, os materiais a serem levados (itens de higiene pessoal, cadernos, bíblia, canetas), os que não devem ser levados (celulares, gravadores, chicletes, livros, etc.).

A primeira lição do Pré-Encontro tem o tema “O pecado e suas consequências”, e utiliza como texto base a passagem bíblica de Romanos 3.23, “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”. Esta reunião busca motivar os candidatos a irem ao encontro, e “Levar os encontristas a confessarem que são pecadores” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.13). Durante a introdução, o ministrador deverá explicar que o pecado é uma fronteira que separa Deus e o homem, e que só pode ser removida pela obra da cruz. Em seguida, são apresentados os princípios espirituais. Assim como existem princípios que governam o universo, há leis espirituais que governam o relacionamento com Deus. O pecado original, a rebelião ou insubmissão, surge no plano físico a partir da desobediência de Adão, ao quebrar o princípio espiritual. A morte eterna, como recompensa do pecado, é a “separação total de Deus” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.14).

O ministrador deverá apresentar as “legalidades” para a entrada do pecado na vida. Este termo se refere às condições que conferem autorização às entidades espirituais para atuarem sobre a vida de um indivíduo. É interessante notar que este trecho estabelece que o pecado não “entrou” pela desobediência de Eva, mas pela negligência de Adão, quem deveria ter lhe dado cobertura. O gênero é apresentado como uma diferença complementar, uma vez que “Quando se fala em Adão deve-se generalizar para homens e mulheres. Esta palavra

também está relacionada ao casal, pois eles são uma só carne (Gn 2.24).” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.14). A mortificação do pecado acontece no momento em que Jesus é apresentado como “o último Adão”, o último homem que viveu sobre a maldição hereditária do pecado, e quem “pagou a dívida” que surgiu através do pecado do “Primeiro Adão” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano).

Ao fim da primeira lição, o instrutor deve entregar aos participantes um questionário com 9 perguntas, a serem corrigidas na reunião. Além das orientações ao encontrista, os ministradores também devem seguir orientações relacionadas à sua conduta e forma de ministrar. Ele deverá orar ao final da lição, e ministrar “tocando nas vidas” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.15)..

**1. O que todo pecador precisa?**

Arrependimento

**2. Quem pecou? (Rm 3.23)**

Todos pecaram; eu pequei.

**3. Qual o salário do pecado? (Rm 6.23)**

A morte

**4. Como entrou o pecado no mundo?**

Pela rebelião, insubmissão e desobediência do homem.

**5. Por intermédio de quem entrou o pecado? (1Co 15.22)**

Adão.

**6. Qual a missão do último Adão? (Rm 5.18)**

Trazer justificação e vida ao homem condenado e morto.

**7. Leia Romanos 6.15 e responda: O pecado tem domínio sobre você? Por quê? (Rm 6.14)**

Não. Estou debaixo da graça.

**8. Antes você era criatura, quem você é agora no Reino? (Jo 1.12).**

Filho de Deus.

**9. Leia João 3.16 e responda: Qual é a expressão do amor de Deus?**

Dar o seu próprio filho para morrer pelos nossos (meus) pecados.

(Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.15-16).

O segundo dia de Pré-Encontro tem como lição a morte e ressurreição a partir do primeiro e do último Adão. O primeiro Adão é representado pela desobediência, enquanto o último, Jesus Cristo, representa a redenção a partir do sacrifício do calvário. “Agora colocamos Jesus, último Adão, não como nosso Pai, mas como nosso marido, significando uma categoria de parentesco que a todos Deus dá o direito de escolha” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.17). A partir da escolha, da aceitação e do desejo, os homens podem ser “transformados em justos”. Neste momento, também lembra-se aos participantes que os santos também pecam, mas o pecado deve ser um acidente, ao invés de um hábito. Contra a acusação de pecado, o convertido garante sua “vitória” contra o Diabo ao lembrar-se do sangue de Jesus que purifica, e de estar em Cristo, guiar-se pela palavra de Deus, que isenta e exime da culpa.

O terceiro dia de Pré-Encontro busca reafirmar o lugar dos convertidos como Filhos de

Deus. Deus, como Pai, concede aos filhos espaço no Reino para desenvolver seu carisma natural e comprimir os diferentes propósitos ministeriais. No entanto, o propósito central a qual são chamados os crentes é o de “ganhar vidas”, uma vez que o “coração de Deus está cheio de amor por almas perdidas” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.19).

Como ensinado nos dois primeiros dias, a santidade não é entendida como a ausência do pecado, mas uma dádiva de Deus. Ela é demonstrada a partir da graça, dar seu filho Jesus Cristo aos pecadores para sua salvação. Viver em santidade também significa ministrar este amor sobre outras vidas, e levar os homens ao arrependimento através da graça. Arrepende-se é “sentir profunda tristeza pelo pecado cometido e decidir mudar completamente, não cometer mais o mesmo erro porque ama a Deus acima do pecado” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.21).

**1. Se Deus nos ama, o quê de melhor Ele nos deu?**

O Seu Filho, o Senhor JESUS CRISTO.

**2. Para que Deus nos deu o seu único filho?**

Para que tivéssemos vida eterna.

**3. Como o amor de Deus é demonstrado?**

No dar, na entrega que Ele fez por nós (Jo 3.16).

**4. Como demonstrar a Deus o amor que temos para com Ele?**

Ganhando vidas e tendo uma vida santa.

**5. Nós somos pecadores santos, ou santos que pecam? Por quê?**

Nós somos santos que podemos vir a pecar. Sou santo porque sou redimido pelo sangue de Cristo, o pecado tenta entrar e dominar a minha vida, mas, como sou santo, luto contra o pecado e ele não tem mais domínio sobre a minha vida.

**6. No plano de Deus, Ele tem um alvo. Que alvo é este?**

Ter a vida eterna: ser santo e ir para o céu.

**7. Deus quer que todos conheçam seu amor e cheguem ao arrependimento (leia Rm 2.4 e comente).**

**8. Como é a vida que Deus tem para mim, segundo João 10.10? Comente.**

Vida abundante.

**9. Qual lição você tirou ao ler 2Co 5.14?**

Eu sou constrangido (levo um choque) quando contemplo o amor de Deus. Sou constrangido a viver uma nova vida em Cristo.

(Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.21)

O último dia de Pré-Encontro tem como objetivo reafirmar a conversão e “novo” sujeito, tornado Filho de Deus ao receber Jesus. Ao receber Jesus, o convertido também recebe a vitória. “Não nascemos para sermos “mais um” e sim para triunfarmos. Somos vencedores.” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.23). Neste momento, deve-se convidar um dos participantes da reunião para oferecer seu “testemunho de vitória”. Essa vitória se reconhece a partir da fé, “crendo sem ver” nas bênçãos concedidas por Deus. Também é enfatizada a renúncia da vida “antiga” a partir do arrependimento, onde crente deve parar de confiar em si mesmo, para que confie completamente no julgamento de Deus. Antes das orientações para o encontro, um novo momento de reflexão e meditação é proposto aos participantes, a partir de ilustrações a serem feitas pelos ministradores.

Declare: “A minha vida está debaixo da boa direção. O meu ‘eu’ não está mais no centro. Jesus é o centro da minha vida”.

**Ilustração 1**

- Essa figura ilustra uma vida na qual Jesus está fora. Há completa desarmonia. Não há direção, Jesus não está no centro dos projetos da pessoa.
- Qual o resultado? Discórdia, frustração, sentimento de perda etc. (enumerar diversos pontos).
- A minha vida precisa voltar ao controle de Cristo. Se Ele estiver no centro estarei bem.

**Ilustração 2**

- Este outro círculo retrata que Jesus está no centro. Isto faz com que todas as coisas estejam organizadas.
- O ‘eu’ está fora. A cruz de Cristo está no trono do meu coração, está no comando. Jesus está por cima, direcionando. Em tudo terei harmonia e minha vida será um sucesso. Citar o fruto do Espírito (Gálatas 5.22-23).
- Enumerar pontos de vitória: amor, prosperidade, bênção, alegria, bondade, domínio próprio etc.
- Se Jesus está no centro tudo terá sucesso, tudo terá prosperidade.
- Nosso livre arbítrio só tem sucesso se Jesus estiver no centro.

**Para meditar:**

- Jesus Cristo está sempre no centro da sua vida?
- Qual dos dois quadros você tem retratado sua vida?
- Como você está vivendo?

(Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.24)

#### 4.1.2 O encontro

Além da preparação dos encontristas, o Manual também contém instruções aos organizadores e o cronograma de realização das atividades. Antes do encontro, os organizadores devem jejuar e orar de acordo com seus objetivos espirituais e disponibilidade. Este é um momento de preparo espiritual, onde os ministradores também deverão se arrepender, confessar seus pecados, reforçar sua fé e perdoar àqueles que lhes ofenderam. Aqui, deve-se orar em línguas, e investir tempo em guerra espiritual, batalhar contra e resistir aos demônios que investem contra os homens. Também são passadas instruções relacionadas à saúde física antes do jejum, e orientações às pessoas com doenças crônicas, mulheres grávidas e pessoas com restrições alimentares.

Neste momento, espera-se algum tipo de desconforto físico como “tonturas, dores rápidas de fome, mau hálito, dores de cabeça, fraqueza, sonolência, cansaço e, algumas vezes, enjoos.” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.32). Além dos sintomas físicos, os encontristas também serão desafiados por sintomas espirituais: “pressões na mente, acusações, sentimento de condenação e desânimo”. Durante este momento “coisas ocultas do coração poderão aflorar como mau humor, lascívia, sensualidade, impaciência, ansiedade e irritação”. (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.32). Porém, também há maior sensibilidade ao mundo espiritual, podendo ocorrer visões, sonhos e outras manifestações espirituais. Durante o dia, orienta-se que se construa um programa diário com pelo menos uma hora de oração ininterrupta, e que se reserve o tempo em jejum para meditar e leitura bíblica, abster-se

de assistir televisão e entrar em contato com outros “irmãos” para jejuarem e orarem em conjunto, pois isto torna a prática mais “fácil” e “mais agressivo no mundo espiritual” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.32).

Durante o encontro com Deus, além dos momentos de estudo, ministração e adoração, são realizadas dinâmicas para acolhimento, libertação, cura espiritual e avivamento. Ele é dividido em três módulos: O primeiro, baseado na parábola do filho pródigo, tem o objetivo de “Conduzir cada pessoa a provar o amor paternal de Deus e, conseqüentemente, ao genuíno arrependimento.” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.41); uma vez arrependidos, os encontristas experimentam uma ampliação da experiência espiritual para “que caiam as escamas dos olhos dos encontristas e para que se tornem ganhadores de almas. Quebrar as fortalezas da religiosidade.” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.46); Aqui, ao contrário de seguir dogmas ou códigos morais, busca-se uma experiência com Deus em níveis afetivos, que serão abordados nos módulos seguintes: 2) libertação e 3) cura das feridas espirituais.

Também são apresentadas as “Regras Gerais” do Encontro, reafirmadas a importância da atenção aos horários e disciplina. Deve-se observar o tipo de roupa adequado para cada situação, e os participantes são instruídos a manter-se acordados. Em caso de cochilo, deverão se levantar para que não se distraiam. A primeira ministração do Encontro, que acontece na noite de sexta-feira, é chamada “Peniel” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.36)

Peniel é um lugar de encontro com Deus (Gn 32.30)

- Lugar de sentir profunda dor pelos pecados.
- Lugar de confronto consigo mesmo e com Deus. Em Peniel Deus mostrará quem você é.
- Lugar de luta, de arrependimento, de guerra, de choro, de pranto. Em Peniel você irá ouvir claramente a voz de Deus. Jamais esquecerá Peniel.

O material apresenta o conteúdo das ministrações e instrui os organizadores a usar uma linguagem clara e precisa, que facilite o entendimento dos encontristas. A primeira ministração deve lembrar aos participantes que a batalha espiritual exige vigília constante, e que o pecado é como uma bola de neve que instaura maldições em suas vidas. Aqui, se utiliza o exemplo do Rei Davi e o pecado de adultério, que instalou na casa da família real o “incesto, homicídio entre irmãos, imoralidade, traição do seu próprio filho etc.” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.38). Afirma-se também que o pecado é um mau progressivo, constante, e quando alimentado, contamina a alma.

Para arrepender-se, o Filho de Deus deve nomear os pecados um a um, não sendo suficiente simplesmente dizer que pecou. O arrependimento é, antes de tudo, *um exercício da consciência através da revelação do Espírito Santo*. O momento de confissão deve ser um momento de reflexão sobre toda a vida e sobre os próprios pensamentos. Um trecho que

chama a atenção discorre sobre como Satanás utiliza-se das preferências e desejos para tentar os homens a pecar. Nele, apresenta-se um elemento psicológico e sensorial das “janelas da alma”, as fantasias e sensações do corpo.

Satanás trabalha em nossas preferências tentando nos fazer parar. A psicologia chama de fantasias, mas a Bíblia chama de carnalidade. Os argumentos que o diabo usa devem ser quebrados agora, liberando nossa vida para tudo o que Deus quer fazer.

A preferência vem pelas janelas da alma – os órgãos do sentido. Esta geração tem os olhos carregados de adultério. O que Deus quer de nós? Que sejamos livres (1Jo 2.15-16).

Ao final da primeira ministração, reafirma-se que *o pecado retira a autonomia das decisões*, uma vez que os homens não sabem decidir por si mesmos, mas conquistam autonomia a partir da graça divina. Além disso, o pecado também se relaciona à vida financeira, lembrando o exemplo do reino de Davi, que sem “cobertura espiritual” entrou em deficiência e não conseguiu rompê-la.

O segundo módulo, de libertação, tem por objetivo compreender as maldições, suas origens espirituais e como elas se manifestam a partir dos pecados. Além disso, é apresentada pela primeira vez as realidades espirituais, e as hierarquias entre os anjos e os demônios. Este é um momento de apresentação da teologia da batalha espiritual (ou teologia do domínio) aos encontristas, focando nas brechas ou sinais que evidenciam o enfraquecimento do espírito. Pela primeira vez, o conceito de trauma é apresentado como uma das brechas que facilitam o surgimento de maldições hereditárias (provenientes de pecados dos antepassados), voluntárias (vinda dos pecados cometidos por uma pessoa), ou involuntárias (quando, sob autoridade de outras pessoas, uma pessoa é submetida a elas, como o batismo na igreja católica, ou frequentar “terreiros de macumba”). (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano)

#### **4.1. O mal proveniente dos traumas**

Alguns demônios entram pelos traumas de infância, adolescência, maturidade ou atitudes que partem de nós (Js 32 e 36). Por exemplo:

*Rejeição / abuso sexual / violência / medo / brigas / acidentes / abandono / falta de amor / palavras duras / drogas / ausência dos pais / divórcio / namoros ilícitos / adultério / aborto.*

**Só podemos curar o trauma através da cruz de Jesus** (Gl 3.13). Só seremos libertos se permitirmos que o Filho do Homem o faça.  
(Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.49)

O trauma é aqui apresentado como um acontecimento que causa algum tipo de dano ao espírito, que pode ter origem interna, externa e inclusive anterior ao nascimento, como uma gravidez indesejada, ou ter sido concebido fora do casamento. No módulo seguinte, ocorre uma ministração sobre cura interior. Nesta seção do manual, podemos observar o uso de um vocabulário psicológico-espiritual, a partir da sobreposição de conhecimentos seculares e

religiosos nas intervenções desenvolvidas. Ao início da ministração, deve-se instruir aos participantes que se atentem a suas “Atitudes mentais” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.57), sendo duas delas necessárias para o processo de cura interior: a) abertura; e b) Atenção a si mesmo e não ao outro”. A cura interior é um processo de

cura de nosso homem interior: da mente, emoções, lembranças desagradáveis, sonhos. É o processo pelo qual, por meio da oração e conscientização da nossa situação, somos libertos dos sentimentos de ressentimento, rejeição, autopiedade, depressão, culpa, medo, tristeza, ódio, complexo de inferioridade, autocondenação, senso de desvalor etc. (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.57)

Ao contrário da libertação, cujo objetivo é combater as ameaças demoníacas que ameaçavam a alma, o objetivo aqui é agir sobre as feridas produzidas na alma pelas maldições que já foram quebradas, mas ainda não foram tratadas. Há uma divisão do corpo e psiquismo em três elementos, fundamentada em 1 Tessalonicenses 5.23:

- 1. Espírito:** Elemento com o qual contactamos a Deus;
  - 2. Alma, mente:** Elemento com o qual contactamos o mundo e as pessoas (Eu e os Outros);
  - 3. Corpo:** Elemento com o qual contactamos o mundo físico (matéria).
- A alma (ou mente) compõe-se de:
- Sentimento;
  - Vontade;
  - Pensamento;
  - Consciência.
- (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.57-58)

Observa-se que, além de descrever uma qualidade relacional da alma, um processo comunicacional recíproco, ela também diz respeito aos processos internos da consciência, pensamentos, vontades e sentimentos. Quaisquer sintomas ou manifestações de sofrimento são entendidos como perturbações, ou desequilíbrios patológicos da alma, com origens traumáticas na história de cada indivíduo. O sofrimento se origina numa dimensão transcendental e intergeracional, mas uma vez “solucionado” o problema espiritual, ainda é necessário algum tipo de cura da alma, que ainda se encontra ferida e fragilizada. Esta seção também apresenta uma diferenciação entre 1) as lembranças de eventos traumáticos que podem causar sofrimento, e 2) as manifestações sintomáticas do traumatismo causado por estes eventos.

#### *2. 2. Percebendo a dor de lembranças*

Se ao lembrar um assunto sente-se dor, é porque a ferida ainda não cicatrizou. Dor na alma se apresenta de diversas formas: nojo, raiva, angústia, ansiedade, medo, vergonha... [...] Sinto nojo ao lembrar que fui estuprada (Mulheres)

#### *2. 3. Percebendo “comportamentos limitadores” ou sintomas*

Há feridas para as quais não percebemos uma dor consciente, mas podemos classificar como “limitador” um comportamento pouco sadio na área em que fomos feridos. [...] Embora não sinta nojo (ou raiva) ao lembrar o estupro, não consigo manter firme um

relacionamento afetivo (Mulheres).  
(Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.58)

Alguns comportamentos são apontados como indícios de feridas na alma, como “Não ter prazer sexual no casamento; Masturbar-se compulsivamente.” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.59). Estas feridas são manifestações patológicas que têm uma origem a ser identificada.

### **3. Situações que nos ferem emocionalmente**

A família é a nossa base. Se a sua base foi desestruturada, você também pode ser desestruturado. Talvez aconteceram muitas coisas no período em que você ainda estava no ventre de sua mãe, e durante a infância e adolescência, que lhe afetaram diretamente. Talvez, feridas se instalaram em você através dos seus pecados e dos de sua família. Nossa alma e nosso coração são totalmente afetados pelo pecado.  
(IGREJA BATISTA DE LAGOINHA, sem ano, p.59)

#### **3.1. Rejeição**

[...] **Na relação sexual só o marido se satisfaz (a esposa não tem orgasmo e o marido não se importa com isso), a mulher se sente usada, o marido subestima a inteligência e a capacidade da esposa.**

[...] **i) Profecias auto-realizadoras. A mãe ou o pai que lançou palavras de maldição sobre os filhos, chamando-os de [...] gay; [...] Palavras desse tipo geram maldições, traumas.** [...] Palavras que amaldiçoam:

[...] **Os homens nunca prestam, não confie neles (Mulheres).**

**Homem que é homem não chora.**[...]

**Você vai virar homossexual se não arrumar namorado(a).**

(Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.59-60)

A primeira das situações que causam feridas emocionais é a rejeição. A rejeição seria um sentimento de não ser amado ou bem-vindo entre as pessoas próximas ao indivíduo. Apesar de poder ter origem numa situação real de negligência ou violência por parte dos outros, como sofrer violência verbal ou física de familiares ou cuidadores, xingamentos, ser ridicularizado ou menosprezado por colegas, ela também faz que o indivíduo julgue precipitadamente as pessoas e desconfie de suas intenções. A segunda situação que poderia gerar uma ferida na alma é a auto-rejeição, aqui descrita como insegurança, baixa auto-estima, ou uma imagem de si muito negativa. As outras causas de feridas emocionais apresentadas no texto são:

#### **3.3. Culpa**

**Culpa por ter abortado ou pago o aborto de alguém;** por homicídio; por espancar filhos ou irmãos mais novos etc.; por roubar; por ter enganado; por não ter cuidado dos filhos; **por ter usado alguém sexualmente; por ter sido alguém de “programa”;** **por ter sido abusado sexualmente ou ter estuprado a alguém; por não ser mais virgem; por ter sido homossexual; por ter adulterado etc.**

Por isso hoje você é:

*Inseguro, medroso, birrento, rancoroso, magoado, melindrado, assustado, odioso, tímido, inconstante, solitário.*

#### **3.4. Abusos sexuais**

Abusos de vizinhos, pai, mãe, tio, primo, prima, empregada etc. A maioria dos abusos sexuais no mundo acontece no seio familiar, por parentes próximos.



### 3.5. Desvios sexuais

Homossexualismo: atração sexual por pessoas do mesmo sexo (Lv 18.22).  
(Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.60)

Aqui, destaca-se a quantidade de eventos ou situações relacionadas à sexualidade ou uma noção de sexualidade saudável. A compreensão de uma alma saudável inclui, por exemplo, que no casamento heterossexual exista uma vida sexual satisfatória para a mulher, além de um certo nível de desconstrução das expectativas de gênero tradicionais que estabelecem padrões de virilidade aos homens; é necessária uma relativização dos padrões de beleza impostos sobre as mulheres; que as relações sexuais sejam consentidas, e aconteçam dentro do arranjo tradicional.

Identificadas as perturbações, e as origens das feridas emocionais, é também oferecido um tratamento emocional para cura interior e do corpo. Os desvios não são somente contrários à uma lei divina, uma heresia, mas também manifestações sintomáticas de feridas da alma. Como no fragmento citado anteriormente, a ferida da homossexualidade é localizada tanto nos sentimentos negativos ao seu redor, como na própria homossexualidade como uma atração. Ela é tanto sofrimento, quanto a causa dele.

**Jesus é o maior dos médicos – o maior psicólogo que pode haver.** Somente Ele pode curar-nos integralmente. (IGREJA BATISTA DE LAGOINHA, sem ano, p.61)

#### 5. Como curar feridas?

1o - Admitindo que precisa de cura.

2o - Acreditando que qualquer comportamento limitador pode ser modificado.

3o - Entrando em contato com lembranças dolorosas.

4o - Externando lembranças dolorosas e comportamentos limitadores.

(Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.61)

Se Jesus é o maior psicólogo que pode haver, o tratamento para cura de feridas emocionais também segue protocolos psicológicos que se inspiram em técnicas projetivas e comportamentais. Para lidar com as feridas emocionais, o encontrista precisa identificar seus traumas emocionais, reconhecê-los como problemas passíveis de mudança, deverá se expor sistematicamente aos sentimentos negativos ao relembrar as situações traumáticas, e torná-los visíveis, afim de produzir uma dessensibilização sistemática aos eventos do passado. Encerrando a teoria psicológica da alma no encontro com Deus, o último passo para a cura da alma é a integração dessa instância emocional ao espírito, o comprometimento com a verdade divina, e a libertação do domínio demoníaco a partir da superação do conflito através de um empoderamento espiritual.

#### 5.1. Para que haja a cura interior são necessários dois passos:

1) Romper o domínio de Satanás sobre nós e tomar posse do que é nosso por direito.

2) Receber a cura das lembranças passadas.

*Jesus é a única pessoa que pode sarar os males de nossas lembranças e dores, e Ele o fará, por meio da cura interior.*

(Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.61)

#### 4.1.2.1 Indo à Cruz

A atividade de confissão dos pecados e arrependimento na cruz, que narro no segundo dia do Encontro no fragmento autobiográfico deste capítulo, é descrita no manual do encontro como “o momento mais lindo e importante de todo o Encontro” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.66). Referenciando às lições do pré-Encontro, o sacrifício do calvário é descrito como a mortificação das dívidas do pecado original pelo sacrifício do “último Adão”. Este ritual é um momento onde os participantes podem experimentar o arrependimento, sentir profunda tristeza e se comprometerem com a mudança, para então receber a “vida eterna com Deus” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.66).

É também neste momento que a diferenciação entre o “crente” e o “mundo” foi retomada a partir dos diferentes significados que o sacrifício de abandonar as paixões da carne podem tomar entre estes diferentes “estilos de vida”. Enquanto para o “mundo” o sacrifício seria entendido como uma loucura, entre os crentes ele representa a salvação de Deus, a proximidade de Cristo pelo sacrifício e a liberdade inaugurada pela consumação dele. “A cruz é um lugar de dor, sangue, renúncia, mas somente pela cruz é que somos redimidos.” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.65). Enquanto lia a introdução desta seção, um trecho me chamou a atenção. “Nunca podemos deixar de mencionar a cruz. *A cruz é o antes e o depois da História.*” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.65). A ideia de que este episódio organiza uma história temporalmente me pareceu importante para compreender como se constitui o que vem a ser a conversão religiosa como uma forma de organização temporal da história subjetiva singular.

É durante este momento que o manual descreve detalhadamente todo “O processo da cruz”. O ministrador deve pedir a todos que fechem os olhos e imaginem-se em Jerusalém. Ele deve falar pausadamente, com seriedade e com pesar ao narrar todos os acontecimentos. Ao fundo, uma música de adoração deverá ser tocada. Na minha edição do Encontro, assim como na de alguns familiares e amigos, “Getsêmani” do cantor Leonardo Gonçalves foi a canção escolhida. O espaço deve estar organizado sem nenhuma cadeira ao centro, para que as pessoas possam ajoelhar-se, deitar-se, e orar livremente, sem restringir os movimentos dos seus corpos. Além disso, deve-se instruir aos participantes que eles estão livres para chorar e gritar durante o momento de oração. No entanto, aconselha-se que não se use línguas espirituais ou outros idiomas para facilitar a compreensão dos outros participantes e dos ministradores.

Veja Jesus sendo levado por Maria e José ao templo para ser apresentado a Deus.

Veja-o crescendo em graça, sabedoria e estatura, diante dos homens e diante de Deus. Veja Jesus curando milhares de pessoas: os cegos enxergando, os paralíticos andando e saltando de alegria, os mortos ressuscitando, as pessoas maravilhadas... Ninguém jamais vira coisa igual. Veja Jesus no monte das bem-aventuranças ministrando para uma multidão sedenta e atenta. Durante a época da Páscoa, Jesus foi ao Getsêmani com seus discípulos e lá suou gotas de sangue. Veja Judas beijando Jesus e entregando-o aos soldados. Veja Jesus sendo amarrado e levado à casa de Caifás. Veja Jesus calado ante os insultos da multidão. Imagine que você está no meio da multidão. Veja Jesus vestido com vestes reais e sendo coroado com coroa de espinhos. Veja Jesus sendo despido e recebendo sobre seus ombros uma pesada cruz de madeira. Veja Jesus sendo levado para fora da cidade, saindo em direção ao Gólgota, o Lugar da Caveira – Ele fez tudo isso por você. Veja Jesus caindo algumas vezes por causa do peso dos seus pecados. Ele está muito cansado e com sede. Veja os soldados cravando as mãos de Jesus com cravos enormes; eles cravam também os pés e ele sente muita dor. Jesus sangra... sangra muito. Agora a dor aumenta porque estão levantando a cruz e fixando-a verticalmente. Jesus foi à cruz por minha causa, por sua causa, pelo mundo inteiro. Você está no meio da multidão que assiste tudo. Eles não estão calados, eles blasfemam, gritam. Imagine Jesus dizendo a você: Não foram os romanos que me crucificaram, não foram os judeus... - *Eu estou aqui por causa de você (repita esta frase pelo menos três vezes)*; foram os seus pecados que me trouxeram à cruz... Veja o céu escurecer. Ouça o que Jesus está gritando: “Eli, Eli, lama sabactâni... Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”. Depois Jesus grita novamente com grande voz: “Pai, nas tuas mãos entrego meu espírito!”. Agora Jesus morreu. Ele está morto. (*Dê um pequenino intervalo para que haja reflexão no auditório*). Veja o soldado furando o lado do Senhor e de lá saindo sangue e água. Jesus é tirado da cruz e é envolvido em um lençol de linho fino. José de Arimatéia sepulta-o num túmulo novo. A porta do sepulcro é fechada com uma grande pedra. A multidão se retira, eles têm pressa, porque o sábado está começando. Você se retira também. Três dias se passaram. A notícia se espalha: Jesus Nazareno ressuscitou! Você ouviu? Jesus ressuscitou por você e por mim. Agora que Jesus está vivo, ponha-se debaixo da cruz e sinta o sangue do Senhor caindo sobre você. Receba a remissão dos seus pecados, receba o perdão do Senhor Todo-Poderoso. O túmulo está vazio: não há mais condenação para os que estão em Cristo Jesus. Você ressuscitou com Cristo. A morte e o pecado não mais têm domínio sobre você. (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.66-67)

A citação anterior é uma transcrição do roteiro dos acontecimentos a serem narrados em ordem cronológica pelo ministrador desta atividade. Como dito anteriormente, os participantes devem estar com os olhos fechados e relaxados, sem nenhuma restrição de movimento ou possíveis distrações. Observa-se o uso predominante de representações visuais no conteúdo narrado. Os fatos são apresentados de modo que os participantes estejam na cena como observadores, alternando também ao *ponto-de-vista* de Jesus Cristo, seus pensamentos, falas e sensações descritos pelo ministrador. Este também atua como um transmissor da mensagem de Jesus Cristo, que é apresentado como interlocutor na cena. Ao alternar entre os pontos de vista, os participantes são convidados a testemunhar o sacrifício do calvário, ao mesmo tempo que experimentam o martírio a partir das descrições minuciosas do sofrimento do corpo de Cristo. Enfatiza-se ao ministrador que repita no mínimo três vezes a responsabilidade do ouvinte pelo suplício narrado, a fim de induzir os participantes ao arrependimento (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano).

Após este momento, os participantes recebem a folha para escreverem seus

acontecimentos ruins, traumas, e pecados que serão queimados mais tarde na fogueira. O ministrante deverá exemplificar este acontecimento na passagem bíblica em Atos dos Apóstolos (At. 19:19), onde convertidos queimaram seus livros de magia e outros pertences contrários à fé em Cristo. Outros pertences, como “peças de roupas que tenham símbolos da Nova Era, cartas de pessoas com quem tiveram relacionamento ilícito, presentes de origem ilícita, CDs mundanos, crucifixos, revistas pornográficas, cigarros, preservativos (jovens solteiros)” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.67) e outros objetos devem ser queimados.

As ministrações seguintes (A Nova Vida em Cristo, Oração como estilo de vida, Batismo no Espírito Santo, Visão) se concentram em apresentar e guiar as “novas criaturas” em suas vidas transformadas. Devem-se eliminar as obras da carne (Gálatas 5:19-20) e plantar os frutos do Espírito (Gálatas 5:22). Orienta-se a falar detalhadamente sobre cada obra da carne e fruto do espírito. Busca-se eliminar a “Prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizade, porfia, emulações, iras, pelepas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.69), substituindo-as pelo amor, gozo, paz, longaminidade, benignidade, bondade, fé, mansidão e temperança. Em seguida, os participantes aprendem os princípios da oração, os diferentes estilos, a duração e locais onde podem ser realizadas.

Oração sem ação é fanatismo.  
Ação sem oração é mundanismo.  
Oração com ação é cristianismo.  
(Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.73)

Estas orientações permitem compreender como a cruz se constitui como um paradigma de subjetivação evangélica que organiza uma diferença identitária entre o “crente” e o “mundo” numa temporalidade específica de um ritual específico. Ela é uma experiência que se inicia a partir da identificação direta com Jesus Cristo e seu sacrifício. Ela permite ao indivíduo separar-se da vida passada, os vícios, promiscuidades e as feridas emocionais a partir da morte do “último Adão”. A morte inaugura uma nova forma de vida marcada pela renúncia, pelo perdão, e pela remissão dos pecados concedidos no arrependimento, uma experiência de intenso sofrimento emocional. Em seguida, a ressurreição e o nascimento do “Filho de Deus” oferece uma nova forma de experimentar o corpo, uma nova vida, novos contornos para os prazeres nos conflitos entre as forças espirituais. O sacrifício do calvário muda qualitativamente a maneira com a qual os indivíduos se relacionam com seus corpos e com o mundo, descrevendo uma transformação moral, ética e estética dos sujeitos na sua narrativa de conversão, que se assemelha à narrativa de morte e ressurreição de Cristo.

## 4.2 A performatividade da conversão/cura da homossexualidade

Ao analisarmos a regulação da sexualidade na experiência neopentecostal a partir da conversão religiosa e da cura como processos articulados, podemos compreender como eles sintetizam os esforços de transformação moral dos sujeitos. Buscamos entender como se articulam algumas destas cadeias de significados, e como os sujeitos podem emergir com uma existência social através do discurso religioso. A demanda por cura marca uma entrada em uma nova forma de subjetivação sob regência da fé, onde o sujeito é convocado a empreender mudanças em sua vida e abandonar a submissão às seduções do diabo. Por isso, vamos partir da transformação moral como o efeito comum destes dois atos aparentemente distintos: estamos afirmando que o sujeito “curado” é também o sujeito “convertido”.

Como dito anteriormente, o debate sobre a conversão na experiência religiosa privilegia a experiência interior do indivíduo que se converte. Ela não é entendida como “adesão” a uma nova religião, ao invés disso, ela representa um processo de transformação e mudança em nível de pensamento, sentimentos e atos dos indivíduos em sua solidão em relação ao divino (Freitas & Holanda, 2014). Todavia, um dos limites sobre a definição da conversão como um processo de transformação moral de um indivíduo, ou como adesão a um grupo ou comunidade religiosa, aqui, está na pressuposição de que o sujeito que se converte antecede o ato da conversão. Performativamente, o sujeito convertido, assim como o mundano (expressão comumente utilizada para se referir à vida secular), só pode emergir num campo discursivo uma vez que ele mesmo é efeito de um ato que o anuncia: a conversão.

Entendemos que os rituais, orações e objetos abençoados integram parte dos elementos do discurso religioso que precisam ser articulados a fim de produzirem uma realidade espiritual conflituosa, marcada por uma identificação e oposição ao Diabo, um inimigo a ser “incessantemente expulso, humilhado, combatido, vilipendiado [...] sem o Diabo e seus asseclas, não teriam como justificar, diagnosticar e sanar os males que acometem os fiéis, nem como legitimar sua própria existência ou sua natureza divina” (Mariano, 2014, p.137). A própria sobreposição destes elementos distintos, que a depender do contexto da sua enunciação e articulação retórica produzem outros efeitos, permitem à “doença” emergir como a origem de um sofrimento. O adoecimento, contrário à vontade divina e originado na ação diabólica, é o efeito performativo destes próprios rituais de ordenação do caos, como aqueles mencionados por Rabelo (1993).

Por causa disso, a cura não necessariamente está restrita à figura do líder religioso ou curandeiro, mas também adentra rituais religiosos na vida cotidiana. Mariano (2014), em sua pesquisa sobre igrejas neopentecostais, analisa a incorporação dos objetos benzidos e a

participação nas correntes de oração, bem como as relações econômicas estabelecidas entre os fiéis e as igrejas. Como dito anteriormente, ao contrário de um “caráter simbólico” (Mariano, p.133), a incorporação destes objetos permite aos fiéis terem acesso à uma “centelha do poder divino” (Mariano, p.134). Este elemento é importante para a análise da cura religiosa das homossexualidades nas igrejas neopentecostais: a produção de um sujeito curado é indissociável do processo contínuo de transformação moral, e da incorporação de rituais de conversão e exorcismo na vida cotidiana. Ora estes rituais são iniciados por um próprio sujeito que se converte, ora a própria ação que inaugura a conversão é anterior ao sujeito que corporifica a ação. Aos 14 anos, acordada por um sonho amaldiçoado onde eu me relacionaria com um amigo de infância, minha mãe adentrou meu quarto durante a madrugada e com seu “Bálsamo” ungiu minha testa. Ela orou e quebrou maldições, expulsando os demônios da homossexualidade de minha vida.

A articulação é o processo que estabelece as relações entre momentos dispersos no campo linguístico, transformando seus significados, e tornando-os elementos dentro do domínio de um discurso. Laclau (2014), em seu ensaio *Os limites da metáfora* mostra como se dá a construção retórica do discurso a partir da relação imbricada e interdependente desta à metonímia. Para os efeitos figurativos da metáfora atingirem algum nível de sucesso, ela não somente precisa estabelecer uma relação vertical entre as palavras, criando “saltos” linguísticos na operação de criar associações, mas também tornar os significados horizontalmente relacionados, equivalentes entre si.

Cenas como esta, assim como as experiências do Encontro com Deus ou outros retiros espirituais, nos permitem visualizar como as representações distintas das homossexualidades nos discursos religiosos, médicos e psicológicos, se articulam na patologização das experiências dissidentes de gênero e sexualidade. O discurso precisa estabelecer uma cadeia de equivalência dos significantes, que ao mesmo tempo expande o domínio linguístico da regulação da homossexualidade, tornando-os cada vez mais abrangentes, enquanto retiram partes do conteúdo destas representações, seus significados que foram anteriormente enunciados (Laclau, 2014). Em outras palavras, a equivalência performada no discurso religioso neopentecostal sobre as homossexualidades esvazia os sentidos da homossexualidade, pecado, maldição, doença, espiritual, psicológico, natureza... lhes tornando cada vez menos particulares, e mais equivalentes entre si.

No manual do Encontro, a coerência dos enunciados se mantém a partir da imprecisão conceitual do que seriam os “propósitos” divinos, as “missões”, e do que vem a ser as “feridas espirituais”. Compreendemos que a capacidade dos discursos de manter-se presentes na vida

social se dá a partir das relações estabelecidas entre seus elementos, seus enunciados, em sua contingencialidade. Localizar este discurso no tempo e no espaço nos permite compreender como as desigualdades entre essas identidades se mantêm a partir destas operações de poder, e neste caso, do reconhecimento conferido pelos atores em cena do que vem a ser algo “mundano” ou algo “santo”.

Este esvaziamento de significado é o que estabelece a equivalência da “cura” e da “conversão”. Vamos partir do ato de fala *"Eu aceito a Jesus Cristo como meu Senhor e Salvador"* para entender como ele inaugura o sujeito convertido. Isto é o que Butler (2021), através do pensamento de Austin, retoma como um ato de fala ilocucionário: o ato que performatiza *no momento* da sua enunciação uma ação, neste caso a conversão religiosa. Este ato só é possível porque seus efeitos imediatos se fundamentam a partir de convenções sociais. Eles são um ritual reiterado e não se restringem somente ao momento de sua enunciação, mas à uma historicidade que “excede a si mesmo em direção ao passado e ao futuro, é um efeito de invocações prévias e futuras que simultaneamente constituem a instância do enunciado e dela escapam.” (Butler, 2021, n.p.)

A emergência do sujeito “convertido” também inaugura um processo de reconstituição da vida “antes” deste ato, da secularidade, num registro temporal passado, resignificando a história deste sujeito “novo convertido” em um novo discurso, a partir das novas formas de incitação à fala, do controle comportamental, e dos efeitos emocionais enunciados nestes rituais. Nas vertentes neopentecostais as manifestações corporais do preenchimento do corpo pelo Espírito Santo são parte das ritualísticas da conversão, bem como os rituais de despossessão e exorcismo dos espíritos opressores. Na trajetória de conversão neopentecostal, a realidade interna dos sujeitos é descrita em termos de disputa espiritual entre forças divinas e diabólicas: os desejos carnis e tentações demoníacas estarão em constante conflito com o propósito divino, que é alcançado quando o convertido “nega-se a si mesmo”.

Talvez seja melhor exemplificar estes efeitos corporais a partir do próprio discurso religioso. O Manual do Encontro define o Batismo no Espírito Santo como “a experiência de se receber um revestimento de poder” (Lc 24:49), um batismo com fogo (Mt 3:11), onde a pessoa é preenchida, é envolvida pela glória de Deus. O batismo no Espírito significa a plenitude do Espírito possuindo a plenitude do homem.” (Igreja Batista de Lagoinha, sem ano, p.75). Um dos propósitos deste batismo é o uso dos dons espirituais em diferentes ministérios, para realização de obras em nome de Jesus, além de capacitar os testemunhos e revesti-los de poder. Já na pregação intitulada “Batismo no Espírito Santo”, disponível no canal do youtube da Lagoinha USA, Vinicius Zulato (2023) apresenta o avivamento como uma incorporação do

Espírito Santo como uma “fonte de água a jorrar para a vida eterna”. “É algo constante, é algo perseverante [...] É algo que alimenta rios, alimenta oceanos, mas ela é pequena, e ela é constante”. A intensidade experimentada no corpo como avivamento não é um processo passivo, de um sujeito “recipiente” do Espírito. Ao invés disso, ele acontece espontaneamente, paradoxalmente produzido a partir da repetição das práticas de santificação constantes.

A ideia de um pecado integrado na natureza do corpo, cujas “feridas espirituais” tornam-o vulnerável e fraco espiritualmente exige formas de transformação e cura que ultrapassem a expulsão das forças demoníacas dos domínios do corpo. Busca-se intervir sobre a intimidade, os pensamentos, desejos e emoções. Apesar da importância dos rituais de exorcismo nas crenças evangélicas, conseguimos identificar a insuficiência da explicação de uma ação diabólica para a criação das tecnologias de conversão/cura. O exorcismo faz algo retirando demônios do corpo; a conversão/cura faz algo incorporando o poder divino a partir do avivamento e santificação. Em outras palavras, essas outras tecnologias de conversão/cura investem no corpo como uma instância santificada, não somente purificada ou liberta do mal. Estes efeitos mostram a centralidade do corpo para o discurso evangélico, sendo este um lugar “para adorar ao senhor”, como definido por Ana Paula Valadão (2001)

Pés, mãos, cabeça e ombros  
 Joelhos, olhos, boca e orelhas  
 Nariz, língua, barriga e coxas  
 Costas, pescoço, peito e bumbum  
 Umbigo, testa e cotovelos  
 Cabelo, unhas, todos os dedos  
 Calcanhar, braços e tornozelos  
 Sobrancelhas, queixo e bochechas  
 E tudo dentro de mim existe  
 Para adorar ao Senhor

Aqui, não interpretamos estas alegorias presentes nos textos religiosos e testemunhos como simples “representações” ou “interpretações” da homossexualidade por líderes ou comunidades evangélicas, mas sim como experiências que, em seu caráter religioso, oferecem um repertório para subjetivação e produção tecnológica desta identidade e corporalidade cristã. O discurso neopentecostal enuncia a homossexualidade como um adoecimento, mas como Judith Butler (2004) nos lembra, um ato de fala é, antes de tudo, um ato corporal. A partir do ensaio “Bodily confessions” podemos identificar semelhanças entre estes dispositivos de incitação da fala. Todavia, a equivalência entre o testemunho e a confissão não é óbvia. A confissão parte daquilo que Foucault nomeia como o poder pastoral, e como ele se mantém na sociedade contemporânea no dispositivo psicanalítico: um sujeito, frente a quem detém o saber-poder, faz confissão de um desejo ou ato, e a partir dessa confissão lhe é



oferecido algum reconhecimento a partir de um julgamento normalizador. Nessa relação, o Eu não seria “desvelado” pela verdade, mas ao invés disso, constituído através da sua força.

O testemunho apostólico é uma prática que surgiu ainda no cristianismo primitivo. Ele surge como uma forma de descrição ocular da morte violenta dos apóstolos que não negaram a fé em Jesus Cristo. É um registro de comprovação da fé cristã no período de perseguição da igreja pelo Império Romano. Desta forma, também é um instrumento de pregação que dá continuidade aos ensinamentos do evangelho e o cumprimento do mandamento do “ide”. A função evangelística do testemunho pode ser encontrada na segunda carta de Paulo à Timóteo, quando ele instrui ao seu sucessor para que dê continuidade ao ministério. Em 2 Timóteo 1:8, o apóstolo Paulo diz “Não te envergonhes, portanto, do testemunho de nosso Senhor, nem do seu encarcerado, que sou eu; pelo contrário, participa comigo dos sofrimentos, a favor do evangelho, segundo o poder de Deus.”. O testemunho não se equivale a uma narração de acontecimentos passados, mas é um convite a experimentar os martírios “a favor do evangelho”.

No cristianismo contemporâneo, o testemunho dos apóstolos da perseguição romana abre espaço para o martírio do cristão em sua luta contra o pecado e a vida secular. Uma história da própria conversão ao cristianismo é registrada como uma narrativa sobre a salvação de uma existência pecaminosa em direção a um corpo santificado. Estas análises podem ser encontradas nos trabalhos de Bispo (2018; 2019), Cortês (2014), Duarte & Dullo (2016), Dullo (2016), Machado (2014) e Natividade & Gomes (2006), que debatem sobre o testemunho e sua função comunicacional e religiosa nas igrejas evangélicas. O sofrimento e martírios produzidos no testemunho permitem ao sujeito cristão atingir a sua redenção.

Butler retoma como frente ao analista o sujeito não necessariamente materializa a mesma ação que confessa, mas mantém o ato “vivo” a partir de uma outra ação: falar, confessar uma ação. Esta forma de confissão também exige, do Eu, um repúdio do desejo e sua abdicação para a transformação da vida, além de expor-se, como um corpo, a partir da narração de seus atos e seus desejos, a um outro que exerce autoridade. Este repúdio e abdicação evidenciam um senso de culpa, e uma busca por reconhecimento e satisfação presente na confissão. “A culpa funciona como uma forma psíquica de punição que preexiste à ação e sua confissão, e se torna, obviamente, a forma projetada do julgamento representada pelo analista” (Butler, 2004, n.p.)

O testemunho de superação do pecado, no entanto, se diferencia da confissão frente ao pastor ou ao médico, na medida em que o reconhecimento público não é conferido ao sujeito por um outro que detém o saber, e oferece julgamento, mas pela afirmação da redenção do

sujeito a partir da sua nova enunciação. Ao contrário da vergonha e culpa, o reconhecimento oferecido pela prática se assemelha à humilhação presente na passagem bíblica do evangelho de Lucas 18:9-14

Propôs também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros:

Dois homens subiram ao templo para orar; um fariseu, e o outro publicano.

O fariseu, de pé, assim orava consigo mesmo: Ó Deus, graças te dou que não sou como os demais homens, roubadores, injustos, adúlteros, nem ainda com este publicano.

Jejuo duas vezes na semana, e dou o dízimo de tudo quanto ganho.

Mas o publicano, estando em pé de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, o pecador!

Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que a si mesmo se exaltar será humilhado; mas o que a si mesmo se humilhar será exaltado.

O testemunho de uma vida pecaminosa pode ser interpretado a partir da parábola que antecede este parágrafo como uma forma de reconhecimento da “natureza pecaminosa”, uma forma de exaltação a partir da humilhação pública, e da luta constante contra o pecado daquele convertido ao cristianismo. Não compreende-se que o pecado é somente um problema de ordem espiritual. Ele também é uma questão identitária e emocional, constitutiva da experiência humana, a ser tratada em nível subjetivo de forma contínua. O testemunho não corresponde a uma história de transformação completa, uma vez que o “fariseu” que orava consigo mesmo agradecendo por não ser como “os demais homens, roubadores, injustos, adúlteros” (Lucas 18:9-14) não reconhecia seu próprio pecado, e tampouco foi abençoado e “justificado até sua casa”. A preferência de Deus se deu pelo homem que orou pedindo misericórdia e reconheceu-se como pecador. A transformação é apresentada como um processo de luta constante e ininterrupto contra as memórias, desejos, e contra a própria identidade como “pecador” (*como Adão*), e a afirmação da ressurreição do sujeito santificado acontece a partir do sacrifício calvário e do testemunho do martírio. *“Em seguida dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz, e siga-me.”* (Lucas 9:23)

A parábola assim, como o “processo da cruz”, apresenta o processo de emergência de um sujeito a partir de um sofrimento e de uma renúncia. A partir dela, interpreto que as figuras do ex-homossexual e do homossexual não-praticante (que apesar de seus desejos se abstém do pecado) coexistem como formas distintas, porrem equivalentes, de enquadramento da sexualidade nas igrejas evangélicas. A primeira diz respeito à percepção de que a homossexualidade seria um desvio da natureza heterossexual, causada por forças demoníacas externas que corrompem a alma do sujeito. Neste enquadramento, os rituais de regulação da sexualidade privilegiados seriam aqueles que buscam “expurgar” ou repelir os demônios que

dão origem às manifestações pecaminosas da sexualidade; o segundo enquadramento, ao contrário, diz respeito à percepção da homossexualidade como uma manifestação da natureza humana, uma fraqueza ou pré-disposição espiritual originada na própria condição humana de pecador, além de uma punição divina ao pecado de Adão transmitido como uma maldição hereditária. A regulação da sexualidade neste enquadramento privilegia o sujeito como o *locus* de transformação moral cujo objetivo final é a salvação da alma do sofrimento como consequência do pecado. Se “o salário do pecado é a morte”, o efeito primário da renúncia desta natureza é o surgimento de uma nova vida, ou melhor dizendo, de um novo *estilo de vida* regulado moralmente, e manifesto a partir dos dons do espírito. Todavia, estas duas alegorias se fundamentam sob o mesmo princípio valorativo de que a homossexualidade é ou um pecado ou uma manifestação dele, que deve ser combatida seja a partir duma transformação da essência do indivíduo, ou seja a sua negação no martírio representado no testemunho apostólico. Este é um nóculo discursivo onde “cura” e “conversão” significam a mesma coisa.

É nesse ponto que, mais uma vez, o testemunho apostólico se diferencia da confissão. A humilhação pública produzida por ele não necessariamente está vinculada a um sentimento de culpa como a antecipação de uma punição ou penitência. Ao contrário disso, numa perspectiva evangélica a “culpa” seria uma emoção superada no sacrifício calvário. Ela é uma das “feridas espirituais” que tornam o corpo vulnerável às ameaças espirituais. O testemunho privilegia o arrependimento. Apesar de envolver um nível de sofrimento emocional, ele se difere da culpa na medida que exige uma ação: a abstenção do pecado. Esta abstinência não se restringe a um “não fazer”, mas se materializa na sequencialização dos atos de estilização do corpo e da fala em uma cadeia de significados e de formas de fazer. Isto é, sua repetição ordenada dentro de um campo discursivo religioso nomeia um passado pecaminoso, superado, remido, lavado, rendido *a partir e no* ato de conversão. A partir de uma proibição nomeia-se um sujeito ressurreto, um mártir dotado de um testemunho. “Negar a si mesmo” é a condição da existência social. O testemunho da conversão é o que entendemos como a performatividade da conversão/cura religiosa em sua maior efetividade discursiva: ele enuncia um sujeito a partir de uma “renúncia voluntária”, a partir da censura implícita do pecado que é condição para a transformação estética do sujeito e o exercício do controle moral sobre o próprio corpo. Ele marca o sutil e estratégico movimento de enunciar a proibição não mais como uma ameaça divina de punição, mas como uma ferida emocional, uma experiência materializada no corpo como sofrimento e como um sujeito a ser *resgatado*.

## 5. (HOMO) SEXUALIDADE EM ATOS DISCURSIVOS

Vamos retornar ao ponto de partida, a Igreja Batista da Lagoinha (IBL), localizada no bairro São Cristóvão, em frente a um famoso conjunto habitacional (IAPI) e a mais antiga favela de Belo Horizonte (Pedreira Prado Lopes - PPL). A escolha por essa Igreja poderia ser facilmente justificada por sua relevância política e seu projeto de expansão na cidade de Belo Horizonte e pelo Brasil, com a participação da igreja nas casas legislativas e os vários projetos que ela desenvolve no território. Entretanto, o que me atrai em estudá-la é ter sido nascido, criado e desviado desse ambiente, conhecer parte de sua infraestrutura, ter transitado dentro de seus vários prédios, ter frequentado *células* nas casas de outros membros, conhecer seus ministérios, ter familiares próximos a pastores, ter participado de Encontros, cursos de batismos, ter uma “educação paralela” iniciada no berçário, seguida das escolas dominicais, culto dos juniores, adolescentes e, por fim, da juventude.

Nas portas do templo, ao lado das escadarias, dos portões, em frente à livraria, e por fim, na sala de recepção dos novos convertidos, eram distribuídas as edições do boletim *Atos Hoje*, um periódico semanal publicado pela Igreja desde os anos 90, que continha artigos de opinião, estudos devocionais, mensagens aos fiéis, testemunhos de membros da igreja, informes sobre as atividades da igreja, matérias jornalísticas e estudos de célula para crianças e adolescentes. O material, de distribuição gratuita, era amplamente divulgado nas reuniões e nos arredores da igreja, uma vez que as orientações pastorais para as atividades empreendidas pela igreja estavam impressas ali, e este também era um folheto utilizado para *evangelização* e estudos bíblicos ou devocionais. Ao início dos cultos de domingo, o *pastor Márcio* folheava o material, apresentava o editorial e orientava, com seu sotaque Belo Horizontino anasalado: “*Leia o boletim todinho!*”.

O *Atos Hoje* passou por diversas mudanças em seu formato. Inicialmente foi um boletim datilografado e produzido manualmente para ser distribuído aos fiéis; teve sua produção interrompida até 2003, quando se tornou um jornal impresso; e após isto, se tornou uma revista impressa; passou a ser disponibilizado digitalmente no portal Lagoinha.com; foi rediagramado numa revista digital para distribuição em dispositivos móveis; teve seu conteúdo reduzido em função da paralisação das atividades da igreja para contenção da COVID-19; foi suspenso novamente; foi retomado em uma nova versão de revista impressa em 2022; e atualmente é publicado como um vídeo informativo semanal no canal da Lagoinha Matriz no Youtube. Foram analisados 65 boletins *Atos Hoje*, publicados entre 2006 e 2015, encontrados retirados do site Lagoinha.com, e republicados em redes de compartilhamento de documentos por fiéis ou pelos profissionais envolvidos no processo de editoração do material.

Meu interesse inicial, ao começar o levantamento deste material, era mapear os discursos sobre a homossexualidade presentes nas diferentes seções do *boletim* e como eles articulavam o conhecimento científico e religioso. No entanto, ao explorar os documentos, me deparei com poucas menções explícitas à homossexualidade, ainda menos como uma desordem *psicológica*. Ao invés disso, ela é entendida como um problema do corpo e da alma, que se opõem à vontade e espírito divino. Os discursos que incorporam uma gramática científica e psicológica centram-se em descrições de processos emocionais e constituição da identidade, na ideia de uma promoção da sexualidade saudável e de proteção à infância contra a violência sexual.



MOCIDADE

# O PECADO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Uma das maneiras de Deus punir o pecado é deixar que ele tenha seu curso natural. Como o ser humano suprimiu a verdade pela injustiça e rejeitou a revelação natural e especial de Deus, o Senhor mesmo o entregou a impureza sexual, as paixões vergonhosas e a uma disposição mental reprovável (Rm 1.18-32).  
Nessa caminhada para baixo, o problema mais grave é a homossexualidade. O que aconteceu foi que até as mulheres "trocaram suas relações

sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com mulheres, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão" (Rm 1.26-27).

Com a transformação do hetero em homo, o masculino foi transformado em feminino e o feminino, em masculino, descumprindo-se a orientação sexual que diz: "Não se deite com um homem como quem se deita com uma mulher; é repugnante." (Lv 18.22.)

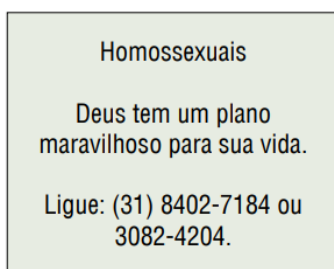
Fonte: Revista Ultimato – Pg 30/julho-agosto 2005. Texto adaptado.

Neste exato momento, jovens estão se perdendo nas drogas, depressão, angústia e vícios. A pergunta é: O que nós estamos fazendo?

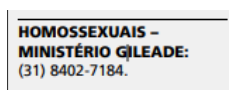
(Atos Hoje, 40 (31), p.8)

O primeiro *boletim* que recuperei, publicado em 2006, apresenta a homossexualidade como “o problema mais grave” dentre aqueles que estão entregues “à impureza sexual, as paixões vergonhosas e uma disposição mental reprovável”. Entre os materiais que condenam a homossexualidade explicitamente como um pecado, ou como uma prática “contrária à natureza”, este foi o único cujo texto lê-se em tom excessivamente acusatório ou injurioso. É curioso notar como neste estudo bíblico o pecado da homossexualidade já seria uma punição

divina que levaria à uma destruição da alma, ou “o castigo merecido pela sua perversão”. A homossexualidade não é entendida somente como a conduta ou ação voluntária, mas é também uma mácula, uma consequência que surge como punição à aqueles que “se entregam às paixões vergonhosas”, atentando contra a lei natural do gênero, como foi estabelecida por Deus. A “transformação do hetero em homo” é também a “transformação do masculino em feminino e do feminino em masculino”. Nota-se também como ao fim da mensagem do editorial apresenta-se um novo conceito de orientação sexual: o mandamento divino de não deitar-se com outro homem como se fosse mulher (Levíticos 18.22). Durante a leitura do material, percebi que os textos devocionais e estudos utilizam os versículos bíblicos como forma de atribuição de legitimidade aos argumentos apresentados, neste caso, a condenação da prática homossexual e as orientações aos membros da igreja.



(Atos Hoje, 43(28), p.11)



(Atos Hoje, 46 (4), p.1)



(Atos Hoje, 44 (29), p.2)



(Atos Hoje, 45(6), p.17)

Apesar da pouca quantidade de textos editoriais que abordavam a homossexualidade, nos arquivos do boletim pude encontrar inúmeras atividades e eventos promovidos pelos ministérios da igreja ou por parceiros que abordavam a sexualidade, além de mensagens curtas direcionadas ao público homossexual acompanhadas pelo número de telefone do ministério Gileade. Este foi um dos primeiros e mais conhecidos ministérios evangélicos direcionados às pessoas homossexuais do Brasil. Contudo, este ministério desenvolveu suas ações sem nenhum tipo de divulgação midiática. Em uma ligação à IBL, fui informado que o ministério provavelmente “deixou de existir durante a pandemia”, que não sabiam me informar de outras atividades ministeriais empreendidas pelos pastores que o lideraram, nem se ainda integravam o corpo eclesialístico da igreja.

Gileade, conhecido na Bíblia como montanha ou monte de Gileade (Gênesis 31:21), é uma região ao leste do Rio Jordão, atualmente na Jordânia, onde se produziam arômatos, bálsamos e mirra. Suas propriedades curativas são mencionadas quando os irmãos de José lhe vendem como escravo (Gênesis 37:25), e também no livro do profeta Jeremias, quando este lamenta o sofrimento que levou Judá ao pecado de idolatria: “Acaso, não há bálsamo em Gileade? Ou não há lá médico? Por que, pois, não se realizou a cura da filha do meu povo?” (Jeremias 8:22); quando revela a ira e julgo de Deus sobre o Egito: “Sobe a Gileade e toma bálsamo, ó virgem filha do Egito; de balde multiplicas remédios, pois não há remédio para curar-te” (Jeremias 46:11). Além destas referências bíblicas, o termo também popularizou-se com o partir do louvor “O Bálsamo de Gileade” do Ministério Diante do Trono, lançado em 2000. Gileade é apresentado como um lugar de cura, mas sobretudo de redenção e submissão a Deus.

Há um bálsamo em Gileade  
Há unção em Gileade  
Vem sobre mim para curar  
Vem sobre a filha de Sião

Há um médico em Gileade  
Há remédio em Gileade  
Vem sobre mim para curar  
Restaura a filha de Sião

Vinde, voltemos ao Senhor  
Pois Ele nos despedaçou e nos sarará  
Fez a ferida e a ligará  
Nos revigorará e viveremos diante d'Ele  
(O Bálsamo de Gileade, Ministério de Louvor Diante do Trono, 2000)

Enquanto na primeira mensagem sobre “O Pecado e Suas Consequências” a homossexualidade é descrita como um vício, impureza, uma paixão vergonhosa de uma “disposição mental reprovável”, nos anúncios de eventos ou serviços oferecidos ao público homossexual, não se faz menção explícita à condenação da homossexualidade. Em 2007, por exemplo, a Igreja Batista de Lagoinha recebeu o 5º Congresso Exodus Brasil, realizado pelo grupo conhecido internacionalmente por fomentar ativismos de “ex-gays”. O evento era destinado aos pastores e líderes religiosos, mas também às pessoas que possuíam comportamentos e/ou atrações homossexuais conflitantes com seu sistema de valores e gostariam de ajuda.

O uso do termo “Homossexualidade” está restrito à delimitação do público alvo destes eventos e atividades. Além disso, não há nenhuma menção direta de qual seria o tipo de “ajuda” oferecida. Ao mesmo tempo, reforça-se o caráter voluntário da participação, enquanto utiliza-se termos pouco descritivos que articulam a mensagem implícita de que a

homossexualidade é contrária à “verdade” bíblica ou “graça” divina. É interessante notar como estes significantes pouco descritivos e esvaziados de significado, como “um plano para sua vida” e uma imagem de uma Bíblia iluminada estão articulados à outros elementos nesta cadeira de significados: o “plano de Deus” é equivalente à cura pelo bálsamo; que equivale à submissão à verdade presente nos mandamentos bíblicos; estes mandamentos equivalem “heterossexualidade” às “relações sexuais naturais”, enquanto ao mesmo tempo a difere das “disposições mentais reprováveis” e suas “paixões vergonhosas”. De modo semelhante, o “conflito com a homossexualidade” e a necessidade da “ajuda para deixá-la” se articula à “graça”, que remete ao exercício da misericórdia divina e remissão dos pecados no sacrifício do calvário, e a transformação moral dos indivíduos no processo de conversão religiosa.

**CONGRESSO SOBRE  
SEXUALIDADE**

5º CONGRESSO EXODUS BRASIL  
12 A 14 DE OUTUBRO 2007  
TEMA: SEXUALIDADE, VERDADE E GRAÇA  
IGREJA BATISTA DA LAGOINHA

**PRELETORES**

Pat Lawrence :: Diretora EGA - Canadá  
Darren Thompson :: Missionário EGA - Canadá  
Fred Allen Missionário :: EGA - Canadá  
Willy Torresin :: Diretor Exodus Brasil  
Carla Pinheiro :: Presidente Exodus Brasil

**VAGAS LIMITADAS**

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:  
[31] 3429 9500  
[31] 3082 4204

→ Evento dirigido a pastores e líderes que desejam aprender mais sobre este assunto, e para homens e mulheres, acima de 18 anos de idade, que experimentam comportamentos e/ou atrações homossexuais, e possuem um sistema de valores que esteja em conflito com a homossexualidade, desejando portanto, receber ajuda para deixá-la.

(Atos Hoje, 41 (38), p.7)

No boletim também há um espaço dedicado à publicação de testemunhos enviados pelos membros da IBL ao jornal. Um destes testemunhos era o de um ex-homossexual que conta sobre sua trajetória de ingresso no cristianismo, narrando a vida anterior à sua conversão como um período errático, de “morte”, abuso de drogas e dependência emocional. Sua transformação aconteceu através do Impacto Vida, um retiro espiritual direcionado aos não-crentes, e seu testemunho foi gravado e transmitido num programa de TV da Rede Super.



## Testemunho

### Jesus fez minha história de novo

"Onde abundou o pecado, superabundou a graça de Deus." (Rm 5.20)

Vou falar sobre dois grandes impactos na minha vida. Um sobre morte e outro sobre vida em abundância. Para falar de vida, preciso falar primeiro de morte. Na adolescência, prestes a completar 15 anos, comecei a trabalhar no centro de Belo Horizonte, em um trailer de lanches, no período noturno. Conheci a "noite" e passei a viver em meio às trevas. Convivia com drogas em geral e curtia rock n' roll. Aos poucos a minha vida começou a mudar radicalmente.

No meu trabalho conheci um rapaz e logo ficamos amigos, tínhamos grandes ideias, pensamentos em comum, a começar pela paixão ao rock. Aos poucos nos tornamos grandes amigos, mas cada vez que essa amizade crescia, alguma parte de mim se desintegrava. Passados alguns meses, nos tornamos totalmente dependentes um do outro. Abandonei a escola, família, amigos e fui viver com esse rapaz, fui morrer aos poucos. Nunca me sentia feliz, nem tinha orgulho do que estava fazendo. Mesmo assim contei para o mundo que era homossexual.

Não entendia o porquê, chegava a questionar a Deus o motivo pelo qual me encontrava naquela situação. Vivi com esse rapaz em meio a grandes guerras por quase cinco anos. Entreguei-me completamente às drogas. Frequentava bares de rock e passei a ser referência para outros adolescentes. Já não trabalhava, pois não conseguia firmar em nada. Não me rendia ao sistema, não concordava em ter que trabalhar e pagar impostos. Cheguei a dizer muitas vezes que eu morreria aos 22 anos. Um ano antes de completar 22 anos, me entreguei totalmente às drogas, mal comia e passei a me isolar do mundo. Já não me cuidava, deixei barba e cabelo crescerem.

Num certo dia estava pronto para usar crack, quando escutei uma voz dizendo dentro de mim que se eu fumasse aquilo iria passar muito mal. E essa voz era do meu Senhor, pois nunca tinha passado tão mal ao utilizar drogas. Naquela hora eu disse a Deus que nunca mais eu usaria crack. Na mesma semana Deus colocou um amigo no meu caminho, e que me convidou para ir à igreja e aceitei. Fomos convidados para ir ao Impacto Vida e realmente fomos muito impactados pela Palavra de Deus.

Fui curado, transformado, perdoado por Deus, me senti amado, feliz e livre como nunca tinha sido antes. Voltei de lá com meus sonhos restaurados. O mais interessante de tudo é perceber como a Palavra tem poder, eu dizia que iria morrer aos 22 anos, e quando os completei, morri para o mundo e nasci para Cristo Jesus. Hoje tenho uma vida abundante, as coisas velhas passaram, Jesus fez tudo novo. Minha alegria hoje vem de Deus, são tantas bênçãos que recebo do Senhor que nem sei contar. A cada dia conheço mais o Senhor, Ele me ouve e eu ouço a Sua voz. Quando olho para trás, fico impressionado com o amor de Jesus. Deus separou para mim uma linda jovem, a qual estou fazendo a corte e pretendo me casar o mais rápido possível, participo do Impacto Vida e lidero uma Célula. Hoje vivo esta palavra "Onde abundou o pecado, superabundou a graça de Deus" (Rm 5.20).

(Atos Hoje, 46 (28), p.19)

A homossexualidade aparece, na maioria das vezes, na periferia dos temas relacionados à família, infância e adolescência, abuso sexual, pedofilia, vícios, e por fim, própria sexualidade "natural". Por exemplo, no dia 24 de novembro de 2011 o Ministério Edificando um Novo Lar, liderado pela pastora Iara D'Arc Diniz de Paula realizou um seminário na Câmara Municipal de Belo Horizonte com abrangência municipal e foco nas escolas públicas. O objetivo deste evento, que contou com a participação do então presidente da Frente Parlamentar em Defesa dos Direitos da Família, o vereador João Oscar, era contribuir com propostas que fortalecessem a família mineira. Em uma das mesas, o seminário debateu sobre os "Reflexos dos novos arranjos de família na escola e na sociedade".

Hoje em dia deparamos com um cenário em que **há de se contemplar uma diversidade de arranjos familiares**: famílias nucleares ou tradicionais compostas pelo casal e os filhos; famílias monoparentais, resultantes do divórcio, óbito, abandono domiciliar, ilegitimidade, adoção por uma só pessoa; famílias ampliadas que agregam parentes e **as famílias alternativas ou não convencionais, que são as uniões homoafetivas**. *Será que as crianças que não veem seus pais como figuras de autoridade, a quem devem respeito, poderão respeitar seus professores? Será que o adolescente que não conhece limites dentro de sua casa saberá reconhecer seus limites na sociedade? E o que dizer do crescente número de adolescentes grávidas? Quais são os reflexos destes novos arranjos de família na sociedade do ponto de*

**vista da educação? E do ponto de vista jurídico? Qual a avaliação de tudo isso sob o olhar da Psicologia?** (Atos Hoje, 45 (47), p. 20)

Ao invés de uma questão religiosa ou espiritual, a família em seus modelos não convencionais são tratados como problemas seculares, diretamente relacionados ao comportamento das crianças nas escolas, e ao desenvolvimento delas como membros da sociedade. Em outra edição, publicada em 5 de maio de 2013 e intitulada “*Você adotaria uma criança?*”, a homossexualidade (e os “temas periféricos” a ela) seriam privilegiados no debate público, enquanto as crianças que esperam a adoção seriam negligenciadas. Além disso, o artigo defende a importância de que elas sejam adotadas por casais dentro do “modelo bíblico”. O homossexualismo (sic) também é apresentado na edição intitulada “*Abuso sexual e Pedofilia. Até quando?*”, de 24 de março de 2013, como uma das consequências do abuso sexual na infância.

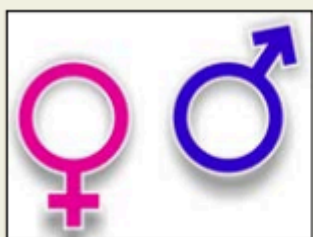
Em tempos de tantas **discussões quentes sobre pedofilia, homossexualismo, aborto e temas periféricos** a esses, é muito fácil **não haver lembrança das crianças que estão na fila de espera** para serem adotadas. Lembrar-nos delas é importante, afinal, **muitas poderão, um dia, serem adotadas, por exemplo, por casais fora do modelo bíblico; e isso é preocupante**. Por essas e outras razões, adoção tem a ver com todos os cristãos, além do que, é assunto bíblico. (ATOS HOJE, 47 (18), p.9)

Um dos pastores da mocidade de nossa igreja, Flavinho Marques, é contrário à omissão. “Precisamos nos posicionar como homens e mulheres de Deus contra a pedofilia. Precisamos tomar atitudes comportamentais como evitar que as crianças se relacionem com adolescentes, fiquem sozinhas ou nas casas de pessoas que não confiamos. Além disso, devemos tomar atitudes no mundo espiritual, tais como, intercedendo, ensinando nos púlpitos e alertando os membros. **Recentemente, um jovem me pediu ajuda para sair do homossexualismo e admitiu que quando criança, foi abusado e que desde então, ficou preso à homossexualidade. Precisamos dar um basta nessa realidade.**” (Atos Hoje, 47 (12), 2013, p.10-11)

Além dos eventos e atividades da Igreja, as mensagens sobre sexualidade foram encontradas na maioria das vezes na seção da “mocidade” do semanário. Este é um termo utilizado para se referir aos jovens adultos da Igreja. Nesta seção, que tem entre uma e duas páginas, frequentemente se aborda sobre os temas de namoro e santidade. Os vícios e “paixões” são abordados com frequência nos estudos devocionais, que reafirmam a necessidade de santificação e de negação constante dos desejos “carnais”. Além de suprimir os *desejos imorais* e fantasiosos, e a promoção da castidade como forma de limpar-se da sujeira herdada do pecado original, o *jovem cristão* é convidado a alimentar sua nova natureza santificada através da oração, e entrar em um acordo com o próprio corpo, assim como fez Jó, ao negar-se a olhar para outras mulheres.

■ PAPO ABERTO

## DE HOJE EM DIANTE... NÃO QUERO VER MENTIRAS E FANTASIAS QUE ME ILUDEM QUANTO AO SEXO



A partir de hoje, com o auxílio de Deus, não vou mais acessar páginas de sites pornográficos. Se, porventura,

eu tiver uma recaída, não darei um tiro no ouvido nem farei em pedaços o meu compromisso. Corrirei em direção ao Pai e lhe pedirei perdão; confessarei minha fraqueza e pedirei outra vez o seu socorro.

Estou resolvido a não fazer de minha mente uma lata de lixo. Já basta a sujeira herdada do pecado original. Não quero causar mais embaraços à minha difícil conduta cristã. Estou suficientemente convicto de que devo alimentar minha nova natureza e não minha pecaminosidade latente.

Devo respeito a meu Deus, ao meu cônjuge e aos meus filhos. O amor conjugal é muito bonito para ser chamuscado pela pornografia. Não quero ver, não quero hospedar, não quero arquivar mentiras e fantasias que me iludem

quanto ao sexo. Se Jô, muitos e muitos séculos atrás, quando deveria ser mais fácil fechar os olhos à luxúria, por não haver revistas, filmes, sites ou cabines pornográficas, fez um acordo com os seus olhos para não olhar com cobiça para uma mulher (Jô 31.1), quanto mais eu deveria me obrigar a fazer o mesmo, seja solteiro ou casado, adolescente, jovem, adulto ou idoso.

Creio no recurso da oração, insistirei na oração, farei orações objetivas e precisas. Orarei com humildade, com lágrimas. Substituirei as mensagens pesadas dos sites pornográficos por outras imagens não apimentadas, sejam culturais, artísticas ou religiosas. Dobrarei a minha vontade todas as vezes que ela me for prejudicial. Mas nunca ingenuamente, como Pedro quando declarou: *"Ainda que todos te abandonem, eu nunca te abandonarei."* (Mt 26.33.) Não me dispensarei da disciplina pessoal nem da autonegação, mas prestarei muita atenção ao fato de que o domínio próprio é fruto do Espírito Santo (Gl 5.23). Se eu sentir necessidade e se for de bom alvitre (opinião), não hesitarei em compartilhar o meu problema com outras pessoas de minha intimidade, para obter auxílio.

À semelhança de Davi, rogarei ao Senhor que me lave e me purifique da bagagem pornográfica acumulada ao longo dos anos, para que ela não me persiga mais. Pedirei que Deus tenha misericórdia de mim e, por seu amor, apague da minha mente todas aquelas imagens rudes, dando-me um coração puro (Sl 51.1-10). Guardarei na memória aquela bem-aventurança do sermão da montanha: *"Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus."* (Mt 5.8.)

**De hoje em diante vai ser assim! Com o auxílio de Deus. Amém.**

» **ULTIMATO**

Quando precisar de ajuda nesta área, ligue para o Pr. Richarde Guerra: (31) 8489-3057.

(Atos Hoje, 44 (7), p. 9)

Os estudos devocionais são acompanhados de propagandas de artefatos religiosos, como bíblias temáticas, álbuns de música gospel, programas de TV, livros, além de cursos e capacitações oferecidas pela Central Ministerial da Família. Aqui destacam-se os cursos de noivos e recém casados, cultos de solteiros e bate-papo dos namorados. No ano 45, edição 53, a seção (e) Namorados, coluna semanal dos pastores Richarde Guerra e Priscila Guerra, eles diferenciam o amor, como uma qualidade divina altruísta, e a paixão enquanto uma qualidade humana e egoísta. Ao lado do iPad, está impresso um banner vertical que divulga o programa Amplificador, apresentado pela (atualmente pastora) Priscila Coelho, que se apresenta como

ex-homossexual.



(Atos Hoje, 45 (53), p. 9)

As ações desenvolvidas ao redor da homossexualidade, e da sexualidade como um todo, são na maioria das vezes integradas aos ministérios de jovens e adolescentes. Exemplo disso são as edições do Confrajovem, uma confraternização realizada na Igreja Batista de Lagoinha desde 1972 que reúne jovens evangélicos de diferentes denominações e igrejas. O evento aborda os temas “O Jovem e a Sexualidade” (ATOS HOJE, 40 (27), 2006, p.13); “Sexo e Sexualidade” (ATOS HOJE, 43 (28), 2009, p.9); “Eu curto santidade” (ATOS HOJE, 46 (28), 2012, p.1); e já contou com a participação de Silas Malafaia, David Riker, além de pastores do próprio corpo da Lagoinha, como André Valadão, Felipe Valadão, Priscila Coelho, e o Pastor Lucinho Barreto, líder do ministério Eu Escolhi Esperar. Ao passar dos anos, se tornaram grandes conferências, com participação de milhares de pessoas, e aconteceu preferencialmente nos meses de julho. Me lembro vagamente de uma ministração do Pastor Gustavo Valadão Bessa, em que ele convidava os jovens da Igreja a participarem do

Confracjovem, que acontecia na mesma semana da Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte, e da importância da evangelização nestes eventos. A fim de curiosidade, descobri que, entre 2006 e 2012 o calendário dos eventos coincidiu.

Parada do Orgulho LGBT de 2006 - Domingo, 16 de julho de 2006  
Início do Confracjovem 2006 - Segunda-feira, 17 de julho de 2006

Encerramento do Confracjovem 2007 - Sábado, 21 de julho de 2007  
Parada do Orgulho LGBT de 2007 - Domingo, 22 de julho de 2007

Encerramento do Confracjovem 2008 - Sábado, 19 de julho de 2008  
Parada do Orgulho LGBT de 2008 - Domingo, 20 de julho de 2008

Encerramento do Confracjovem 2009 - Sábado, 18 de julho de 2009  
Parada do Orgulho LGBT de 2009 - Domingo, 19 de julho de 2009

Encerramento do Confracjovem 2010 - Sábado, 24 de julho de 2010  
Parada do Orgulho LGBT de 2010 - Domingo, 25 de julho de 2010

Encerramento do Confracjovem 2011 - Sábado, 23 de julho de 2011  
Parada do Orgulho LGBT de 2011 - Domingo, 24 de julho de 2011

Parada do Orgulho LGBT de 2012 - Domingo, 22 de julho de 2012  
Início do Confracjovem 2012 - Segunda-feira, 23 de julho de 2012

Nota-se que os pequenos anúncios de evangelização para “HOMOSSEXUAIS” do ministério Gileade apresentados anteriormente também estavam usualmente posicionados próximo à seção da Mocidade no semanário, ou perto dos estudos de célula para adolescentes. Elas coincidentemente aparecem com maior frequência nas edições publicadas em períodos próximos ao carnaval, nos números especiais com editoriais dedicados ao Confracjovem e a Parada do Orgulho LGBT. Não é possível identificar a intencionalidade por trás da escolha destas datas, ou algum tipo de relação causal. Apesar disso, esta coincidência implica na intensificação de disputas pelo espaço público da cidade, e fortalece a narrativa de oposição da Igreja à vida secular. Mais adiante, apresentarei as atividades de evangelização de um dos ministérios que integrou a IBL até 2023 na Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte. Além disso, a presença de grupos evangelísticos de outras igrejas, vindos de outras regiões do Estado e do país também é considerável.

Nota-se também que há uma estratégia de criação de alternativas evangélicas aos eventos seculares, especialmente no carnaval, que é descrito como um momento de libertinagem sexual e uma festa pecaminosa. Em uma das edições encontradas do Atos Hoje é apresentado o “Espíritoval, a festa santa”, um cronograma de atividades que aconteceram durante o feriado de 2013. Nesta edição, a seção dedicada às práticas missionárias dos pastores e membros da IBL espalhados pelo mundo foi dedicada ao Brasil, onde

Milhares de pessoas viajam para pular Carnaval, consumir bebida alcóolica, dançar em festas e literalmente festejar a carne em orgias sexuais. Durante as micaretas, as pessoas buscam felicidade no álcool e passam dos limites, pois muitos perdem a vida em um coma alcóolico ou em batidas e atropelamentos. Além disso, a transmissão de AIDS e doenças sexuais, a gravidez indesejada e muitas outras situações surgem como consequência da libertinagem. (ATOS HOJE, 47 (5), p.5)



(ATOS HOJE, 47, (3) p.9)

Apesar da postura contrária à participação dos fiéis nos eventos e atividades do carnaval, o boletim ressalta a importância das ações de intercessão e evangelização durante este período.

Não basta apenas estarmos envolvidos na programação da igreja e ficarmos longe dessas festas. Hoje o Senhor nos chama a intercedermos por essas milhares de vidas escravizadas pelo pecado. [...] Além de consequências físicas, a festa da carne gera consequências na vida espiritual, tais como viver afastado de deus e dar legalidade ao diabo, que se aproveita dessas ocasiões para roubar, matar e destruir vidas. (ATOS HOJE, 47 (5), p.5)

Clame pela juventude brasileira, que está refém do inimigo. Profetive quebrantamento do coração dos jovens para que queiram viver uma vida de santidade na presença de Deus; [...] Repreenda o engano na cultura brasileira, e ore para que os brasileiros abram o coração para a Palavra de Deus. (ATOS HOJE, 47 (5), p.5)

Em parte, a organização de um calendário de eventos “alternativos” às festas seculares pode ser relacionada à flexibilização dos costumes (Mariano, 2014) das igrejas evangélicas como um esforço de adaptação dos costumes às mudanças sociológicas e demográficas da segunda metade do século XX. No entanto, como nos lembra Rosas (2015), a identidade destas comunidades também se constitui em relações de oposição e diferenciação ao mundo secular. A expansão do movimento gospel e esta forma de “sincretismo religioso” se dá a

partir do enquadramento destas atividades como forças demoníacas e inimigos espirituais a serem combatidos e conquistados.



NESTE FERIADO,  
**SANTIDADE**  
É MINHA ESCOLHA

	ESPÍRITOVAL	11º INTERTEEN	ACAMPAMENTO JOVENS ADULTOS
Data	8 A 12 DE FEVEREIRO	9 A 12 DE FEVEREIRO	8 A 12 DE FEVEREIRO
Local	Templo da IBL	Pousada do Rei, (Sarzedo, MG)	Hotel Fazenda Lagoa Azul (Esmeraldas, MG)
Valor da inscrição	Gratuito	R\$ 290,00 (divide no cartão de crédito)	R\$ 520,00 (até 12 vezes no cartão de crédito)
Contato	Mocidade da IBL (31) 3478-6500	Pr. Wagner (31) 3426-9313 / 8489-2741 www.interteen.com.br	Marisa Alessandra (31) 8653-1941 www.jovensadultos.org.br

(Atos Hoje, 47, (5) p.15)

### 5.1 Psicologia em *Atos* discursivos

A laicidade da psicologia é um objeto de disputa constante. Recentemente, vimos as Ações Civis do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos - CPPC contrárias às resoluções do Conselho Federal de Psicologia chegarem na suprema corte brasileira. Apesar destes grupos terem uma grande relevância no debate sobre religião e psicologia, vou me atentar a outras formas daquilo que poderíamos identificar como uma “psicologia cristã”: a incorporação dos saberes psicológicos nas atividades de pastorais; e a oferta de serviços psicológicos por profissionais liberais cristãos. Estas duas “formas” se relacionam, na grande maioria das vezes, mas têm diferenças qualitativas distintas em seu funcionamento. Vou direcionar minha atenção, neste momento, para como estas questões aparecem no Atos Hoje, a partir da veiculação dos psicólogos e psicólogas de anúncios de serviços terapêuticos ou a partir dos relatos evangelísticos missionários de membros do corpo eclesialístico.

■ CONHECENDO OS NOSSOS PASTORES

**ELA FEZ DA PSICOLOGIA  
UMA EXTENSÃO DE SEU  
CHAMADO**

(Atos Hoje, 44 (7), p.14)

Na edição de 14 de fevereiro de 2010 do Semanário da Igreja Batista de Lagoinha foi publicado um artigo editorial anunciando a consagração da pastora Marlene Ferreira para o corpo da igreja. A pastora, que já integrava os “ministérios *Gideões da Oração e Mulheres em Ação*. No primeiro, Marlene atuou nas atividades de administração. Já no ministério “Mulheres em Ação”, atuou como psicóloga, onde aliou “às duas funções ao seu chamado ministerial (Atos Hoje, 44 (7), p.14).

A pastora e psicóloga conta sua trajetória de vida até o momento de sua conversão. Marlene ingressou na graduação em psicologia em 1980 e testemunha sobre as dificuldades econômicas que enfrentou desde então, que a fizeram se afastar do consultório de psicologia e iniciar seu seminário de teologia em 2001. O término de um relacionamento em que estava “amigada”, um acidente de carro, a sua conversão e a demissão de seu emprego, para ela, eram as manifestações do propósito divino que levaria à sua consagração ao ministério pastoral em 2009. “Deus cumpriu o seu propósito e o seu plano para o qual havia me chamado e me formado no ventre da minha mãe. Ele já me conhecia e já havia me separado para ‘libertar os cativos e apregoar o ano aceitável do Senhor’. Obrigada, meu Pai! Aqui agora estou. Eis-me aqui. Conte comigo.” (Atos Hoje, 44 (7), p.14) Apesar de apresentar a nova pastora como uma psicóloga em formação e atuação profissional, o artigo se debruça sobre a trajetória pessoal e religiosa e a missão ministerial. A psicologia aparece como uma ferramenta para evangelização e cumprimento do propósito divino, assim como os dons espirituais recebidos no momento do avivamento/batismo no espírito santo mencionados anteriormente.

Já no vídeo intitulado “PROFETIZANDO VIDAS - Ministério Psicologia para a Família”, publicado em 2020 no canal do Youtube da IBL, a psicóloga Soraya Soares apresenta a atuação de outro ministério que, até aquele momento, atuava há 17 anos. Ao contrário do testemunho apresentado na nomeação da pastora Marlene, o vídeo institucional do ministério apresenta a psicologia como uma atividade secular, mesmo quando as profissionais contam sobre seus “chamados ministeriais”, e os motivos que as levaram a atuar nesta profissão. “Chamados” ou “missões” são alguns termos que descrevem este tipo de organização da vida que incorpora os saberes seculares e o trabalho numa gramática de *vocação*, como uma dádiva a ser exercida dentro da prática ministerial. Uma prática ministerial que se expande no mundo secular, através da dádiva ou concessão de um dom, que sobrepõe o cuidado à evangelização. Nota-se que Soraya, além de atuar como psicóloga clínica, ofereceu cursos de aconselhamento pastoral no Centro de Treinamento Ministerial Diante do Trono - CTMDT, onde foi coordenadora pedagógica.



**Ψ PSICOLOGIA CLÍNICA**

Atendimento psicológico

Ana Carolina [REDACTED]  
CRP / [REDACTED]

Cons.: Av. [REDACTED] Lourdes – BH - MG  
Cel.: [REDACTED]

(Atos Hoje, 42 (10), p.10)

*Psicólogas Cristãs*  
*Atendimento Individual, Casal e Família*

Maísa [REDACTED] – CRP 04/[REDACTED]  
Fone: [REDACTED] E-mail: [REDACTED]

Jane [REDACTED] – CRP 04/[REDACTED]  
Fone: [REDACTED] E-mail: [REDACTED]

*"Em tudo dai graças"*

(Atos Hoje, 42 (10), p.11)

**Maísa [REDACTED]**

Psicóloga Cristã CRP 04/[REDACTED]  
Atendimento Individual, Casal e Família

**50% de desconto nas sessões**

Av. [REDACTED] BH/MG  
(31) [REDACTED]

*"Em tudo dai graças"*

**MARLENE [REDACTED]**  
Psicóloga Clínica  
Crianças, adolescentes,  
adultos, casais  
(31) [REDACTED]

(Atos Hoje, 43 (32), n.p.)

**AP Clínica Atitude**  
Psicologia  
Psicanálise  
Psicopedagogia

Profissionais evangélicos

Rua [REDACTED] - St. 408 - Centro  
(31) [REDACTED]

(Atos Hoje, 43 (32), n.p.)

**Ψ Dra. Katya [REDACTED]**  
Psicologia - Psicanálise - Psicotécnico  
Sexologia - Psicopedagogia - Toxicologia  
Atendimento à 3ª Idade, Casal, Adulto, Criança,  
Adolescente, Dependência Química, Orientação Vocacional  
(31) [REDACTED]

(Atos Hoje, 43 (34), n.p.)

**DRA. LIDIANE [REDACTED]**  
Psicóloga Clínica CRP-04/[REDACTED]

**Psicologia, orientação profissional, carreira,  
aposentadoria e psicodiagnóstico**

Atendimento a adultos, adolescentes, casais e a 3ª idade

(31) [REDACTED]

*"Levanta-te e esplandece porque  
já vem a tua luz." (Is. 60.1)*

(Atos Hoje, 46 (4), p.14)

**PSICOLOGIA CLÍNICA**

Terapia individual e de casais | Atendimento à dependentes químicos

**LUIZMAR [REDACTED]**  
CRP: 04/[REDACTED]

(31) [REDACTED]

AV. [REDACTED]

(Atos Hoje, 44 (7), n.p.)

**Dr<sup>a</sup>. Katya [REDACTED]**  
CRP 04/[REDACTED]

Psicologia Cristã - Dependência Química  
Sexologia - Psicopedagogia

**50% de desconto nas consultas!**

Atendimento para adultos, adolescentes,  
crianças, casais e a 3ª idade.

**AGENDE SEU HORÁRIO:**  
(31) [REDACTED]

*"Tudo tem um tempo determinado e um propósito."*

(Atos Hoje, 44 (29), p.17)

De modo semelhante, os anúncios de serviços de psicologia nas edições do *boletim* não apresentam os serviços como práticas religiosas. Ao invés disso, os anúncios que utilizam de elementos religiosos trazem as crenças dos profissionais como uma característica ou expressão individual de fé, inserindo a religião dentro de uma linguagem secular organizada pelo princípio jurídico da liberdade religiosa. A sexualidade é abordada como um dos temas entre os vários “assuntos de psicologia”, e não são oferecidos nenhum serviço específico para pessoas homossexuais. Ao contrário de uma “Psicologia Cristã”, o que são ofertados são os serviços de “Psicólogas Cristãs”, que articulam os ensinamentos bíblicos e versículos em seus anúncios, mas reafirmando o caráter laico de suas formações e suas intervenções. A “Laicidade” e “religiosidade” novamente, não se apresentam como posições antagônicas. Ao contrário disso, elas interagem nos enunciados presentes nos anúncios dos serviços psicológicos, e até mesmo em seus relatos missionários, na medida em que as habilidades profissionais serão descritas como “dons” ou “propósitos” divinos. Ao revisar esses anúncios, também pude reparar na quantidade de irregularidades quanto às regulamentações da profissão que vão desde anúncios sem o número de registro no Conselho Regional de Psicologia, anúncios contendo serviços “complementares”, anúncios de promoções e descontos para membros da igreja, e por fim, a oferta de serviços de “Psicologia Cristã”.

Enquanto lia cada um dos 65 boletins, me deparei frente a um nome familiar que ouvi repetidas vezes em minha vida. Por volta de 2010 ou 2011, uma de minhas primas, de quem sempre fui próximo, foi encontrada na praça do colégio junto de amigos que “exerciam má influência”. Sua mãe, que acabara de se converter, conversou com o Pastor Márcio após um culto, e pediu conselhos para lidar com a filha que acabara descobrir ser homossexual. Além de incentivá-la a orar e não desistir de sua filha, ele indicou uma psicóloga chamada *Gilcéia*. Durante alguns anos ouvi muito sobre estes atendimentos: a profissional identificou a causa de sua homossexualidade no suicídio de seu pai, quando ela tinha 9 anos; quebra de sigilo dos atendimentos, que eram relatados à sua mãe; sua mãe foi orientada pela psicóloga a transferi-la para outra escola, impedir o contato com os amigos, retirar seu celular, bloquear o acesso à internet, telefone e televisão, jogar fora suas roupas e acessórios, levá-la aos cultos e encontros de célula, e por fim, matriculá-la nos cursos de batismo. O anúncio da “*Psicóloga cristã, membro da IBL*” contém os dizeres “Transformar Vidas”, acompanhado de uma borboleta pousada numa flor, e oferece tratamento para diferentes transtornos mentais. Apesar disso, não há nenhuma menção direta à sexualidade.

**Transformar Vidas**

**Gilcéia**  
Psicóloga e Arteterapeuta

**Tratamentos para:**  
Depressão, transtornos de ansiedade,  
distúrbios alimentares, medos/fobias, síndrome  
do pânico, problemas de aprendizagem e  
déficit de atenção, doenças psicossomáticas.

Profissional cristã, membro da IBL.

Rua ... - Belo Horizonte

(31) ...

(Atos Hoje, 41 (26), p.8)

Alguns dos elementos visuais presentes nos anúncios de serviços psicológicos também estão presentes nos anúncios dos serviços de aconselhamento pastoral e dos retiros espirituais. Eles fazem referências diretas a “cura” e “restauração” das “feridas” espirituais, e também aliam aos textos fotografias em preto-e-branco, sem rostos ou expressões faciais. Estes elementos visuais também apareceram nas páginas do Boletim, nas ilustrações presentes nas capas, nas mensagens devocionais e nos estudos bíblicos. O uso de flores e folhas esverdeadas em meio ao solo ressecado é utilizado como uma representação da graça e do “reavivamento”, assim como cenários de várzeas, campos abertos e cenários “naturais” aparecem nos estudos devocionais e meditações como formas de representação do apaziguamento.

Além dos anúncios de profissionais liberais, as edições do *Boletim* frequentemente veiculavam o anúncio dos ministérios vinculados à igreja. Um destes ministérios, a “Clínica da Alma” tem objetivo de trazer libertação, cura espiritual e emocional a partir da oferta de serviços de profissionais da área da saúde. Nele são oferecidos atendimentos com psicólogos, terapeutas ocupacionais, nutricionistas, psicopedagogos, fonoaudiólogos entre outras categorias. Além dos atendimentos clínicos, o ministério também organiza eventos e cursos sobre temáticas variadas. Aos finais de semana, o ministério promove um retiro espiritual chamado “Seminário de Restauração”, além de oferecer o curso “Escola de Restauração”, em três módulos (que custam R\$ 299,90 cada) com objetivo de

Capacitar e trazer cura para a alma, para o Espírito e o corpo do homem por meio do ensino, da adoração e do poder do Espírito Santo. Tratar o indivíduo e suas questões pessoais, relacionamento com Deus e com outros; Capacitar os participantes a serem agentes de transformação.



(Atos Hoje, 41 (26), p.9)



**Data:** 19 a 21/6.  
**Local:** Sítio Green Peace, Contagem/MG.  
**Atenção:** inscrições até o dia 17/6.

(Atos Hoje, 43 (24), p.8)

No site da *Clínica*, é possível ver os temas abordados no curso, bem como sua divisão em módulos. O roteiro das aulas apresenta a sexualidade como um tema transversal aos três módulos, com aulas específicas sobre a identificação dos laços de alma; pedofilia; sensualidade e sexualidade; e distúrbios sexuais. Nos anúncios presentes no Atos Hoje, os retiros deste ministério apareceram junto outras atividades, como o Encontro com Deus, o Impacto Vida (que têm uma metodologia semelhante ao Encontro, porém direcionada a pessoas não convertidas), e os encontros da Estância Paraíso, ministério da pastora Ezenete Rodrigues (mentora de Ana Paula Valadão) que ficou conhecido nacionalmente através da participação de celebridades.

## Estância Paraíso



**Não perca!  
Inscrições abertas,  
vagas limitadas.  
Confira a agenda!**

**Morá:** 2 a 5 de fevereiro / 16 a 19 de fevereiro / 23 a 26 de fevereiro.  
**Escolhidos Rhema:** 1 a 15 de fevereiro.  
**Escolhido:** 6 a 13 de fevereiro.  
**Programa Escolhidos Saúde Integral:** 7 a 16 de fevereiro.  
**Escolhidos Renovo:** 27 de fevereiro a 5 de março.

**Informações:** (31) 4141-1364 – falar com Natany. Acesso: estanciaparaíso.lagoinha.org.



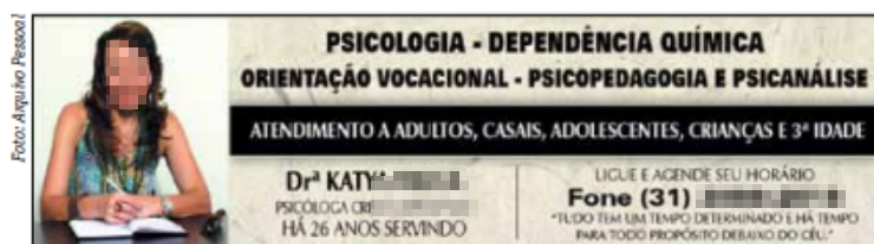
(Atos Hoje, 40(31), p. 7)

(Atos Hoje, 46(2), p.12)

Entre os outros anúncios de psicólogas (e poucos psicólogos) nas seções do empresário e no corpo do Atos Hoje, chama atenção que a uma psicóloga tem dezenas de anúncios em várias edições, formatos e cores distintas, com e sem retratos. Numa pesquisa rápida do endereço fornecido nos anúncios, verificou-se que ela oferece seus atendimentos psicológicos no complexo habitacional localizado em frente a IBL, no outro lado da avenida Antônio Carlos. Também encontrei as páginas onde ela divulga seu trabalho, coincidentemente chamada “Clínica DA ALMA Psicologia” no Facebook, e um perfil no Tik Tok. Recentemente, a “Dra.” passou também a oferecer atendimento especializado em “Ideologia de Gênero”, além de publicar vídeos com mensagens eleitorais sobrepostas ao seu cartão de visitas. Recuperei, a partir dos materiais encontrados no Atos Hoje, os cartões de visita e panfletos publicados na página das redes sociais da “Dra. Katya”. Na rede social LinkedIn, a profissional apresenta suas qualificações profissionais e suas áreas de atuação.

Atendimento Psicológico, Psicanalítico e Psicopedagógico, Dependência Química, Ideologia de Gênero. Atendendo ADULTOS, CASAIS, FAMÍLIA, ADOLESCENTES, CRIANÇAS E 3ª IDADE.

Clínica estruturada a aproximadamente 25 anos, prestando serviços com qualidade primando pela excelência, Contando com 28 anos de expertise profissional. Formação: 2ª turma de Psicologia da Newton Paiva. Psicanálise: 4 anos de estudo psicanalítico lacaniano, com bibliografia francesa (estudei 4 anos o idioma francês paralelamente ao curso de Formação Psicanalítica). Atuação em Recuperação e reabilitação na área Dependência química no Projeto Êxodo. E continuo desenvolvendo estratégias no atendimento clínico na área de Dependência Química. Aplicação de testes e técnicas projetivas psicológicas, psicopedagógicas Psicoterapia cognitiva comportamental e Psicanálise online. Trabalho presencial e remoto. Coaching.



(Atos Hoje, 46 (4), p.15)

Os anúncios desta psicóloga foram os únicos anúncios de serviços psicológicos entre os encontrados nesta pesquisa que fazem menção explícita à uma perspectiva particular sobre a sexualidade ou o gênero. Os anúncios fazem menção ao público atendido a partir de termos como “Adulto”, “Adolescente”, “Casal”, “Família”, “Criança”, “Melhor idade”, em outros momentos fazem referência a demandas específicas, como “Conflitos”, “Perdas”, “Luto” e “Gravidez indesejada”. Em um dos cartões de visita, recuperados de um perfil em rede social, aparece o uso da categoria “Ideologia de Gênero”, termo frequentemente utilizado como um mobilizador político por ativistas conservadores contemporâneos.



(Recuperado no perfil do Facebook)

Neste anúncio o termo “Ideologia de Gênero” é apresentado como uma qualificação profissional ao lado de “Psicologia”, “Sexualidade Humana”, “Dependência Química”, “Orientação Vocacional” e “Psicoterapia Breve”. Esta disposição dos termos nos dá algumas pistas sobre como eles se articulam ao conhecimento científico e religioso em formas de regulação da sexualidade. Ao invés de uma situações ou cenários específicos envolvendo algum nível de sofrimento mental ou que geram demandas por um atendimento clínico, estes termos anunciam uma escuta especializada, uma forma de enquadramento específica da sexualidade e do gênero organizando o conjunto de instrumentos e técnicas a serem utilizados pela profissional. De modo semelhante, o uso dos termos “Psicóloga cristã”, “membro da IBL” e “Servindo há 28 anos” apresenta um enquadramento particular dos serviços psicológicos a partir do discurso religioso, e estabelece continuidade aos propósitos ministeriais da Igreja e da missão pessoal: *a prática da psicologia clínica como um dom espiritual concedido pela graça divina, como um dom de cura para evangelização, transformação e conquista de vidas*. O propósito divino também é refletido na escolha particular de versículos bíblicos nestes anúncios: “Tudo tem um tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu (Ec 3:1)” e “Levanta e resplandece, porque já vem a tua luz... (Isaías, 60:1)”.

Aqui, destaco a importância de alguns dos elementos visuais que compõem estes anúncios. Muitos não têm conteúdo textual, mas têm grande poder de representação a partir dos enunciados visuais que performatizam, e dos outros elementos presentes no discurso

religioso aos quais estão ligados. Exemplo disso é o uso da borboleta como uma forma de representação da mudança, como metamorfose; símbolos de referência direta ou indireta à psicologia, os divãs e sofás, que elencam uma rede de significados sobre a prática da clínica como uma metodologia própria da escuta. Estes elementos estabelecem distinções aos serviços oferecidos por outros profissionais e das atividades de aconselhamento pastoral.

Observa-se que a disposição dos anúncios da “Clínica da Alma”, assim como os termos utilizados para descrever suas atividades, não se diferenciam daqueles utilizados para descrever outras atividades promovidas pela Igreja em suas atividades religiosas, apesar do enfoque ministerial na promoção da saúde emocional. Entre os diferentes anúncios, os termos “restauração”, “cura”, “libertação” e até mesmo “Saúde Integral” (como no caso da Estância Paraíso) são apresentados para descrever atividades muito distintas entre si. Observa-se também o uso de elementos visuais equivalentes nos anúncios de profissionais, dos ministérios e dos retiros espirituais promovidos pela Igreja. Também chama a atenção o uso repetido de figuras faciais sem expressões. O que as silhuetas ou rostos escondidos na sombra parecem fazer alusão é à vida emocional como uma experiência particularmente humana, sem atribuir nenhum conteúdo específico ao que seriam “emoções”, “sentimentos” e até mesmo a “humanidade”. Ainda assim, estes elementos se relacionam à mesma cadeia de significados identificadas no manual do Encontro com Deus. “Conflitos”, “Perdas”, “Luto”, “Gravidez Indesejada” são termos que fazem referência aos processos de sofrimento, especificamente em relação à “dor”, o “trauma” e às “feridas emocionais” que estas situações podem causar.

No contexto de conversão religiosa o “sofrimento” é entendido como o sinônimo de manifestações de uma fraqueza espiritual, uma consequência do pecado, e será até induzido e experimentado como arrependimento. No caso dos anúncios dos serviços psicológicos no Boletim Atos Hoje, o enquadramento próprio “da psicologia” e da “escuta especializada” dá continuidade ao regime discursivo que organiza o tratamento das “feridas espirituais” e a promoção da “restauração” e “cura” da alma assumindo a gramática própria da técnica psicológica, da ciência e do conjunto de representações sobre a atividade clínica. Isso não significa afirmar que essas profissionais “mascaram” suas práticas religiosas como atividades profissionais. Ao contrário disso, é a própria capacidade de deslocamento discursivo dos significados que constitui o “sofrimento” como uma demanda psicológica por “cura”, e a “cura” como um dom espiritual a ser empreendido numa missão. Estes anúncios permitem visualizar como a oferta dos serviços psicológicos, assim como a própria demanda por uma intervenção específica sobre a sexualidade estão situadas num campo de regulação implícita, como uma inteligibilidade politicamente regulada.

## 6. REGULARIDADE DISCURSIVA E DISPERSÃO DOS ENUNCIADOS SOBRE A EXCLUSÃO E INCLUSÃO LGBT NA IGREJA BATISTA DE LAGOINHA

Este capítulo apresenta a aparente contradição entre diferentes posições no discurso sobre a diversidade sexual presentes na Igreja Batista de Lagoinha no período entre 2012 e 2023. Neste período, investigamos as coerências e incoerências entre as ações de inclusão da diversidade promovidas pelo Movimento Cores, um ministério evangelístico encabeçados pela pastora Priscila Coelho, que integrou a IBL até julho de 2023 e outros discursos e pregações dos pastores na Igreja Matriz, especialmente dos pastores vinculados à Família Valadão.

Como mencionado no capítulo anterior, as ações dos ministérios da igreja relacionadas à homossexualidade estão frequentemente direcionadas a “Mocidade Lagoinha”, como são referidos os jovens adultos que integram o corpo da igreja. Além dos cultos, células e reuniões e à *mocidade*, também são realizados eventos, conferências e festivais com presenças de músicos e bandas gospel, além de pregadores e missionários de outras regiões do Brasil e do mundo. Este é o caso do Confracjovem, um evento anual realizado pela IBL desde 1972, atingindo o público de 60 mil pessoas.

Por trás dessas ações, destaca-se o produtor musical e diretor de arte Alex Passos (também conhecido como Balaio). Além do próprio programa de televisão transmitido através da Rede Super, emissora local da igreja da qual foi diretor executivo, ele também foi produtor e diretor artístico de álbuns e DVDs gospel de relevância nacional. Entre seus trabalhos notáveis está seu envolvimento no desenvolvimento da marca “Fé”, que estampa roupas, livros, bíblias e outros artigos gospel, originada no álbum de 2009 do cantor André Valadão. Para este capítulo, a figura de Passos foi importante para a compreensão da polêmica ao redor da gravação do CD e DVD “Aliança” de André Valadão, que aconteceu na IBL em 2011. O conceito desta obra é a reapropriação do arco-íris como símbolo religioso, que teria sido usurpado de seu significado espiritual pelos movimentos sociais de afirmação das homossexualidades, além de negligenciado por parte da Igreja<sup>4</sup>.

Também em 2011, Alex convidou para o time da emissora a missionária Priscila Coelho, para apresentar o programa Amplificador com a proposta de abordar temas que

---

<sup>4</sup> Esta informação foi recuperada do vídeo dos bastidores da gravação do DVD “Aliança”, que estava disponível no Youtube, mas foi apagado do canal da emissora Rede Super. Entretanto, numa matéria jornalística do jornal Estado de Minas, publicada em 4 de julho de 2023, recuperam-se duas falas do Pastor na época: “Nós, igreja, temos a facilidade de entregar ao inimigo aquilo que Deus deu pra nós” e “O arco-íris não é um símbolo de um movimento, é o símbolo de uma aliança que Deus fez com o homem”. A matéria está disponível em <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2023/07/04/noticia-diversidade.1516023/andre-valadao-bolsonar-ista-roxo-em-2022-ja-lancou-album-com-arco-iris.shtml>



circunscrevem as experiências dos jovens evangélicos, alternado à produções culturais como música ao vivo e videoclipes. Priscila se formou no Centro de Treinamento Ministerial Diante do Trono (CTMDT) e no Seminário Teológico Carisma, ambos vinculados à IBL.

Dois anos depois, em 2013, a missionária iniciou o Movimento Cores (MC) com objetivo de promover ações de evangelização direcionadas às pessoas homossexuais, sendo incorporado como um ministério da Lagoinha em 2014. Duas atividades recorrentes divulgadas pelo movimento, até o momento de realização desta pesquisa, foram o “Grupo Entendidos”, um grupo de estudos bíblicos que acontece semanalmente, às quartas-feiras, e o Grupo Alegria, às segundas-feiras, com ministrações e momentos de louvor e adoração. Além das atividades nos espaços da Igreja, o Cores também marca presença em eventos direcionados ao público LGBT, abordando pessoas em bares, boates e inclusive durante a *Parada* de Belo Horizonte. A aparência física e comportamento de Priscila chama a atenção comparada aos outros líderes da Igreja. Ela é uma mulher negra, de aparência jovem, seu cabelo com dreadlocks, com tatuagens e piercings, pouca maquiagem e roupas que não seriam facilmente identificadas como femininas. Enquanto seus pares utilizam trajes sociais, saias, vestidos ou vestuário de “grife”, a pastora era vista utilizando calças jeans, tênis de skatista e camisetas largas. Para ela, a sua aparência física destoante das expectativas de gênero tradicionais auxilia na aproximação do “público LGBT” ou “alternativos”.

O ministério situou-se na Lagoinha Savassi, na Avenida do Contorno até 2022, e na Rua Rio de Janeiro, no centro de Belo Horizonte até 2023, ano que desligou-se da IBL logo após a repercussão nacional das pregações do pastor André Valadão com conteúdo homofóbico e de incitação à violência contra pessoas homossexuais. Em vídeo publicado no Instagram, Priscila Coelho anunciou o desligamento da Igreja Batista de Lagoinha por discordâncias em relação à abordagem evangelística da população LGBT. Ao invés de compreender este rompimento como efeito dos eventos recentes (escrevo este texto em agosto de 2023), retornaremos aos acontecimentos da última década para entender o surgimento destas posições a respeito da inclusão/exclusão LGBT dentro da instituição.

Em pesquisa rápida na internet é possível recuperar vídeos de pregações, programas de TV, entrevistas e podcasts em que a pastora Priscila apresenta seu testemunho pessoal de conversão e sua trajetória de luta contra a própria sexualidade. Neste capítulo, analisaremos a conferência realizada na edição de 2022 do Confrajovem, intitulada “Homossexualidade, celibato e casamento”. Esta ministração aconteceu na Igreja Matriz, em Belo Horizonte, no dia 22 de abril, foi transmitida ao vivo no canal do Youtube da Lagoinha e continua disponível publicamente (na data de publicação deste trabalho).

A palestra se iniciou com a apresentação dos líderes do ministério Gerações, o casal formado pela pastora Vanessa Jaffar e o pastor Eduardo Queiroz. Este é um casal que destoa de algumas expectativas da liderança pastoral. Ambos são brancos, de aparência jovem, e usam roupas casuais em frente ao painel de LED que reproduz a identidade visual e o tema adotado naquele ano: Resistência. Assim como Priscila, sua forma de falar soa menos “ortodoxa”, eles utilizam expressões coloquiais e exemplos cotidianos em sua oratória. Ainda no início da conferência, antes da fala da convidada, Vanessa propõe aos espectadores que olhem para a pessoa ao seu lado e diga “sexo”. O objetivo é desinibir os fiéis para uma conversa mais descontraída para um assunto que normalmente é um tabu. “Hoje nós sofremos enquanto sociedade a consequência da omissão da igreja em falar sobre esse assunto”. Vanessa apresenta também um conceito de sexualidade ampliada, que vai além do sexo ou da “opção sexual”, “desejo”, “atração” e “pecado”. Sexualidade, para ela, diz respeito ao comportamento, à forma de relacionar-se com o mundo, e ao final, sobre a identidade de cada pessoa.

Priscila, que fala logo em seguida, responde à pergunta de Vanessa sobre por que a igreja demorou tanto a se responsabilizar para falar sobre a homossexualidade. Para a pastora, a omissão está relacionada à falta de conhecimento teológico frente a questões profundas, as quais a sociedade e os conhecimentos seculares se debruçam há muito tempo. Ela conta que teve uma grande surpresa quando pastoreou uma igreja de pessoas heterossexuais ao descobrir que as pessoas ali também fazem sexo. Ela ironiza “Gente, eu achei que só LGBTs eram os pecadores da face da terra!”.

Ela continua sua fala, abordando sua trajetória pessoal e sua luta contra os próprios desejos e pecados. “Como todos sabem, eu não sou este testemunho de super mulher, de super cura”, “Sempre soube que a minha dificuldade se daria na minha orientação sexual”. Priscila conta que foi orientada na homossexualidade desde os 5 anos de idade, e que por isso, mesmo convertida, ainda tinha memórias afetivas e corporais desses momentos. “Nós somos construídos pelas nossas vivências, elas nos transformam de alguma forma”. Ela associa sua homossexualidade a este desenvolvimento sexual precoce, e mais adiante atribui a ela uma tentativa de lidar com um vazio emocional: “No relacionamento homoafetivo eu vejo muito mais usar o outro pra resolver um b.o. interno, do que propriamente amor genuíno”. A pastora se queixa da Igreja ter deixado de lado a ciência e a psicologia, que é um “trabalho interessante para quem tem trauma”, e a psiquiatria que auxiliaria com uma medicação em casos de compulsão. Em relação aos saberes seculares, ela não os coloca em oposição, mas em complementaridade: “Você vai ser auxiliado por Deus, via profissional”.

O pastor Eduardo também apresenta um argumento contrário à demonização da sexualidade, isto é, torná-la apenas um problema de ordem espiritual. Para ele, esta seria uma saída “mais fácil” que lidar com o problema da sexualidade em todos nós, que nos tornaria uma “pessoa melhor”. “A gente não é homem e mulher a partir do momento que a gente nasce. A gente, biologicamente, nasce macho e fêmea”, ele continua, “a gente, desde o ventre da nossa mãe, é bombardeado por rótulos”. “A gente desde que nasce tá buscando afeto, a gente é atraído pelo nosso desejo, e tá em busca de prazer”. O desafio, então, seria administrar todas estas esferas da vida sexual, a qual se busca ajuda de Deus. Mais adiante, o pastor afirma que se há algo que a religião não consegue fazer é reprimir a sexualidade. A sexualidade diria respeito à forma que cada um se relaciona com o outro, e seria extremamente influenciada pelas primeiras referências quando “chegamos no mundo”. Essas diferentes referências promovem uma diversidade nas formas de relacionar, já que os contatos com as figuras de masculinidade e feminilidade nunca são iguais entre as pessoas. Ele continua a falar sobre como este contato pode ser frustrado, onde as pessoas são apresentadas à uma masculinidade e feminilidade doentes. O erro da igreja, para ele, é tentar nivelar todos ao mesmo patamar, sem se atentar para estas histórias e vivências diferentes, que somatizam na sexualidade.

Novamente, é ressaltada a importância de uma prática evangelística humanista. A pastora Priscila também critica a Igreja por ter espiritualizado o evangelho, por querer lidar com os espíritos, não com os seres humanos. Ela afirma ser necessária empatia com as pessoas resistentes, e exemplifica, novamente, através do abuso sexual que sofreu na infância: “eu passei por isso com 5 anos de idade, ‘eu não quero ser usada, eu já fui’”. “Geralmente a pergunta que acontece nesse momento é ‘Onde estava Deus quando eu fui abusado?’”, a qual ela responde “com você, chorando junto”. Para ela, essa é a postura que deve ser adotada: calar-se e chorar junto, uma vez que “o que o abuso faz em alguém não tem respostas”.

A conferência, que tem 1h33m de duração, continua a abordar a homossexualidade como um assunto a ser discutido dentro das igrejas, e resalta a importância de posturas não combativas em frente às pessoas homossexuais, que são pecadores assim como todos os homens. Os pastores ressaltam como o celibato, tal qual o casamento, são dons divinos, e não soluções “finais” para os conflitos de cada sujeito e suas questões, que continuarão por toda sua vida. O celibato é um dom no qual “você prefere abrir mão de uma vida promíscua para viver uma verdade”. Este não seria somente um problema das pessoas homossexuais, mas de todas as pessoas com algum conflito em relação à sua sexualidade. A “idolatria do casamento”, por exemplo, presente entre os fiéis, e a religiosidade excessiva são entendidas

como causas de constrangimento para homossexuais, divorciados, assexuais ou qualquer pessoa que não se enquadra num enquadramento normativo.

Os pastores criticam as posturas combativas da igreja frente a este tema, atribuindo a elas uma hipocrisia. Ainda assim, se colocam contrários ao que é chamado de “Teologia Inclusiva” e de uma reinterpretação bíblica do pecado da homossexualidade. O pecado não é entendido somente como um problema de ordem espiritual, mas uma questão identitária e emocional a ser tratada em nível subjetivo de forma contínua. Desse modo, não é possível haver uma transformação completa, ao invés disso, a cura se apresenta como um processo de luta constante e ininterrupto contra as memórias, desejos, e a própria identidade. O testemunho de Priscila não é de uma mulher “tradicional”, mas de “um projeto inacabado”, o que se vê em suas vestimentas que destoam dos outros pastores, e nos acessórios que contém a bandeira do orgulho LGBT. “Eu não sou esta mulher [referindo-se ao papel tradicional da mulher na família], eu sou uma mulher. Eu fui muito bem reconciliada com meu sexo biológico”. No trecho abaixo, observa-se que esta mesma noção de “sexo biológico” é articulada à “verdade bíblica” e a “vontade de Deus”, estabelecendo a homossexualidade como equivalente ao trauma, doença, pecado, maldição, uma natureza pecaminosa, fraqueza espiritual, e como um “sofrimento” a ser superado no momento de conversão religiosa. A superação desse sofrimento, novamente, se dá a partir do reconhecimento da fraqueza e submissão completa à “obra”, representada no martírio de resistir aos “pensamentos ruins”, na “limpeza” concedida pela graça divina e na “busca” incessante por uma intimidade, ou um encontro com Deus.

Eu não sofro com a questão do homossexualismo mais. Sofrer, daquela coisa de bater e tal. O que eu gosto sempre de dizer pro mundo: ‘quem me liberta diariamente é Jesus’. Eu não sou nada, eu não sou forte, eu sou covarde, eu sou pecadora sem meu Jesus. Eu sei que se eu volto pro mundo... O que me entristece não é pertencer a satanás, é não ter esse Deus que, por mais que eu seja errada... Eu tenho pensamentos ruins como qualquer um... O que me deixa apaixonada por este Deus é porque todo dia ele me lembra dizendo ‘Filha, sou eu que te limpo. Sou eu que faço a obra em você. Não é você, não é nada em você. Eu só quero que você me busque. Não pare de buscar, porque você vai me achar. E quando você estiver perfeita, você vai estar comigo’ (Priscila Coelho, entrevista)

Em outro vídeo de Priscila, no programa “Nunca é Tarde”, apresentado pelo pr. Lucinho Barreto, transmitido pela Rede Super e disponível no Youtube, ela conta seu testemunho. A começar por sua vida anterior à conversão, ela atribui ao abuso sexual que sofreu aos 5 anos o início do desenvolvimento precoce de sua sexualidade, que tornou “a parada do sexo” “muito aberta”, a ponto de se relacionar com os colegas da escola desde muito cedo. Aos 14 anos, ela diz ter começado a gostar de garotas. “Já não tinha pecado suficiente na minha coluna, falei: ‘agora vou ficar com menina’. E aí me dei mal, total, porque

a Bíblia diz que um abismo chama o outro."

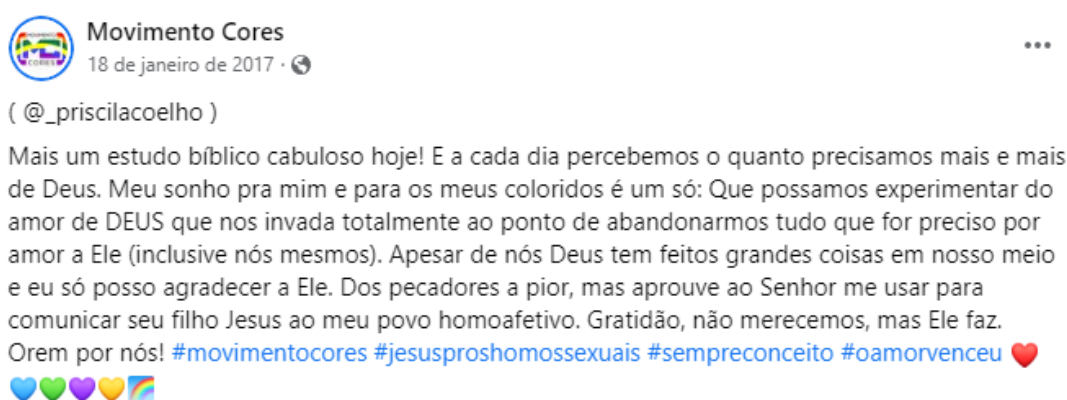
Falar sobre homossexualismo é muito complicado, só quem vive entende. Eu não acredito que uma pessoa acorda um dia e fala 'Oi, sou gay.'. Só se o cara for louco. Porque é uma coisa que ninguém, nem os gays, eu afirmo isso pra você, vai dar um tanto de confusão mas eu afirmo, nem os gays... porque eu tenho amigos... eles são felizes por serem gays... Porque é uma coisa mais forte que eles, porque eu sei que é. Eu só consigo dizer "não" para o homossexualismo, e "não" pro pecado por causa do cristo que habita em mim. Se eles não tem esse Cristo, eles não vão conseguir acordar e falar "Eu não quero ser gay. Eu não quero ser assassino. Eu não quero ser pecador. Eu não quero ser uma prostituta." Sabe? Ninguém tem essa força. Essa força vem por causa do Espírito Santo. Então todos os dias, quando eu acordo, e as vezes eu tenho sonhos ruins com aquilo que eu era antes, eu acordo e Deus fala comigo "Filha, é guerra. É luta. Você está no exército e eu ja venci por você." E isso me dá forças diariamente, eu vejo alguma coisa e fico... (Inspira...) Deus... porque satanás ele trás banquetes pra você...

O relato de Priscila associa a conversão religiosa e santificação como um processo constante de vigília e luta contra a homossexualidade. Ela se manifesta através da fraqueza do corpo, e é marcada pela ausência de Jesus Cristo. A força, advinda do Espírito Santo, é o que torna possível vencer a "luta" contra os banquetes de Satanás. Aqui, a conversão da sexualidade é um processo indissociável da conversão ao cristianismo, e o testemunho é uma afirmação desta mudança e deste martírio. Vamos nos atentar a como o discurso se desdobra em ações evangelísticas, a partir das ações do Movimento Cores, liderado por Priscila.

Apesar da postura amigável em relação às pessoas LGBT, a líder do Movimento Cores reitera frequentemente o caráter pecaminoso da homossexualidade, como exemplificado a partir dos testemunhos e pregações anteriores. O ministério, sua líder e sua relação com a IBL já foram objeto de interesse de outros pesquisadores. No artigo "Solteirice e invisibilização: a relação entre religião e homossexualidade no ministério evangélico LGBTQ+ 'Movimento Cores'." (Signates & Moura, 2019), os autores identificaram quatro condições de invisibilidade presentes no funcionamento do ministério: I) A invisibilização do mesmo, *manifesta em sua separação física e ausência de divulgação por parte da igreja matriz* e do núcleo onde situava-se; II) O *atendimento sigiloso*, que refere-se a opção de vários membros da igreja e do movimento em não participar das reuniões públicas; III) a solteirice e o contato reprimido: uma vez que qualquer relação homossexual ou homoafetiva é entendida como pecado, há *poucos momentos de interação social* fora do contexto das reuniões ou atividades do grupo; e IV) A invisibilização do líder, neste caso, manifesta na *ausência de participação de Priscila em outros ministérios ou atividades que não estivessem relacionadas ao Movimento Cores*. Apesar do ambiente amigável ao uso de símbolos culturais associados à comunidade LGBT, como roupas, músicas ou expressões linguísticas, esta

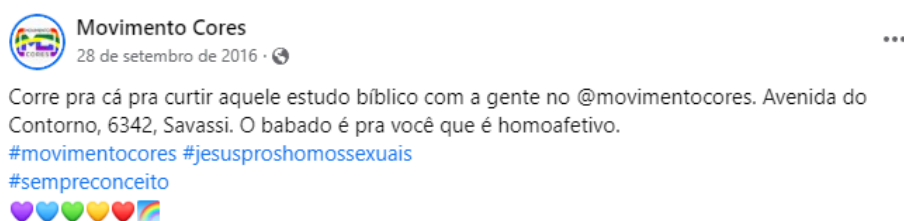
aceitação não se estende às práticas sexuais e relações afetivas, e tampouco são bem aceitas em outros espaços da igreja, como na Lagoinha Matriz.

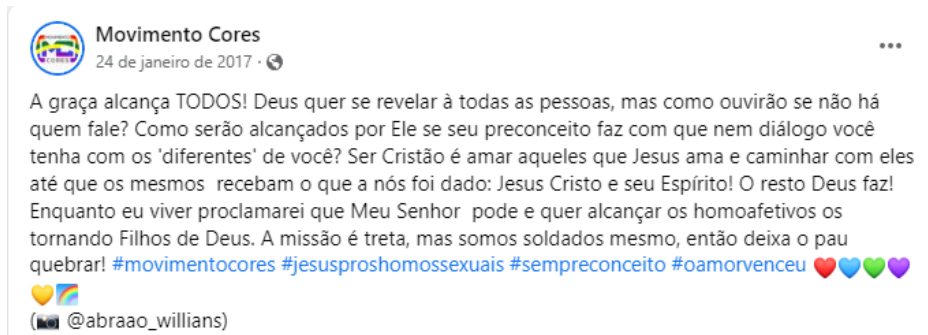
As duas atividades recorrentes divulgadas pelo Movimento Cores são o “Grupo Entendidos”, um grupo de estudos bíblicos que acontece semanalmente e o Grupo Alegria, às segundas-feiras, com ministrações e momentos de louvor e adoração. Ao contrário do ministério Gileade, que durante os anos de seu funcionamento manteve sua divulgação restrita às pequenas mensagens para “HOMOSSEXUAIS” no boletim Atos Hoje, o Movimento Cores tem uma presença intensa nas redes sociais, especialmente Instagram e Facebook, onde são divulgadas as atividades do ministério.



(Movimento Cores, página do facebook, recuperado em maio de 2023)

As postagens e mensagens no perfil do Movimento, assim como as falas da Priscila, utilizam gírias ou expressões do “vocabulário LGBT”, se referindo às pessoas “Do babado”, além de outros símbolos que fazem referência a movimentos sociais e pautas políticas, como a bandeira do arco-íris, e as hashtags “#sempreconceito” e “#oamorvenceu”. Os textos têm um tom amigável às pessoas que não fazem parte da “comunidade religiosa”, e reforçam a posição de acolhimento do grupo e uma representação amorosa de Deus.





(Movimento Cores, página do facebook, recuperado em maio de 2023)



(Movimento Cores, imagem recuperada da página do Facebook, em maio de 2023)

Uma das ações desenvolvidas com maior frequência pelo Movimento é a participação na Parada do Orgulho LGBT, onde abordam os participantes e os convidam a participar das reuniões do grupo. Além disso, as mensagens se direcionam ao público de “homoafetivos”, sem qualquer distinção entre termos como “lésbicas”, “gays”, “bissexuais” ou “transsexuais”. Entre as fotos recuperadas no Facebook, destaca-se o convite à participação na edição de 2016, acompanhado de uma foto do ano anterior, onde a frase “Jesus Cura Homofobia” aparece colada a um cartaz-bandeira do orgulho enquanto os membros do movimento posam, na Praça da Estação, ao lado de uma artista drag-queen belorizontina, negra, em trajes festivos.

Nos trechos acima, assim como na foto publicada pelo movimento, “preconceito” e “homofobia” são termos utilizados para se referirem ao descumprimento da missão

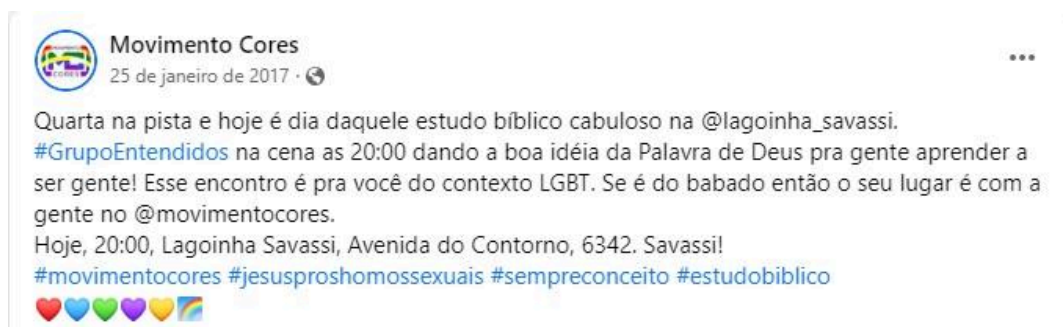
evangelística e missionária e como um desafio para estabelecer diálogo com a ‘diferença’. No entanto, o simples reconhecimento desta ‘diferença’ não representa um posicionamento contrário à condenação moral da homossexualidade como um pecado. Ao contrário disso, a “igualdade” faz referência à ideia de “pecado original” e à “graça” representada no amor de Deus pelos pecadores e na salvação, através do sacrifício calvário que “alcança TODOS!”. A ideia de que “O resto Deus faz!” reafirma a interpretação teológica de que o processo de transformação e mudança acontecem como efeitos de tornar-se “Filho de Deus”, de submeter-se ao seu julgamento e abandonar uma vida “anterior” à conversão religiosa. O termo “diferença”, ao contrário de uma ideia de reconhecimento da diversidade, faz menção à expansão da Igreja evangélica para a vida secular, como uma forma de exercício de influência e expansão do domínio espiritual, assim como identificado por Rosas (2015).



(Movimento Cores, página do facebook, postagens recuperadas em maio de 2023)

Assim como no testemunho pessoal de Priscila, e em sua fala no Confrajovem, as postagens e mensagens sobre as ações de evangelização do Movimento promovem uma noção de cristandade incompleta. As referências ao pecado, ação demoníaca e salvação acontecem numa forma de comunicação amorosa, que reforça ideais de solidariedade entre os cristãos, transformação através da ação divina, e que refletem num processo contínuo de melhoramento pessoal. A verdade bíblica condena o pecado, e portanto a homossexualidade, mas todos seríamos pecadores, cada um com seus próprios desafios e lutas contra a própria natureza humana e seus desejos carnis. Por isso, segue-se a missão de levar #jesusproshomossexuais #sempreconceito, a partir do princípio apostólico que “por verdade, Deus não faz acepção de pessoas” (Atos 10:34), mencionado diversas vezes pela líder em suas ministrações e testemunhos públicos.






(Movimento Cores, página do facebook, postagens recuperadas em maio de 2023)

O grupo também desenvolveu ações direcionadas aos familiares de pessoas LGBT. O “Cores Família” tinha objetivo de apresentar o “mundo” dos “coloridos” aos familiares sob uma ótica de amor, cuidado e interação. O apoio à família tem por objetivo fortalecer as relações fragilizadas pela intolerância dos familiares frente à homossexualidade, e uma resistência frente ao tema causada por uma “religiosidade” excessiva. Esta “religiosidade” é entendida como um apego aos dogmas. A acusação constante do pecado e a expulsão do espaço de convivência da igreja seriam formas pelas quais acontece a negação do pecado como natureza humana. É como o fariseu que bate em seu peito e afirma ser diferente dos homens pecadores, se tornando cego ao próprio pecado, e por consequência, perdendo a predileção de Deus. Há um reconhecimento das dinâmicas de violência familiar, mas o preconceito e homofobia são enquadrados como ameaças à missão evangelística, ao contrário da violação de algum direito. É curioso notar que as imagens de divulgação dos encontros reafirmam “Família” como algo equivalente às relações heterossexuais e reprodutivas, mesmo o ministério desenvolvendo suas atividades ao redor das relações “homoafetivas”. Uma delas contém um casal formado por um homem e uma mulher brancos, de mãos dadas com crianças, caminhando na praia, sobrepostas pela marca d’água do grupo pintado em cores distintas, e um arco-íris ao fundo. O uso exclusivo destes elementos chama a atenção visto o contraste às ministrações, assim como em outros materiais de divulgação, onde há uma afirmação da pluralidade do “público” do ministério.



(Movimento Cores, página do facebook, recuperado em maio de 2023)

Outra ação empreendida pelo grupo foi uma palestra sobre infecções sexualmente transmissíveis. Com participação de um médico e professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, a ação foi promovida como uma atividade educativa sobre a transmissão, sintomas e prevenção de ISTs. O evento era um dos encontros da chamada “Parada Cores”, reuniões para exibição de filmes e documentários, acompanhadas por discussões com os líderes do movimento e outros convidados.



**Movimento Cores**  
 25 de agosto de 2016 · 🌐

Você sabia que as doenças sexualmente transmissíveis são consideradas umas das doenças mais comuns e corriqueiras do mundo, com aproximadamente 340 milhões de casos por ano? No Brasil, entre 2009 e 2015, houve um aumento de 97% dos casos em que pessoas se submeteram ao tratamento pelo Sistema Único de Saúde (SUS), passando de 231 mil para 455 mil pessoas infectadas.

Quer saber mais sobre como se prevenir, sintomas, quais os principais meios de transmissão dentre outros? Você que é do contexto LGBT é nosso convidado para a palestra com o médico de família e comunidade, Marcelo Ribeiro, professor da PUC e clínico geral do Hospital Evangélico, na Lagoinha Savassi, hoje, 25 de agosto, quinta-feira.

Venha, traga um(@) amig@ e fique por dentro do assunto de forma esclarecedora e objetiva. A prevenção ainda é o maior remédio. 😊

[#movimentocores](#) [#jesusproshomossexuais](#)



Fonte: Organização Mundial de Saúde



(Movimento Cores, página do facebook, recuperado em maio de 2023)

O discurso de aceitação da diversidade sexual dentro do Ministério Cores sobrepõe elementos que, à primeira vista, são contraditórios, mas adquire coerência interna a partir do processo da sua articulação. O grupo promove ações de prevenção em saúde sexual, ressaltando a presença de um profissional de saúde e professor universitário, e usando recursos visuais que referenciam práticas sexuais não heterossexuais (uma camisinha com embalagem nas cores da bandeira do orgulho), e frases utilizadas nas campanhas de prevenção ao HIV/AIDS, “A prevenção ainda é o maior remédio”. Todavia, o grupo simultaneamente desenvolve atividades e ministrações que reafirmam a homossexualidade como uma forma de vida “promíscua”, condenada espiritualmente, a ser combatida através do celibato, da resistência aos desejos carnis em oposição à verdade bíblica, e através da misericórdia e graça.

Nas ministrações da pastora Priscila “infelicidade” e as “doenças sexualmente transmissíveis” são consequências do pecado original, da insubmissão à Cristo e de uma vida “mundana”. A articulação discursiva destes elementos acontece em meio ao uso de termos ambíguos e conceitos abstratos de amor e cuidado, como a mensagem “#jesusproshomossexuais” ou “#jesusproslgbts”, torna a “inclusão” e o combate ao “preconceito” como equivalentes à “evangelização” e o domínio sobre a vida secular. Ao mesmo tempo, a condenação da homossexualidade e a “luta contra o pecado” no celibato se articula ao redor da concepção de “batalha espiritual”, e estabelece a diferenciação entre os pecadores “santificados” e aqueles ainda “escravos” do pecado. Ao longo dos anos, os materiais de divulgação do ministério parecem responder a algumas das demandas

apresentadas por movimentos sociais e grupos ativistas, como a criação do “Negritude em Cores” como uma nova frente do Movimento, em março de 2023, cujo objetivo é o enfrentamento ao racismo dentro do espaço religioso, e ampliar a representatividade dentro da igreja. Argumentamos a seguir que a inclusão dos *homossexuais* no discurso religioso acontece a partir do não reconhecimento, ou melhor, do reconhecimento da homossexualidade no campo discursivo como “abjeção”, ou, neste caso “aberração”. Compreendemos que este processo não se resume a uma “cooptação” da diversidade, neste caso, da homossexualidade pelo campo religioso, mas que é um dos efeitos da reorganização política deste campo discursivo.

### **6.1 Equivalência e Diferenciação na constituição da “homossexualidade” no discurso pastoral de Lagoinha**

Nesta seção, identifico algumas das regularidades do discurso sobre a homossexualidade na Igreja Batista de Lagoinha a partir das falas de André e Ana Paula Valadão, dois pastores e líderes de ministérios vinculados à igreja. Recupero a partir de alguns trechos de entrevistas, pregações e postagens em redes sociais a estabilização da “homossexualidade” dentro do discurso religioso evangélico, e identifico a constituição deste objeto ao redor dos movimentos de equivalência e diferenciação nos discursos religiosos. Início a partir das controvérsias públicas ao redor da “ideologia de gênero” protagonizadas pela pastora Ana Paula Valadão para compreender como a “inclusão” e “exclusão” da homossexualidade dentro das práticas religiosas articulam posições diferenciais entre os cristãos e não-cristãos, não necessariamente opostas, mas que adquirem equivalência através da categoria “pecado”. A partir do conflito marcado pelas falas públicas da cantora, compreendo como estes dois “polos” delimitam uma organização política da sexualidade na produção do discurso evangélico. Retomarei, ao final, a situação de desentendimento público entre o Pastor André Valadão, líder da Lagoinha Global, e a pastora Priscila Coelho, líder do Movimento Cores, que desencadeou o desligamento do movimento da Igreja em 2023.

Os posicionamentos de outros membros da igreja e da Família Valadão também são importantes para a compreensão da constituição da “homossexualidade”, como as falas mansas do “Paistor Márcio”, que esteve na presidência da Igreja por 40 anos, e o pastor Flaviano Marques, antigo líder da Lagoinha Savassi que assumiu a presidência da Lagoinha Matriz em 2022. Apesar da notoriedade destes outros membros na instituição, a escolha dos discursos dos membros da “segunda geração” da “Família Valadão” se deu pela capacidade midiática e poder de influência das marcas Diante do Trono e Fé, encabeçadas por Ana Paula

Valadão e André Valadão, respectivamente. O poder midiático do Diante do Trono foi explorado na tese de doutorado intitulada “Cultura evangélica e “dominação” do Brasil: música, mídia e gênero no caso do Diante do Trono” (Rosas, 2015). A pesquisadora analisou as atividades dos grupos nos cultos e eventos promovidos nacionalmente, além das participações em programas de televisão, em notícias e publicações em redes sociais e entrevistas com membros da banda. Apesar do enfoque nas atividades do ministério e na análise midiática, Nina Rosas (2015) também discorre sobre a expansão das igrejas evangélicas no Brasil a partir da Teoria da Identidade Subcultural da Religião e da Teologia do Domínio, incorporada nas falas dos líderes e integrantes do DT.

O Diante do Trono é um grupo musical criado em 1997 com objetivo de coletar fundos para ações missionárias na Índia. O “chamado” de Ana Paula Valadão, que criou o grupo, era de combater a exploração sexual e prostituição no país e “resgatar” as mulheres e crianças vítimas da discriminação pelo sistema de castas sociais, e da idolatria presente na religião Hindu. Até o momento, o grupo vendeu mais de 15 milhões de álbuns no Brasil. As gravações anuais dos álbuns do grupo se tornaram grandes eventos e reuniram milhões de pessoas ao redor do país, detendo o recorde de maior público para uma apresentação única de artista nacional, e maior público de concerto cristão na América Latina, na gravação do sexto álbum do grupo intitulado Quero Me Apaixonar, que reuniu mais de dois milhões de espectadores no Aeroporto Campo de Marte.

Durante as atividades promocionais do álbum Sol da Justiça, lançado em 2011, Ana Paula Valadão concedeu uma entrevista ao apresentador Alex Passos (produtor, empresário e diretor artístico de destaque no mercado gospel) no programa “Balaio”, exibido na emissora de TV Rede Super. Este vídeo foi recuperado no Youtube, onde é intitulado “O verdadeiro posicionamento de Ana Paula Valadão sobre os gays - Que venham todos!”. Nele, a líder do DT é convidada a falar sobre sua relação com “os homossexuais”. O vídeo começa com o apresentador fazendo brincadeiras e um “trejeito meio gay”, relatando a experiência de Alex com este “pessoal” que ele “ama muito”. O apresentador contou sobre uma noite em que frequentou bares gays e, em um deles, “parou um show para falar de Deus”. Naquela noite, ele disse ao público que não se preocupava que as pessoas “deixassem de ter relações homossexuais”, ao invés disso, ele queria que elas tivessem “uma relação com Deus”. Ao invés de condenar a homossexualidade como um pecado, e exigir seu abandono, ele reafirma a importância da evangelização e da conversão religiosa, uma vez que seria Deus quem “faz o que tem que ser feito”. Neste trecho, o apresentador ressalta como o preconceito é um desafio para a prática evangelística, e ressalta a importância da postura acolhedora da Igreja.

“Porque às vezes a gente trata com tanto preconceito como se falar mentira fosse menos, ou adultério, ou usar drogas, e tratamos com tanto preconceito pessoas que às vezes querem se aproximar de Deus e que não se aproximam porque toda vez que querem se aproximar, ele é tratado com tanto preconceito, com arrogância e com mentira. Porque sabemos que em nossas igrejas existem muitos homossexuais, assumidos e não assumidos. Sabemos que existem muitos pastores que são homossexuais. Existem muitos padres.” (Alex Passos)

Apesar do reconhecimento do preconceito como um problema a ser enfrentado pela Igreja, isto não significa o reconhecimento da homossexualidade como uma identidade ou prática aceitável ou coerente com os valores cristãos. O entrevistador reafirma sua postura contrária à criação de igrejas inclusivas, no entanto, alerta para a necessidade de concentrar os esforços no acolhimento e tratamento das pessoas homossexuais dentro das igrejas evangélicas.

“Mas é um mal que tem assolado a humanidade e por incompetência da Igreja, às vezes, de cuidar dessas pessoas. E é muito fácil criticar uma igreja evangélica de gays. Eu não estou defendendo. Mas não é melhor você se preocupar com a sua igreja que não sabe lidar com eles? Ao invés de ficar preocupando que eles tão criando uma igreja.” (Alex Passos)

Quando perguntada sobre a popularidade das músicas do Diante do Trono entre o “público homossexual”, Ana interpreta que isto se dá em função das músicas e louvores “tocarem a alma” e “arrumarem” o coração para Deus. Os “homossexuais” são descritos como “pessoas muito sensíveis”, “voltadas para um emocional”, e que, por isso, estariam “vindo à Jesus através da mensagem cantada pelo Diante do Trono”. Assim como Passos, ela afirma que a homossexualidade é uma “prática de pecado” condenada pela bíblia, mas que as pessoas que a praticam não deveriam ser rejeitadas. Além disso, ela reafirma que a libertação é um processo contínuo, como uma semente a ser plantada em uma “boa terra”, e pelo qual ela ora para que haja “bons frutos”.

“E muitos estão no processo. Quando uma pessoa que ainda não liberta completamente de uma prática de pecado, seja a mentira, seja o álcool, seja o homossexualismo que a bíblia realmente condena, nós não podemos olhar para essa pessoa e rejeitar. A gente tem que enxergar que, poxa, a sementinha tá sendo plantada, Glória a Deus! Eu vou orar para que essa semente vá na boa terra, e ela vá dar fruto, e é um processo.” (Ana Paula Valadão)

O apresentador ressalta a importância dos homossexuais dentro da Igreja, um lugar onde não “tem santo perfeito”, e “todo mundo tem alguma dificuldade”. Novamente, ele reconhece o preconceito como um problema das igrejas, mas afirma o “amor incondicional” de Deus pelos homossexuais, e atribui o afastamento da Igreja como uma ação diabólica, do “inimigo”, para impedi-los de “trabalhar com excelência”, e cumprir seus chamados missionários.

“Então, olha, o homossexual tem uma característica muito interessante, talvez pelo fato dele ser discriminado ele sempre tenta ser o melhor em tudo o que faz. Então

eles são muito talentosos, são excelentes, e o inimigo não quer você dentro da Igreja, porque a Igreja precisa de você para trabalhar com excelência e ensinar aonde a gente trabalha porcamente. Então, Deus ama vocês, cara, amam vocês incondicionalmente e não tem ninguém melhor do que vocês. Então não deixem que as pessoas tratem vocês com preconceito.” (Alex Passos)

Ao final do vídeo, a cantora conta o testemunho do músico, uma das influências do grupo Diante do Trono, compositor de três músicas presentes no álbum de estreia do grupo, de 1998. Ana ressalta o talento musical do cantor desde a infância, momento em que ele sofreu um abuso sexual que teria-lhe feito crescer “acreditando que ele era homossexual”. O seu “processo de libertação” da homossexualidade iniciou-se a partir do “encontro com Cristo” em um concerto musical, “Hoje ele é casado. Ele tem nove filhos. Ele botou pra quebrar depois, né?”. Dennis também protagoniza um documentário intitulado “Sing Over Me”<sup>5</sup>, que apresenta luta e o testemunho do cantor em sua trajetória de abandono da homossexualidade.

E ele compôs músicas como por exemplo “Te agradeço por me libertar e salvar. Por ter morrido em meu lugar.” Então o Dennis é uma inspiração para todos que cresceram com uma história traumática, com uma mentira do diabo dizendo que você é assim, que não é normal você ser homem. Você é normal você ter desejo homossexual. Todas essas histórias que se repetem tanto. Deus preparou um pastoreio, com um acompanhamento espiritual ele foi completamente restaurado, Deus deu a ele uma esposa que o compreende nas suas lutas, nas suas dificuldades, deu a ele filhos. E aqui no Brasil, ele é americano, do outro lado do continente, a gente louva com as músicas dele.” (Ana Paula Valadão)

O vídeo se encerra com uma mudança no cenário. Enquanto a entrevista era realizada, o céu nublado “abriu-se” e esta mudança foi apontada por Alex como uma resposta de Deus para a mensagem aos homossexuais. Ana Paula confirma, e cita o versículo bíblico de Malaquias 4:2, “Mas sobre nosotros nascerá o Sol da Justiça trazendo cura sob as suas asas”.

Em 2020, uma manifestação da pastora num culto realizado na Igreja Batista de Lagoinha em 2016 sobre a homossexualidade repercutiu nacionalmente. Em função deste trecho, a pastora e a emissora de TV Rede Super, que transmitiu a reunião, foram ajuizadas numa ação do Ministério Público Federal. Neste episódio, a cantora associa a AIDS a uma consequência natural da união sexual de dois homens, contrária à vontade de Deus. O trecho da pregação, recuperado do canal do youtube Migalhas, é transcrito abaixo.

Estão achando que isto é normal. Não, gente, isso não é **normal**. Deus **criou o homem e a mulher** e é assim que nós cremos. A qualquer outra opção sexual é uma escolha do **livre arbítrio** do ser humano, e qualquer escolha leva a consequências. E a Bíblia chama **qualquer escolha contrária ao que Deus** determinou como ideal, como ele nos criou para ser, chamando de **pecado**. E o pecado tem uma **consequência**, que é a **morte**. Inclusive, tudo o que é distorcido traz **consequência naturalmente**, nem é Deus trazendo uma praga, um juízo, não. Tá aí a AIDS pra

---

<sup>5</sup> O vídeo, de aproximadamente 90 minutos, está disponível no Youtube, no endereço <https://youtu.be/rAYkFQ4iHZ8>

mostrar que a **união sexual entre dois homens causa uma enfermidade que leva a morte, contamina as mulheres**, enfim. Não é o ideal de Deus. Sabe qual é o **sexo seguro**, que não transmite doença nenhuma... o sexo seguro se chama **aliança do casamento**.

Neste trecho, destaco algumas unidades de significado para compreender a constituição da homossexualidade. A afirmação do caráter abjeto da homossexualidade se dá a partir da constatação da naturalidade da diferença sexual, aqui, o binarismo de gênero homem/mulher, criado por Deus. Apesar desta “naturalidade”, reconhece-se que o ser humano é dotado de “livre arbítrio” e as perturbações nesta normalidade são compreendidas como “escolhas contrárias à vontade de Deus”, e então, como pecado. “Pecado” não é a homossexualidade *por si só*, mas a desobediência à uma ordem divina. O “pecado original” do primeiro Adão, como identificado anteriormente. Ao contrário de uma punição divina, a AIDS, equivalente à contaminação de mulheres e a morte, é entendida como uma consequência natural do pecado dos homens. Como o pecado do “primeiro Adão” que não deu cobertura à Eva.

Hoje decidi manifestar minha **#SantaIndignação** porque acredito que **estão provocando** para ver até onde a **sociedade aceita passivamente a imposição da ideologia de gênero**. Fiquei chocada com a ousadia da nova propaganda da loja C&A. Chama-se misture, ouse e divirta-se. São casais de namorados saindo e quando eles se beijam a roupa do homem passa pra mulher e a da mulher pro homem. Os homens saem de salto e tudo. E aí fala. Ouse, misture. Em outra propaganda da mesma campanha **eles fizeram todos nus como se fossemos criados iguais e temos o poder de escolha**. Então chegam em um campo cheio de roupas e as mulheres começam a vestir as roupas dos homens e os homens as das mulheres. Que absurdo! Nós que conhecemos a **Verdade imutável da Palavra de Deus** não podemos ficar calados. Temos que **#boicotar** essa loja e mostrar nosso repúdio. Nos EUA a loja Target já teve prejuízo porque mais de 1 milhão de pessoas pararam de comprar (inclusive eu) desde que determinou que os banheiros feminino e masculino podem ser usados por quaisquer pessoas que se sintam homem ou mulher naquele dia, **umentando os riscos de abusos** (que já aconteceram em outros lugares que apoiam a ideologia de gênero). **#SouFemininaVistoComoMulher**  
**#HomemVesteComoHomem** **#UnisexNãoExiste** **#NãoÀIdeologiaDoGênero**  
**#DeusFezHomemEMulher** **#FamíliaÉHomemEMulher** **#HeteroSexualidade**  
**#MonogamiaHeterossexualÉSexoSeguro** **#Cristianismo**  
**#AmizadeDoMundoInimizadeDeDeu** **#NaoEstouEmBuscaDeFasMasDeCristo**  
**#AgradarADeusNaoAHomens** **#GalatasUmDez**

O trecho anterior é uma transcrição da postagem da cantora Ana Paula Valadão em seu perfil no Facebook, que foi o centro de uma polêmica ao redor da criação de uma linha de roupas de sem gênero por uma loja de departamento e a suposta promoção da “ideologia de gênero”. Assim como no seu pronunciamento em culto, sua “**#SantaIndignação**” se dá em função da perturbação da normalidade, da “**Verdade imutável da Palavra de Deus**”, e se fundamenta a partir da afirmação da factualidade da diferença sexual como um binarismo de gênero, “**#UnisexNãoExiste**”, criada por Deus, “**#DeusFezHomemEMulher**”, e cujas consequências naturais seriam a contaminação por infecções sexualmente transmissíveis



“#MonogamiaHeterossexualÉSexoSeguro”, e o aumento dos riscos de abusos sexuais. Após a repercussão negativa do caso, Ana Paula voltou às redes sociais para se pronunciar sobre o assunto. Abaixo, está a transcrição do vídeo recuperado do canal @newsgospel7343, no Youtube.

Olá pessoal. Os últimos dias tem sido bastante interessantes, desde que eu me posicionei a favor da família tradicional, e contra a imposição da ideologia de gênero. Eu quero dizer para você, que têm respondido com palavras tão agressivas nas minhas redes sociais, que eu aprendi com o senhor Jesus **a amar os meus inimigos** e a **orar pelos que me maldizem, pelos que me perseguem**. E eu quero dizer que **eu tenho orado por você, eu tenho abençoado você**. E eu quero agradecer aos cristãos que continuam, como eu, **acreditando que a palavra de Deus é imutável**, não importa a geração, a sociedade, os tempos, as épocas. Os princípios e os valores da palavra são eternos. **O senhor Jesus veio ao mundo, e o evangelho de João diz que ele veio com amor e verdade**. Vamos continuar falando a verdade em amor.

Em seu discurso, a repercussão negativa e as críticas sofridas por seu pronunciamento discriminatório são organizados a partir da diferença entre os “cristãos” e seus “inimigos”. Chamo a atenção como, novamente, o discurso se organiza ao redor da “vontade de Deus” e da “desobediência” como um pecado original, retomado na afirmação do caráter “imutável” da “Palavra”. A conflituosidade entre as forças diabólicas e o Espírito Santo, elementos da teologia da batalha espiritual, são retomadas a partir do testemunho da perseguição: o martírio dos cristãos durante a perseguição romana à “igreja primitiva”, narrada pelos apóstolos. No entanto, nesta mesma fala, Ana também identifica-se a aqueles que a criticam, afirma que “ama” seus inimigos e “ora” por eles. Ela retoma, a partir da missão de evangelização, o elemento igualitário do “pecado original”, o reconhecimento de que todos são pecadores passíveis de redenção e transformação em “santos” e “Filhos de Deus” a partir da conversão ao cristianismo. Em uma participação no podcast transmitido pela Rede Super, intitulado #Podcrer, no ano de 2022, a cantora comenta sobre a repercussão destas falas, as acusações de homofobia, e os “cancelamentos” que sofreu.

Eu não senti falta de ser defendida, mas o que mais me doeu foi não ter acesso mais com a minha mensagem, não com a minha pessoa, a esses corações. Porque eu amo tanto, sabe, eu amo tanto. E pensar que uma pessoa fechou o coraçãozinho pra mim, e que agora eu tenho um rótulo diante de muitas pessoas que nunca ouviram minha música, nem sabem que eu sou, mas elas já conhecem o meu nome e elas não vão me ouvir. Eu não posso mais tocar essas vidas. Deus também não precisa de mim, ele tem todos os pastores e servos dos rebanhos no mundo inteiro, ele usa quem ele quiser, essas pessoas não vão deixar de ouvir. Mas eu perdi o acesso, e eu não vou me justificar pra dizer “Ei, eu não sou essa pessoa. Eu não sou isso que você tá acreditando”, né, “Não, eu não sou isso”, mas me doeu muito perder esse caminho. Pode até ser que Deus use isso em algumas vidas, exatamente pra provocar curiosidade, pra que venham me conhecer, e quem sabe eu ainda consiga acessar alguns. Mas eu te digo, Fábio, meu maior sofrimento foi, é, acreditarem que eu sou aquilo que eu não sou.

Ela diz que os cristãos devem se preparar cada vez mais intensamente para estes “cancelamentos” em várias dimensões. Ela dá alguns exemplos, como de alunos que se posicionam, como cristãos, em sala de aula dentro de sua “liberdade de expressão”, e da “liberdade religiosa” e que são “cancelados”, e de profissionais que seriam silenciados em seus respectivos Conselhos. Neste momento, Ana Paula ressalta a importância da defesa dos direitos de liberdade de expressão e liberdade religiosa, e equivale às sanções às marcas no corpo do apóstolo Paulo das torturas que sofreu em função de seu ministério.

Então, na sua profissão. Quantos profissionais no seu conselho de profissão estão sendo perseguidos, estão sendo calados. É uma intimidação muito grande. Então, eu acredito que todos nós temos que nos lembrar que, quanto mais perto do fim, a gente tem que se lembrar das palavras de Jesus, é, “Sereis perseguidos por causa do meu nome”. E o apóstolo Paulo, ele usou estas marcas, de ser perseguido no caso dele, e de tantos cristãos ao redor do mundo, estas marcas são literais, de ser preso, de ser chicoteado, de apanhar por causa do evangelho, de ser martirizado. O apóstolo Paulo chegou a dizer “Não me molestem, ninguém me incomode, ninguém. Porque eu carrego no corpo as marcas de Cristo”.

E a gente tem uma liberdade tão grande no nosso país, pelo menos enquanto nós sustentarmos as frentes da batalha de liberdade religiosa, enquanto nós tivermos políticos cristãos, políticos que defendam o direito da liberdade religiosa, o direito da gente pregar a bíblia, o direito da gente se reunir nas casas de culto, o direito da gente falar em praça pública, seja o que for, né, seja um médico que fala da biologia sem que ele seja criminalizado, um pastor que prega, um crente que fala do que ele acredita. Enquanto nós tivermos estas liberdades, nós não vamos sofrer o que uma Coreia do Norte impõe. Os países que estão ali na lista dos mais perseguidos, o Portas Abertas pelo menos nos dá clareza disso. Mas nós carregamos marcas na alma. Eu posso dizer, sabe, ninguém me moleste porque eu carrego na alma as marcas de Cristo. E isto, para nós, tem que ser motivo de alegria, eu não cheguei lá, mas Jesus também falou né: “Alegrai-vos quando forem perseguidos por amor ao meu nome”

No mesmo ano em que Ana Paula concedeu a entrevista que abre esta seção, o pastor André Valadão, que integrou o Ministério de Louvor Diante do Trono, e irmão da cantora, lançou o álbum “Aliança”, com direção criativa de Alex Passos. O conceito do álbum foi desenvolvido ao redor das cores do arco íris, que representam a aliança de Deus após o dilúvio. Em entrevista à Alex Passos no programa Balaio, recuperada do canal do Youtube da Rádio Super, o cantor e o apresentador dialogam.

André: O projeto Aliança ele veio, foi tudo de uma vez. Eu lembro que você foi uma das primeiras pessoas que eu falei, “Que loucura o que tá acontecendo. **Deus falou comigo**, o aliança, eu tenho que fazer um disco que **vai chamar Aliança**, e o que veio na minha mente foi o **arco-íris**. E eu lembro que você falou pra mim “Mas pô cara, **o arco-íris, André, cê é louco?**” Tal, não sei o quê. O Alex, sempre também, ousado. Gosta... Falou “**nossa eu gosto do cê por isso, que cê pegou um tema...**”

Alex: Desculpa interromper. Não gosto de interromper. Mas por que que eu comentei isso? Porque a ideia do projeto não é **nem fazer apologia ao homossexualismo, e também nem contra, ele não tem nenhum objetivo.**

André: Ele não faz parte de nada.

Alex: Exatamente. É porque como o arco-íris é muito ligado ao movimento homossexual, a gente achou loucura por isso, porque a ideia não era nem fazer

apologia, mas também não era bater... Não tem nada a ver uma coisa com a outra. É só afirmar a aliança de Deus com o Homem, isso é bíblico.

André: Exatamente. Então não tem nada a ver uma coisa com a outra, o que tem a ver o arco-íris, nós cristãos o arco-íris é um sinal de Deus declarando que ele nunca iria destruir mais, ele nunca iria destruir a humanidade.

Em contraste à mensagem dita em outros momentos de “reapropriação” do arco-íris como símbolo religioso, neste momento o Pastor André Valadão e o apresentador e diretor de arte Alex Passos afirmam que o projeto não tem relação com o “movimento homossexual”. No trecho anterior, destaco alguns dos significados e articulações que me chamam atenção. O primeiro deles é como a mensagem é transmitida a partir da revelação divina: o cantor narra quando Deus lhe ordenou que chamasse o álbum “Aliança”. O segundo deles é o arco-íris, e a resistência inicial no planejamento do projeto, devido ao uso da bandeira do arco-íris pelo movimento homossexual. O pastor diz que após alguma resistência, Alex aceitou a ideia e gostou do tema. Já o terceiro elemento é o esvaziamento de significado, a homossexualidade que “não faz parte de nada”. Um projeto que “nem faz apologia”, e “nem contra”, sem “objetivo”. O lançamento do projeto encontrou polêmicas, especialmente ao redor do contrato assinado pelo cantor junto à gravadora Som Livre.



(Imagem recuperada do “Blog do Ciro”)

Exemplo disso é o artigo publicado em 8 de janeiro de 2012 pelo pastor e teólogo Ciro Sanches Zibordi, em seu blog, intitulado “Aliança ‘glospel’ está cada vez mais colorida” (Zibordi, 2012). Nele, o pastor critica a aliança ‘glospel’, um neologismo que junta as palavras Globo e Gospel, referenciando os contratos de distribuição e participações de cantores evangélicos na emissora de TV Rede Globo e na gravadora Som Livre. Ele critica

estas “grandes celebridades gospel” e seus fã-clubes que respeitam a “diversidade”<sup>6</sup>. Para o autor, o movimento que “aceita as diferenças religiosas, vê com bons olhos o ecumenismo e não se opõe com clareza aos pecados previstos na Bíblia” é contrário aos princípios bíblicos de um “Evangelho confrontador, protestante, transformador”, uma mensagem do Evangelho baseada naquilo que as pessoas “precisam, e não da forma como desejam”. Este artigo repercutiu em portais e outros blogs evangélicos, e o posicionamento foi compartilhado por outros líderes religiosos filiados a vertentes evangélicas mais “tradicionalistas”.

A Igreja Batista de Lagoinha passou por inúmeras mudanças ministeriais e institucionais desde a sua fundação nos anos 60, ela é identificada como uma parte das igrejas do movimento “batista renovado”, igrejas que se originaram de tradições batistas mas adotaram algumas práticas carismáticas, influenciada pela expansão das igrejas pentecostais. Pereira (2011) aborda a história da igreja a partir do processo de “pentecostalização” desta “corporação religiosa”, e da sua expansão tecnológica, mercadológica e comunicacional. Esta expansão pode ser identificada também na emergência do Ministério Diante do Trono no cenário “gospel” e da força das marcas relacionadas às suas lideranças [como identificado no trabalho de Rosas, (2015)], assim como a própria expansão da igreja nas duas primeiras décadas do Século XXI, a partir da metodologia das “igrejas em células” e construção de outras unidades chamadas “núcleos”, e de mais de 200 ministérios.

A emergência de um movimento evangelístico com discurso modulado às pessoas LGBT é um dos efeitos destas mudanças. Os esforços evangelísticos da Mocidade, que atualmente é parte da Lagoinha Gerações, permitiu à igreja tornar-se mais amigável às transformações culturais das últimas décadas, e tornou palatável a presença dos públicos “alternativos” em seu espaço, entre eles os “indivíduos homossexuais”. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, frequentemente foi apontado por colegas, pesquisadores ou pessoas interessadas no tema, que a Lagoinha era uma igreja menos conservadora, mais jovem, ou mais aberta à diversidade em comparação a igrejas como Assembléia de Deus, Deus é Amor, Universal, Quadrangular, Congregação Cristã do Brasil.<sup>7</sup> Entretanto, argumento que esta postura mais amigável à “diversidade”, como a criação de ministérios para evangelização de pessoas LGBT ou uso de elementos da “cultura secular” ainda mantém em seu centro a mesma forma de ação que já era empreendida por seus antigos ministérios, como

---

<sup>6</sup> O uso de aspas é um dos artifícios estéticos utilizados pelo autor do artigo para se referir à diversidade de gênero e sexualidade.

<sup>7</sup> Esta pesquisa foi desenvolvida entre 2020 e 2024. Alguns dos acontecimentos recuperados ocorreram simultaneamente ao desenvolvimento desta dissertação, e não correspondem ao contexto atual. Apesar disso, considero estas informações relevantes para a compreensão da relação entre sexualidade e as igrejas evangélicas.

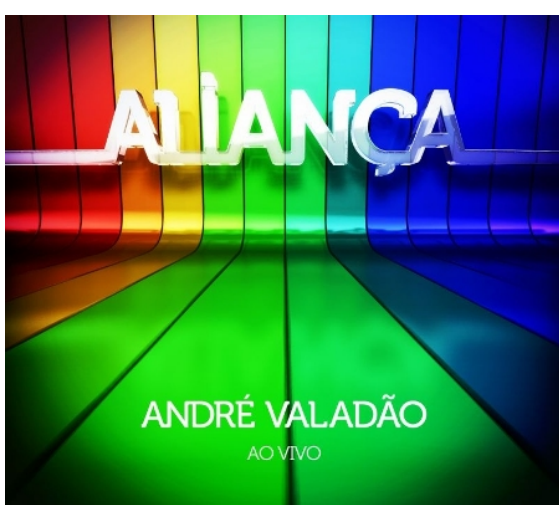
o Gileade, que apresentavam a conversão religiosa como forma de alternativa à homossexualidade. Isto acontece em meio à incorporação de elementos entendidos como “seculares”, como a bandeira do movimento LGBT, gírias ou expressões utilizadas na “sociabilidade homossexual”, o vocabulário científico e jurídico que reconhece a diversidade de gênero e sexualidade, e a flexibilização dos padrões estéticos.



(Imagem recuperada em microblog)



(Instagram @\_priscilacoelho, 2 de março de 2017, recuperada em junho de 2023)



(Capa do álbum “Aliança”, Som Livre, 2011)



(Imagem recuperada do Instagram, 23 de maio de 2016)

Quando dispomos os discursos do Movimento Cores, da Pastora Priscila Coelho e dos pastores André e Ana Paula Valadão lado-a-lado, podemos perceber como a gramática da “inclusão” ou “exclusão” adquire novos contornos dentro do discurso religioso. As imagens que antecedem este parágrafo são uma destas disposições. Nota-se que há uma regularidade na construção visual das imagens, como no uso das “marcas” dos ministérios incorporando o arco-íris dentro da estética “evangélica”, um processo de transformação simbólica que articula estes elementos distintos, como a “cruz”, a “aliança” e o “arco-íris”, dando continuidade às interpretações teológicas sobre o processo de “conversão” que também aparecem na “cruz” do Encontro com Deus, e nos testemunhos religiosos. Ao mesmo tempo, estabelecem-se outras diferenças e equivalências que não correspondem ao reconhecimento da diversidade de gênero e sexualidade em outras cadeias de significado. O “combate ao preconceito” é um destes novos significados, que é articulado como uma prática evangelística e ministerial. Apesar destas proximidades e continuidades discursivas, este movimento não acontece sem resistências ou “atritos”.

A repercussão dos discursos de André e Ana Paula não foram necessariamente bem vistas pelos membros da igreja ou por outros ministérios. Outras lideranças religiosas da Igreja, como o ex-pastor-presidente Márcio Valadão e o Pastor Flaviano Marques, são conhecidas por serem mais moderadas, e terem discursos menos inflamados, e exercem maior influência interna entre os pastores e líderes ministeriais. Além disso, estas declarações públicas também encontraram forte resistência no meio midiático e político. Exemplo disso é que, em 2020, o pastor André Valadão publicou em seu Instagram uma caixa de perguntas para interagir com o público. Um de seus seguidores enviou, de maneira anônima a seguinte pergunta: “Dois rapazes que são membro da igreja estão namorando, expulsa eles? Oudeixa na igreja” (Gospel Minas, 16 de outubro de 2020)

Entendi. São gays.

Então, igreja tem um princípio bíblico. E a prática homossexual é considerada pecado.

Eles podiam ir para um clube gay ou coisa assim. Mas na igreja não dá. Esta prática não condiz com a vida da Igreja. Tem muitos lugares que gays podem viver sem qualquer forma de constrangimento. Mas na Igreja é um lugar para quem quer viver princípios bíblicos.

Não é sobre a igreja expulsar. É sobre entender o lugar de cada um.

(Gospel Minas, 16 de outubro de 2020)

Logo em seguida, a pastora Priscila Coelho publicou um vídeo em seu perfil com uma mensagem contrária à fala de André, convidando a “comunidade LGBT” a fazer parte das reuniões do Movimento Cores, que ainda era vinculado à Lagoinha Savassi.

Fala galera, acabamos de ter o nosso encontro via zoom, aqui no Movimento Cores com a comunidade LGBT, e eu tô vindo aqui pra dizer pra você, que está nos

ouvindo, que é LGBT: o lugar de você estar é dentro da igreja, sim. O lugar de você se relacionar é dentro da igreja com cristãos, com pessoas de verdade que vão te amar, vão acolher, que vão estar com você se passar por tudo. Independente da sua condição emocional, da sua condição financeira, de classe, de identidade de gênero, seja lá quem você for, o seu lugar é dentro da igreja. Né? Porque Jesus é um Deus amoroso que acolhe a todos e todas. Jesus é um Deus que nos alcançou quando a gente ainda odiava quem ele era, e essa mensagem não muda. Essa mensagem é a mensagem bíblica.

Então, saiba que aqui na nossa comunidade Lagoinha Savassi você é bem acolhido, recebido, amado. Você pode vir do jeito que você é, sendo quem você é, é um privilégio pra gente ter vocês. Na realidade, o privilégio é da Lagoinha Savassi de ter LGBTs aqui, ok? Então sintam-se em casa, permaneçam com a gente, Deus é Deus. Deus é acolhedor, que é um Deus que ama, que é um Deus onde a bíblia disse que no seu filho Jesus... inclusive ele andou com gente que a galera não gostava, que a sociedade não gostava, que o povo, né, tinha como sendo os à margem; e Jesus fez questão, graças a Deus, de caminhar e amar esses e essas.

Por favor, não deixe ninguém dizer o contrário pra você. Deus te ama, e de fato ele está cotidianamente com os olhos amorosos dele sobre sua vida, ok? Fique à vontade por ser movimento com a gente, fique à vontade em ser igreja junto com a gente, estar na igreja junto com a gente. Lagoinha Savassi vai continuar sendo acolhedora a Lagoinha de todos e todas, onde todas as tribos são muito bem vindas, independente de qualquer coisa, de qualquer culpa que você tenha, de como você se sinta, do seu coração, de tudo. Sinta-se acolhido e acolhida, ok? Essa é a ideia pra você hoje.

Beijo no coração, e é nós. Seguimos sempre, sempre resistente, seguiremos. Até mais. (Gospel Minas, 16 de outubro de 2020)

O episódio repercutiu rapidamente nas redes sociais e entre os portais de notícias evangélicos. Os vídeos não estão mais disponíveis em seus perfis, mas foram recuperados no Youtube de um portal de notícias gospel, onde foi publicada uma retrospectiva do conflito. Alguns dias depois, Priscila falou sobre o evento, disse ter conversado por telefone com o pastor André, e afirmou que nunca houve nenhum conflito entre os dois, e que ele sabia da atuação de seu ministério. André também foi questionado em seu perfil sobre uma “pastora lésbica”, mensagem que em seguida dizendo que “Priscila né lésbica não”, fazendo referência à sua conversão, e a postura celibatária que ela assume publicamente.

Em 1º de abril de 2023, o TAB (um dos portais jornalísticos da UOL) publicou uma matéria sobre a sucessão do pastor Márcio Valadão, na matriz da Igreja Batista da Lagoinha, pelo pastor Flaviano/Flavinho Marques, anteriormente líder da Lagoinha Savassi. O “novo” pastor é apresentado como um contraponto de André Valadão, por sua presença menos frequente nas redes sociais, seu discurso mais moderado e sem comprometimentos políticos. A matéria também apresenta o relato de alguns fiéis e ex-fiéis entrevistados, inclusive membros do Movimento Cores, "Flavinho é um cara incrível, mais tranquilo, mais neutro, que trata todo mundo bem e não fala de política", "A agressividade e a intolerância do André não abalam a minha fé", "E existe muita gente na Lagoinha que pensa como eu — hoje, não diria que somos minoria mais.". (Sayuri, J. & Aguiar, L., 2023)

Alguns meses depois, em junho de 2023, o perfil da IBL publicou o vídeo da pregação

“Deus Odeia o Orgulho” em seu canal do youtube, que também foi compartilhado em outros canais de comunicação da Igreja. No vídeo, gravado em Orlando e removido dos canais da igreja<sup>8</sup>, o pastor critica o posicionamento amigável das famílias e igrejas evangélicas frente à homossexualidade. Neste momento, ele também afirma que Deus teria destruído a humanidade por sua “imoralidade sexual”, e afirma que a bíblia diz que “homossexuais passivos ou ativos não herdarão o reino de Deus”.

No culto do dia 2 de Julho de 2023, também em Orlando, o pastor Ele retomou a passagem bíblica do dilúvio e o compromisso da aliança como o motivo pelo qual Deus não teria destruído novamente a humanidade por sua imoralidade sexual. Ele associou a legalização do casamento homossexual à sexualização infantil. Os trechos repercutiram nas redes sociais e na imprensa, em alguns momentos sendo interpretado como uma incitação ao assassinato e geraram denúncias junto ao Ministério Público Federal, especialmente por parte da Deputada Federal Erika Hilton.

Agora é a hora de tomar as cordas de volta e dizer: Pode parar, reseta. Ai Deus fala: “Não posso mais, já meti esse arco-íris aí. Se eu pudesse, matava tudo e começava de novo. Mas prometi pra mim mesmo que não posso então agora tá com vocês”.

Pouco tempo depois, a pastora Priscila Coelho anunciou seu desvinculamento da Igreja Batista de Lagoinha em vídeo publicado no Instagram, recuperado no perfil “Portal do Trono”, na plataforma Dailymotion. O Movimento Cores, da qual ainda é líder, agora opera de maneira autônoma, com reuniões em uma livraria num shopping na região central de Belo Horizonte. No vídeo, Priscila conta que iniciou e se mantém grata à Lagoinha, onde se converteu e fez parte por 15 anos, e foi ordenada pastora pelo pastor Márcio Valadão, quem ela descreve como alguém “íntegro, honesto, maravilhoso, dócil, gentil” que sempre a viu para além de sua aparência física, e que, assim como outros pastores, sempre entenderam e respeitaram seu tempo, que incentivaram-a a se tornar “mais parecida com Jesus”.

Ela conta que, após oração, busca e conversa com Deus, e depois de conversar com “seus meninos e meninas” do Movimento Cores, “a Priscila” decidiu se desligar da Igreja Batista da Lagoinha. Ela reafirma que sua escolha foi tomada a partir de sua convicção pessoal, com sua escolha de fé, e a partir do Deus que ela vê, como um “Deus de amor, tolerante, empático, misericordioso, longânimo, que lida com as pessoas com afeto, com carinho, com cuidado e com respeito”. Ela afirma que estes valores sempre foram pregados e vividos dentro do Movimento Cores e da “Denominação” (como ela chama a Igreja Batista de

---

<sup>8</sup> Os trechos utilizados no texto foram transcritos na data da publicação dos vídeos, todavia, não foi possível recuperar a fonte original. Todavia, alguns deles também podem ser acessados a partir das notícias e da repercussão deste episódio na mídia.



Lagoinha), mas que atualmente não concorda nem compactua com a “série de coisas” que aconteceram nos dias anteriores.

Ela reafirma o espaço do Movimento Cores como um lugar de tolerância com as diferentes perspectivas, inclusive teológicas, sobre a homossexualidade, tendo integrantes casados, celibatários, que concordam e discordam de seu caráter “pecaminoso”, pessoas em dúvida em relação à própria sexualidade, pessoas inclusivas e afirmativas, e inclusive de outras religiões. Ela reafirma que esta foi uma decisão sua e do Movimento, e que recebeu pedidos da Lagoinha para continuarem vinculados à Igreja, mas que a partir daquele momento seguiriam “em amor”, pregando a palavra de Jesus que “morreu por todas as pessoas”, e dizendo para que “quem não tem pecado que atire a primeira pedra”. Apesar disso, conta que nos últimos meses passou por um processo de luto, e se entristecia em se desvincular do pastor Flaviano Marques e do pastor Márcio Valadão, a quem se refere como mentores, mas afirmando que “gratidão não é algema”, e que precisou aprender a desistir e seguir em frente, pedindo às pessoas que não especulassem sobre a saída do Movimento da Lagoinha, e reafirmou ter muito “orgulho” dos seus membros e da comunidade LGBTQIA+.

Apesar destes atores reivindicarem posições distintas, a relação entre eles não é necessariamente “antagônica” ou “conflituosa”. Ao invés disso, eles parecem se organizar a partir do próprio discurso religioso como partes diferentes de um corpo, representando cada uma delas uma “função” ministerial distinta, ou um dom concedido pela graça de Deus, como na passagem bíblica:

Porque assim como num só corpo temos outros membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros, tendo porém diferentes dons **segundo a graça** que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé; se ministério, dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina esmere-se no fazê-lo; ou o que exorta faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria. (Romanos, 12:4-8)

A “verdade”, “vontade”, “graça” ou “palavra” de Deus (termos pouco precisos, mas com intenso valor moral) atuam como nódulos articuladores da diferenciação entre os membros da igreja, a partir de suas funções ministeriais, assim como entre os pecadores “santificados” e os “escravos” do pecado, a partir da conversão como um ato de misericórdia e redenção dos pecados a partir da Cruz. Do mesmo modo, a definição do “pecado” não é feita a partir da delimitação de uma conduta contrária à um conjunto de valores, aos quais se oferece uma acusação. Ele também é um nódulo articulador, desta vez da equivalência, entre os cristãos e não-cristãos, da fronteira entre a Igreja e o Mundo Secular, a ser conquistado e remido. Entre estes movimentos de diferenciação e equivalência, o discurso religioso não

somente “expulsa” ou “exorcisa” a homossexualidade de seu interior. Ao contrário disso, ela é introjetada como um objeto regulado, produzida como uma perturbação da natureza, uma aberração contrária à “vontade divina”, ou como “abjeção” (Butler, 2015). Nos efeitos desta proibição, os “homossexuais” tornam-se sujeitos reconhecidos a partir da sua transformação moral, e a abjeção do pecado é isolada numa conduta a ser projetada no passado. Essa operação, contudo, exige do sujeito o esforço cotidiano de converter-se tanto em seu sentido tanto religioso como estético, organizando as formas pelas quais ele será reconhecido a partir das relações de alteridade, mas também nas formas pelas quais a alteridade será internalizada e experimentada no próprio corpo.

Homossexuais.

Deus tem um plano maravilhoso para sua vida!

#DeusFezHomemEMulher #FamíliaÉHomemEMulher #HeteroSexualidade

#MonogamiaHeterossexualÉSexoSeguro

Jesus cura homofobia

#jesusproslgbt #sempreconceito #oamorvenceu

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tento retornar ao tema da patologização a partir da dimensão produtiva do poder. Busco reconhecer que o poder “faz” coisas, e isto implica reconhecer a existência dessas “coisas” feitas pelo poder como objetos que existem na realidade social. Significa admitir que o que chamamos de “homossexualidade” pode ser experimentada como uma “orientação sexual”, mas também como uma patologia e pecado. A existência desta patologia e deste pecado se dá precisamente porque organizamos a realidade social a partir destes enunciados, em formas de patologização e de subjetivação. Num determinado momento, as práticas que hoje reconhecemos como tortura psicológica e tentativas de aniquilar a diversidade de sexualidade e gênero foram produzidas com “curas”, como práticas “terapêuticas” e como formas de nomeação do sofrimento.

Na notícia que anuncia a interposição do agravo contra a liminar relacionada à Resolução (01/99), publicada em 22 de setembro (Conselho Federal de Psicologia, 2017), o texto reafirma a competência do CFP em regulamentar a profissão e estabelecer os limites éticos da atuação profissional.

O CFP também refutou a acusação de que profissionais da Psicologia estariam sendo perseguidos por conta da aplicação da Resolução 01/99. Os números demonstram que a resolução tem um caráter muito mais educativo do que punitivo. Nos últimos cinco anos (2012 a 2017), do total de 260 processos éticos julgados pelo CFP, somente três estão relacionados à Resolução 01/99, o que representa menos de 2% do total.

O CFP lembrou, ainda, os impactos positivos que a Resolução 01/99 produz no enfrentamento aos preconceitos e na proteção dos direitos da população LGBT no contexto social brasileiro, que apresenta altos índices de violência e mortes por LGBTfobia. (Conselho Federal de Psicologia, 2017)

Vamos colocar esta informação ao lado de outras notícias publicadas pelo Conselho Federal de Psicologia sobre a Resolução, e os ataques no judiciário que desembocam na decisão da ministra Cármen Lúcia sobre a Reclamação Constitucional 31818/DF, protocolada pelo CFP. Sabemos, então, que somente 1,15% das denúncias de profissionais por condutas inapropriadas e violações à Resolução 1/99 (totalizando três casos, em 5 anos) tiveram algum tipo de sanção aplicada.

“CFP é premiado por atuação em Direitos Humanos”. Esta é a chamada de outra notícia, desta vez sobre o prêmio recebido pelo CFP pela defesa da Resolução 01/99 e a criação da Resolução 01/2018. As resoluções teriam sido “reconhecidas como importantes instrumentos de promoção e garantia dos Direitos Humanos da população LGBTI” (Conselho Federal de Psicologia, 2018). Alguns meses depois, em março de 2019, o CFP publicou em seu site noticiando que a Resolução 01/99 completava 20 anos. A postagem convidava as pessoas à participarem da atividade nomeada “Diálogo Digital” sobre a resolução “Será o

momento de comemorar e evidenciar que essa é uma resolução extremamente importante para a Psicologia brasileira, pois ela afirma um posicionamento de enfrentamento a todas as formas de opressão às pessoas homossexuais.” (Conselho Federal de Psicologia, 2019). Nesta notícia, o conselheiro Pedro Paulo Bicalho conta que esta é “uma data a ser comemorada, mas também é um dia de luta, ‘pois ao mesmo tempo que essa resolução muito nos orgulha, por tudo aquilo que ela representa e afirma, ela também é a resolução mais atacada do Sistema Conselhos de Psicologia, ao longo desses 20 anos’”.

No dia 22 de janeiro de 2020, a notícia intitulada “STF extingue ação contra Resolução CFP nº 01/99” foi publicada no site do Conselho Federal de Psicologia. A notícia retoma o contexto da Reclamação Constitucional nº 31.818 sobre a extinção da “ação popular” julgada pelo juiz da 14ª Vara da Justiça Federal Waldemar Cláudio de Carvalho, que suspendia os efeitos da proibição de oferecer terapias de reorientação sexual. O CFP argumenta que “Com a decisão, [da ministra Carmen Lúcia] fica evidente que a Psicologia brasileira não será instrumento de promoção do sofrimento, do preconceito, da intolerância e da exclusão.” (Conselho Federal de Psicologia, 2020) Vamos destacar que os argumentos que fundamentaram a decisão da ministra Cármen Lúcia foram a *usurpação da competência* do Supremo Tribunal Federal que “detém a atribuição precípua de exercer, em controle abstrato, o controle abstrato de validade de leis e atos normativos questionados em face da Constituição da República.” (Supremo Tribunal Federal, RCL 31818/DF, p.10). Também fundamentou sua decisão “que a ação popular tem por objeto e como pedido apenas a declaração de inconstitucionalidade da Resolução n. 1/1999” (Supremo Tribunal Federal, RCL 31818/DF, p.16). A ata da decisão também consta os argumentos do CFP sobre o caráter discriminatório da decisão, mas o objeto da RCL ainda é a disputa de “quem” poderia decidir sobre a *questão*.

Retomemos a argumentação anterior de que a censura não é somente uma restrição do discurso público, mas uma forma de produzir um discurso a partir da enunciação da proibição. A partir desta notícia, e das reflexões produzidas nesta pesquisa, podemos pensar que as resoluções restringem o discurso público da psicologia, e nisso são eficazes. No entanto, os espaços de correção, conversão e cura das homossexualidades e transexualidades continuam a se expandir pela sociedade com ampla participação destes profissionais e do conhecimento psicológico, a partir de cadeias de significados que estabelecem equivalência à psicologia aos elementos de “aconselhamento”, “retiros espirituais”, “cursos sobre sexualidade”, etc. As Resoluções, bem como as disputas públicas sobre elas no judiciário, no legislativo, e na sociedade como um todo, não tratam efetivamente sobre a conduta dos profissionais de psicologia, ao invés disso, são instrumentos que se articulam numa disputa pela legitimidade

das regulamentações e o poder jurídico da autarquia, e a autoridade conferida à psicologia científica para *regular o discurso* sobre a homossexualidade. Isto impõe questões sobre as resoluções do Conselho Federal de Psicologia, que proíbem a participação de profissionais nas práticas de “Terapia de Reorientação Sexual”. Elas são instrumentos importantes para a regulação da profissão, mas são insuficientes para lidar com o problema político da “cura gay”, uma vez que a produzem como um objeto externo à psicologia e à sua capacidade de regulamentação. Foi em busca da delimitação deste “objeto externo” que privilegiei a religião e o senso comum nesta pesquisa. Vimos que estes conhecimentos “alheios” à psicologia científica e à regulamentação profissional se constituem nesta relação de disputa pela organização política da sexualidade na esfera pública.

Por isso, também não me estendi sobre a legitimidade científica das intervenções aqui mencionadas. Outros trabalhos e pesquisas desenvolvidos sobre os esforços de correção de identidade de gênero e orientação sexual, mencionados no primeiro capítulo, apresentam os impactos negativos destas intervenções, a piora significativa na qualidade de vida dos sujeitos submetidos à elas, e a escassez de evidências científicas que justifiquem estas intervenções. Estas pesquisas reafirmam o caráter religioso destas intervenções, que tanto atribuem estas expressões do gênero e sexualidade à causas espirituais e à ação diabólica, ou através da imposição de seus padrões morais. Por isso, tentei estudar as relações entre as formas de conhecimento na produção de práticas de regulação da sexualidade. Eu quis falar exatamente sobre a “conduta”, e sobre um exercício psicológico que extrapola a regulamentação profissional. Figuras como as mulheres diaconisas que se formaram em psicologia e começaram suas missões ministeriais dentro do espaço físico das igrejas, os acampamentos e retiros espirituais que acontecem aos finais de semana, as práticas de pastoreio, evangelização e testemunhos religiosos são de importância equivalente para a análise e constituição da “cura gay” como um problema nesta pesquisa.

Para compreender as delimitações das fronteiras políticas entre os conhecimentos científicos e religiosos o conceito de “laicidade” (Lionço, 2017) e “laicidade pluriconfessional” (Rios, Resadori, Silva & Vidor, 2017) foram pontos de partida importantes, sendo a primeira entendida como um “princípio de organização das práticas do Estado e instituições que interfere na organização social, defendendo incondicionalmente a liberdade de consciência e a liberdade de expressão” (Lionço, 2017, p.211), e a segunda como um modelo jurídico da laicidade presente na Constituição Brasileira de 1988, que não se opõe às expressões públicas de fé, mas que também é “conjugada com mecanismos de convivência e de valorização da diversidade religiosa” (Rios et. al., 2017, p.1631), garantindo liberdade de

pensamento, consciência e religião, afirmando a igualdade, tolerância e a não-discriminação.

Recentemente, vimos o avanço de lideranças religiosas conservadoras sobre os temas relacionados à gênero e sexualidade nas casas legislativas, recentemente organizadas ao redor de uma luta contra a “ideologia de gênero”. Apesar da sua origem religiosa, estes grupos foram capazes de adentrar os espaços seculares e mobilizarem outros setores da sociedade a favor da defesa das perspectivas tradicionalistas de gênero, sexualidade e família. (Junqueira, 2017). Estes discursos são frequentemente identificados como “fundamentalismos religiosos”, como “expressões de crenças de que a lógica democrática e laica deve ser alterada, opondo-se à democracia e à laicidade” (Lionço, 2017, p.211).

Para a compreensão do fenômeno deste trabalho, no entanto, esta definição de “fundamentalismo religioso” é insuficiente. Nesta definição, este fenômeno parece se confundir com uma noção de “ativismo religioso conservador”. Ao estabelecer uma equivalência entre estes dois termos, cometemos dois erros graves: o primeiro é ignorar que o Fundamentalismo Religioso precisa ser compreendido como um fenômeno histórico, com suas origens no século XIX no sul dos Estados Unidos, com bases teológicas específicas; e o segundo é pressupor uma relação natural entre “laicidade” e “democracia”, que estão em oposição a estes grupos religiosos. A primeira questão é melhor discutida por Osiel Lourenço de Carvalho (2013) em seu texto intitulado “Fundamentalismo Protestante”, onde ele apresenta o movimento fundamentalista americano, sua relação com a Teologia Ortodoxa de Turretin, as doutrinas pré-milenaristas e as relações de oposição à teologia liberal. Estes movimentos estavam, em sua maioria, em oposição aos movimentos pentecostais, seu caráter carismático e identificavam a flexibilização moral das igrejas como sinais dos “fins dos tempos”.

Acredito que nomear o ativismo político evangélico conservador como “fundamentalismo religioso” parece deixar de lado um elemento importante para a análise das igrejas evangélicas brasileiras. O fenômeno que denominamos pentecostalismo, no Brasil, tem suas origens nos movimentos de avivamento metodistas dos Estados Unidos (Mariano, 2014; Freston, 1994), e apesar de seu sectarismo e da consolidação da identidade religiosa em oposição ao mundo secular, ele ainda é pouco dogmático. Esta diferenciação, inclusive, aparece dentro da sociologia da religião através dos termos “protestantismo histórico” e “protestantismo pentecostal”. O pentecostalismo “toma o nome do incidente que está na origem da igreja cristã, a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes, e se vê como um retorno às origens” (Freston, 1994, p.69). Ao contrário de uma afiliação geracional, ou uma narrativa de desenvolvimento da denominação, o protestantismo pentecostal organiza-se em

uma temporalidade própria: a Igreja Primitiva, a recuperação da visão (que Freston (1994) denomina como o momento de estabelecimento do grupo/comunidade) e o presente. O que identifico é que a experiência religiosa da conversão funciona como o nódulo articulatório desta história, performatizando esta história da Igreja Primitiva como uma história singular corporificada, da sua transformação, e do cumprimento do chamado missionário apostólico através do testemunho.

Por isso, compartilho da análise de Rosas (2015), que o *evangelicalismo* talvez seja uma chave de leitura mais interessante para compreender o fenômeno evangélico brasileiro. Todavia, estendo esta teorização para a compreensão do ativismo político conservador, o que apresenta novos desafios para a discussão sobre laicidade. Segundo Christian Smith, como mencionado por Rosas (2015), a capacidade do evangelicalismo americano de se expandir e consolidar-se nos Estados Unidos muito mais intensamente que outras denominações protestantes, se deu a partir da constituição de uma subcultura distinta, porém engajada e em tensão constante com outros grupos da sociedade. Estes grupos mantêm uma fronteira clara e não minimizável com o mundo, no entanto, não buscam afastar-se dele. Enquanto os grupos fundamentalistas, por exemplo, se mantêm reclusos em seu “sectarismo defensivo”, dogmatismo e pouca flexibilidade moral, os *evangelicals* tentam “transformar o mundo para Cristo” (Rosas, 2015, p.48), e inserem-se na sociedade a fim de restabelecer o domínio, apropriando-se da própria gramática secular em seu funcionamento.

As mudanças históricas na segunda metade do século XX, e a emergência das noções de “direitos sexuais e reprodutivos” são pontos importantes para a análise da organização política da sexualidade, como mencionado por Carrara (2012; 2016). Quando localizamos o discurso evangélico sobre a homossexualidade em meio a este cenário, temos de nos atentar que este não é uma dimensão contemplativa ou uma mera “interpretação” da homossexualidade a partir de dogmas bíblicos. Ao contrário disso, ele também adentra essa política materializando uma organização específica da sexualidade, e delimitando seus campos de possibilidade. Sua materialização se dá nos próprios rituais e práticas religiosas, como o Encontro com Deus, onde a homossexualidade é constituída discursivamente como um significante esvaziado de significado, e carregado de valor moral. Apesar da expansão discursiva sobre o que vem a ser a homossexualidade, suas origens espirituais, corporais ou morais, a capacidade do poder regulatório da sua performance se concentra na própria impossibilidade de uma definição precisa do que ela vem a ser. É precisamente porque ela não é nem pecado e nem doença que ela pode ser articulada tanto como pecado ou como doença, a depender de quais elementos e atores estejam presentes nos momentos em que ela é

enunciada, e mantém a coerência interna do discursos evangélicos a partir de estratégias retóricas de substituições e encadeamentos, metáforas e metonímias. Esta organização das diferentes formas de conhecimento na regulação da sexualidade é o que chamei, no início deste texto, de “política epistemológica sexual”.

Para além de identificar as origens doutrinárias dos rituais ou interpretações bíblicas, e até mesmo o caráter psicológico e confessional da conversão/cura religiosa da sexualidade, retornamos às relações estabelecidas entre fiéis, membros, líderes e pastores nas igrejas. Foi assim que pudemos compreender como um fenômeno religioso organiza um campo de identificações possíveis, e invoca os sujeitos à ação. Ao pensar a cura religiosa, nestes contextos, como uma performance que articula diferentes elementos, nos atentamos a uma série de atos e convenções que estas práticas invocam. Como dito anteriormente, o próprio adoecimento e suas origens precisam ser produzidos como anteriores à existência do sujeito, como pecado ou maldição hereditária. Para exercer um controle moral sobre os corpos, planos espirituais e temporalidades distintas são articulados, modificando estes mesmos elementos para identificar, e conseqüentemente produzir, uma nosologia e um prognóstico terapêutico.

O processo de conversão e cura, então, acontece através de uma gramática emocional e relacional, que tanto atribui à figura de Deus um caráter transcendental onipotente, o único capaz de transformar e trazer a mudança ao Homem, como um caráter íntimo e corporificado, um Deus que se apresenta a partir da experiência do avivamento. Este poder Divino é tanto incompreensível, como extremamente acessível, se materializa também nas construções discursivas sobre o processo de cura e conversão a partir de provérbios e parábolas como a do Filho Pródigo, uma alegoria sobre o “retorno” ou “justificação” dos desviados. Além do processo acusatório, que produz a homossexualidade como um desejo contrário à vontade divina, da qual o sujeito deveria envergonhar-se e abster-se, há um processo discursivo de expansão e positivação da homossexualidade. A partir da humilhação pública produzida no testemunho, ela é afirmada a partir da sua proibição, e o sujeito pode publicamente anunciá-la a partir da construção narrativa da mudança.

Esta construção retórica da mudança produz, então, duas identidades contraditórias, incorporadas e estabilizadas através de uma linearidade temporal: o sujeito mundano, no passado, e o sujeito convertendo-se, no presente. O sujeito mundano é definido a partir de seu caráter martirizado, sofrível, uma forma de vida amaldiçoada, refém do pecado e sem autonomia frente aos desejos carnis. O novo sujeito, o convertido, é constituído a partir do reconhecimento público deste passado, e na sua negação, a partir da transformação estética e discursiva produzida na sua enunciação. Ao contrário de uma “cura” permanente, o sujeito



produzido nessa conversão-cura não é finalizado. Ele precisa ser produzido incessantemente, e atestar sua transformação e sua salvação publicamente a partir de seu testemunho, e da sua capacidade de influenciar e transformar outros indivíduos em uma missão apostólica.

As suas metodologias, como o “Encontro”, não apenas incorporam saberes psicológicos em suas técnicas, mas também articulam e produzem a separação entre Corpo, enquanto matéria, Alma, enquanto realidade interna e Espírito, como instância transcendental ao sujeito. Assim, não é suficiente afirmar que estes fazeres se apropriam de uma psicologia científica, aplicando-a com fins próprios sob os sujeitos. Ao invés disso, o que percebemos é que ao gerir os corpos, explicar as realidades internas a partir de causas e efeitos, e induzir estados afetivos, uma realidade psíquica singular é produzida a partir destas tecnologias religiosas e científicas. A comunicação com o mundo externo, além dos portões do sítio, ou com os outros participantes precisa ser interrompida; um líder precisa ser eleito para fiscalizar o cumprimento das ordens; uma reflexão sobre a própria conduta precisa ser feita sob vigilância divina; a produção de um documento confessional deverá ocorrer; e ao final, a destruição deste registro deverá produzir a cura e libertação dos estigmas do pecado na alma e no corpo.

Entende-se que a demanda por intervenções sobre as homossexualidades acontecem em meio a convenções sociais que atribuem valor negativo a estas expressões em nossa sociedade. A demanda por cura numa comunidade religiosa, é, para além de qualquer outra coisa, uma demanda pelo reconhecimento de um sujeito pelas pessoas ao seu redor. Esse reconhecimento acontece em meio ao discurso religioso heteronormativo. Como um discurso, é uma prática que organiza as relações sociais e cuja regularidade se dá a partir da articulação destes elementos distintos e se transformam numa outra identidade (Laclau & Mouffe, 2015), e que também se materializa no corpo a partir da sua repetição (Butler, 2017; 2019; 2021).

Esta repetição busca produzir o pecado como uma patologia da alma, e reconstitui a história de um sujeito. A partir do exame desta história, da intimidade, das inquietações, sofrimentos, excitações e desejos localiza-se a origem do sofrimento. Esta origem se fundamenta numa convenção social discriminatória, uma que identifica as homossexualidades como fenômenos psicológicos, sintomas relacionados a traumas da infância; ao mesmo tempo, ela também é performada a partir do discurso religioso, a partir das maldições lançadas sobre o corpo ou do pecado. É este o discurso pelo qual muitos de nós nos tornamos sujeitos, a partir de uma forma de reconhecimento que se dá a partir da proibição, as experiências do nosso cotidiano, das nossas relações familiares, de nossos comportamentos, da nossa expressão de masculinidade e feminilidade, e também os desejos não

correspondentes ao sexo “natural”.

Não estamos pensando sobre articulação como uma manipulação de um indivíduo sobre outro, uma técnica a ser exercida por um líder religioso, mal intencionado, que detém algum poder sob os fiéis, mas um campo de inteligibilidade e reconhecimento que, em muitas vezes, opera sobre uma lógica de reciprocidades. É muito difícil afirmar que os discursos de ódio inflamados de líderes religiosos como Edir Macedo, Silas Malafaia, Marcos Feliciano e André Valadão seriam a causa do preconceito dentro de suas respectivas igrejas. As práticas que acontecem dentro destas instituições podem, e muito provavelmente irão, responder a estas provocações, mas isto não significa que o combate a essas figuras públicas e seus discursos criminosos sanariam este problema. Uma grande parte do fenômeno religioso acontece fora dos cultos, nos corredores das igrejas, nas lanchonetes, nas livrarias, nas escolas e creches, nas casas, seja em grupos de oração ou em visitas, em retiros espirituais, mas mais importante, entre os fiéis. As preocupações que surgem ao olhar as práticas de conversão/cura religiosa da sexualidade não se restringem ao momento imediato destas intervenções sobre os indivíduos, mas também dizem respeito a como elas se repetem incessantemente e instauram vigilância constante sobre si mesmo e sobre os outros de maneira horizontal. O Encontro com Deus, por exemplo, é uma metodologia que tem duração de poucos dias, mas seu objetivo é produzir efeitos capazes de se manter no corpo permanentemente, muito provavelmente serão incorporados novamente em outros rituais no futuro.

A cura religiosa traz para a análise das práticas de conversão/cura da sexualidade uma nova questão: a sexualidade não é um objeto que antecede as relações sociais e de identificação. Aqui, ela se dá como processos que tornam possível aos sujeitos identificar-se e relacionar-se aos outros a partir de enunciados próprios de uma política sexual. Isto nos coloca desafios para pensar as formas de enfrentamento do preconceito sem incorporar uma gramática que reafirme a existência dum indivíduo soberano, a ser resgatado para exercer sua potência máxima numa perspectiva mais democrática, e por consequência, menos religiosa. Isto significa adentrar o debate sobre as práticas de conversão/cura a partir das suas experiências concretas. Para discutir sobre a “cura gay” precisaremos ampliar o debate psicológico em direção aos cultos, reuniões, acampamentos, escolas dominicais, cursos de formação, encontros de célula, entre as várias atividades desenvolvidas na esfera religiosa, e como elas se articulam com os saberes científicos.

Apesar do caráter disciplinar e corretivo, inúmeras atividades, semelhantes ao Encontro com Deus, são promovidas como ações recreativas e espaços de socialização dentro das igrejas evangélicas. Além disso, frente à contribuição das instituições de psicologia para a

construção dos serviços de aconselhamento pastoral, e sua própria institucionalização marcada pelos investimentos religiosos no Brasil, faz-se necessária uma reflexão sobre os paradigmas que sustentam uma ciência psicológica, e mais que isso, um investimento incessante na produção de reflexões sobre a prática. Esta reflexão precisa considerar a laicidade, assim como o respeito à diversidade, como princípios a serem materializados, que não se encerram na criação de novos códigos e na proibição de condutas discriminatórias. Eles exigem novos repertórios de ação política que não se encerram na afirmação de que “não há cura para aquilo que não é doença”. As curas existem porque nós, em algum momento, as fizemos existir, e junto delas fizemos existir doenças.

Vimos, durante este trabalho, que a expansão das práticas de correção de gênero e sexualidade podem ser muito pouco “tradicionalistas” ou “fundamentalistas”. Ao contrário disso, elas parecem muito mais inspiradas por crenças carismáticas, pelo avivamento e pela flexibilização moral presente nas igrejas pentecostais brasileiras. A ideia de “fundamentalismo religioso”, apesar de ser um instrumento importante para compreensão de alguns discursos políticos, ainda é insuficiente para compreender os discursos preconceituosos sobre gênero e sexualidade. Por fim, a nomeação de um fenômeno político pelo seu caráter “antidemocrático” não nos oferece ferramentas analíticas para compreender como ele organiza as experiências nos seus termos religiosos. Faz parecer existirem “evangélicos bons”, democráticos, afirmativos, e “evangélicos maus”, preconceituosos, autoritários. Esta distinção moral pode ser útil em alguns contextos, como na defesa da laicidade e dos direitos humanos, mas não compreende como a própria religião funciona produzindo subjetividades de forma diferencial, como o próprio cristianismo é organizado através da distinção racial entre “crentes” e “gentios”, “salvos” e “condenados”, “santos” e “pecadores”.

A partir do “Atos Hoje”, percebemos que o discurso evangélico também produz modulações para tornar-se consistente e amigável às pessoas LGBTQIA+. A partir de concepções pouco precisas, como “verdade” e “graça”, estabelece-se uma continuidade entre o propósito divino, os “planos de Deus”, e a conversão/cura da homossexualidade. Se ora ela é performada como uma condenação do pecado, noutra momento, ela será entendida como uma forma pela qual um sujeito será resgatado pela graça, pela vontade divina. Esta estratégia retórica também foi utilizada dentro do Movimento Cores enquanto atuou dentro da Lagoinha, apropriando-se de elementos estéticos e discursivos presentes no discurso ativista de direitos humanos e LGBTQIA+, mas simultaneamente promovendo o “celibato”, a “transformação” e a “conformação com o sexo biológico”. Para esta operação, articula-se à doutrina da

não-acepção de pessoas uma estratégia evangelizadora que equivale inclusão à presença dos corpos “alternativos” em alguns espaços da Igreja, e o combate ao “preconceito” como uma missão apostólica, a fim de promover uma *santificação* da sexualidade.

Ministérios, grupos evangelísticos e congregacionais como o Movimento Cores auxiliam na compreensão dos embates políticos ao redor do reconhecimento da homossexualidade dentro das igrejas evangélicas brasileiras. Estes movimentos não necessariamente propõem uma reforma teológica, como a Teologia Inclusiva e Teologia Queer, ou buscam subverter a interpretação bíblica da homossexualidade como um pecado. Eles organizam suas práticas ao redor das perspectivas das suas perspectivas de inclusão e da apropriação de elementos estéticos estereotipicamente identificados a pessoas jovens e LGBT. Eles apresentam uma flexibilidade maior no que diz respeito a algumas expressões de gênero, inclusive o reconhecimento de experiências trans e não-binárias no uso de algumas flexões de gênero neutras, além de símbolos como as bandeiras do arco-íris e bandeiras trans. As vestimentas, os louvores, penteados, músicas, slogans... todos encontram algum espaço e reconhecimento da prática religiosa desde que separados parcialmente de uma sexualidade desviante. Partindo das considerações de Rosas (2015) e Mariano (2014) sobre os movimentos de diferenciação e aproximação dos grupos evangélicos com o “mundo secular”, considero que ocorre uma separação parcial da sexualidade em três componentes na sua expansão: desejo, conduta e estilização.

A análise sociológica do pentecostalismo de Mariano (2014) mostra que, nas igrejas evangélicas neopentecostais, o ascetismo e puritanismo que compreendia os prazeres mundanos e a sexualidade com um campo de tentações e tendências pecaminosas deu lugar a uma perspectiva da sexualidade entendida como uma dádiva divina. Isto é, o prazer sexual para fins não reprodutivos não é mais entendido como um pecado, mas como um ato santificado através da graça divina, materializada na aliança matrimonial. Enquanto no conservadorismo católico o uso de métodos de contracepção como pílulas, preservativos, dispositivos intrauterinos ou até mesmo a vasectomia, são desencorajados, nas igrejas evangélicas contemporâneas estas métodos permitem a obtenção de um prazer sexual desejável, legitimado, desde que dentro do casamento. O reconhecimento do desejo sexual exige sua regulação moral, estética e de gênero. Criam-se de cursos e cultos de namoro cristão, de preparação para o matrimônio e uma maquinaria pedagógica para ensinar sobre a “forma certa” de se viver.

O exercício de uma “forma certa” de se experimentar, no entanto, não é suficiente para manter a regulação da sexualidade e sua produção santificada. Apesar do desejo homossexual

não ser considerado um pecado, a sua satisfação e o prazer no ato sexual fora do casamento heterossexual ainda é condenada. Em testemunhos como o de Priscila Coelho, são relatadas as “lutas diárias” contra o pecado. Reconhece-se que as tentações e os desejos carnis integram a natureza humana como uma maldição hereditária do pecado do “Primeiro Adão”, mas o pecado ainda é entendido como uma conduta, como uma ação voluntária. Uma das virtudes obtidas através do Espírito Santo, através da dádiva da conversão e do sacrifício calvário, é a recusa voluntária da satisfação e obtenção do prazer como uma virtude que garante a satisfação: o celibato.

Uma outra separação no interior da conduta é necessária para a expansão da possibilidade de ação e domínio evangélico sobre a sexualidade: a separação (e flexibilização) das normas que regulam a estilização do corpo nos termos de gênero do “ato sexual propriamente dito”. Não é possível definir com precisão o que seria considerado um “ato sexual propriamente dito”, uma vez que o reconhecimento das práticas sexuais como tais é uma operação que se baseia em alguns entendimentos tácitos. Orar de mãos dadas com um par do mesmo gênero pode não ser um problema, mas dar as mãos em outro contexto poderia ser compreendido como um “ato sexual propriamente dito” pelos membros de uma comunidade. A polêmica sobre os vídeos publicados pelo pastor André em seu perfil do Instagram e a resposta da pastora Priscila ilustra bem essa operação. É essa separação tácita entre o que é um “estilo alternativo” e um “ato sexual propriamente dito”, materializada na recusa celibatária, que permite a afirmação do sujeito e de seu desejo em formas de prazer socialmente reconhecidas como legítimas.

As reflexões de Berlant & Warner (1998) sobre o que vem a ser “sexo em público” e as formas pelas quais as relações são reconhecidas ou condenadas a partir destas distinções entre o espaço íntimo e o espaço público são pontos que merecem ser explorados mais profundamente. Outro exemplo desta distinção, e na forma pela qual o reconhecimento da homossexualidade é disputado dentro das igrejas aparece na adoção do termo “homoafetivos”, ao contrário de “homossexuais” pela pastora Priscila em suas pregações e nos materiais de divulgação do Movimento Cores em contraste as “HOMOSSEXUAIS” enunciados pelo ministério Gileade. Precisamos tentar entender, afinal, o que pode ser considerado “homossexualidade” dentro das igrejas evangélicas. Estas questões indicam que as transformações no campo religioso acerca da homossexualidade não correspondem necessariamente a disputas sobre interpretações bíblicas ou teológicas sobre ela. Estas transformações concentram-se sobre a experiência (Dutra, 2002), como todos os acontecimentos que podem ser apreendidos pela consciência de um organismo, sobre a

revelação divina manifesta no corpo no batismo no espírito santo, e sobre as formas pelas quais a transformação moral pode ser produzida a partir da conversão religiosa e do testemunho. É uma disputa tanto pela legitimidade da homossexualidade como uma forma de vida santificada, como pelos termos nos quais esse reconhecimento é possível.

Enquanto analisava os documentos, testemunhos, pregações e os outros materiais que compuseram o acervo desta pesquisa, surgiu a preocupação sobre as dinâmicas de gênero e sexualidade na infância nos contextos atuais. Grupos religiosos, nas últimas décadas, têm intensificado seu ativismo político contra as reflexões produzidas sobre gênero e sexualidade, acusando a imposição de uma “Ideologia de Gênero”. Sob a defesa da família, das crianças e na defesa da ampliação da atuação de religiosa na esfera pública, busca-se a restauração dos papéis tradicionais de gênero, e promover restrições nos direitos humanos de mulheres, pessoas não-heterossexuais e outras categorias dissidentes de sexualidade e gênero. Sobre as crianças e adolescentes, essas restrições se impõem ainda de maneira mais violenta, uma vez que seu acesso às instituições públicas e de proteção é mediado a partir dos vínculos familiares e da vida doméstica.

Os atores políticos aqui envolvidos se articulam ao redor destas categorias, e ampliam seu ativismo político ao redor da “proteção à infância” e do “combate à violência sexual” promovendo uma equivalência entre estes termos à “vigilância da infância” e “combate à sexualidade na infância e adolescência”. Fazem isto sem mencionar nenhum texto de conotação religiosa. Estes atores também buscam cercear e constranger as crianças como sujeitadas ao direito, questionando suas capacidades de autodeterminação ou de compreensão do mundo “dos adultos”. Isto é feito a partir de uma gramática do cuidado, através do carinho, amor, a partir de presentes, de músicas gospel para crianças, ensinamentos devocionais direcionados, livros, acampamentos e atividades recreativas. É também a partir do senso moral compartilhado entre os evangélicos e o restante da sociedade. Não foi à toa que fui ao encontro aos 9 anos de idade. Não é à toa que mais da metade das pessoas que responderam ao questionário da pesquisa realizada pelo Instituto Matizes / All Out afirmam ter passado por estes procedimentos entre os 6 e 17 anos de idade.

Desde agosto de 2022, a participação política da Igreja Batista de Lagoinha no cenário nacional foi intensificada pelas campanhas de eleições presidenciais e as polêmicas envolvendo a família Valadão. Semana após semana uma nova notícia envolvendo o pastor André ou a pastora Ana Paula viralizou nas redes sociais. Desde este período, os trechos de pregações em cultos, participação em podcasts, e postagens nas redes sociais incorporados ao acervo de análise fizeram aquilo que chamo aqui de uma *expansão discursiva* do discurso

religioso dentro de uma política da sexualidade. Enquanto os discursos parlamentares, de pastores, líderes de ministérios de louvor e fiéis se reproduzem socialmente em meios online e offline, a IBL se consolidou com um braço importante de articulação política conservadora em Belo Horizonte. Em 21 de novembro de 2023, o prefeito de Belo Horizonte, Fuad Noman, aprovou o projeto de lei que permite às instituições religiosas impedirem o uso dos banheiros de acordo com o gênero auto-identificado (G1, 2023). A lei também se aplica às escolas e faculdades vinculadas às instituições religiosas, e foi idealizada pela vereadora Flávia Borja, membro da Igreja Batista da Lagoinha, e esposa do Pastor Fernando Borja, Secretário Executivo da Casa Civil do Governo de Minas Gerais. O que seria o uso compulsório do banheiro pelo que se determina como “sexo biológico” num colégio senão uma forma de coerção moral, de controle de comportamentos e expressão de gênero e da sexualidade de crianças e adolescentes?

A razão pela qual este texto, que iniciou-se como uma investigação sobre a “cura gay” desenvolveu-se em direção à uma análise da produção discursiva da homossexualidade, ao invés de práticas clínicas ou de aconselhamento individual, é um esforço de tornar a discussão sobre a patologização e conversão religiosa da sexualidade um problema que não diz respeito a um conjunto de técnicas, mas à uma forma de organização social que produz, a partir de um paradigma de transformação social uma demanda por “mudança”, uma demanda que é constituída a partir de relações entre o sujeito e o mundo onde ele vive. A partir destas relações entre ciência e religião nas experiências concretas, convocamos a psicologia a responder a estes questionamentos e problemas de uma maneira diferente, fortalecendo os espaços de debate e intensificando a atuação próxima à sociedade, indo além das atribuições legais e jurídicas e das disputas pela regulamentação profissional.

São nestes espaços onde os corpos se relacionam e que serão identificados como *desviantes* que eles serão violados. É a partir do medo e do cálculo de *revelar ou não* uma sexualidade aberrante que se submeterão às técnicas e procedimentos empreendidos por líderes religiosos, por psicólogos, psiquiatras, coaches, ou qualquer seja o instrumento pedagógico para “aprender” serem “outra coisa” de maneira compulsória. Em outros casos, tentarão a todo custo manter seus desejos em segredo, vivendo uma vida em que a “mentira” e o “desconhecimento” se tornam uma forma de experimentar o prazer no próprio corpo. Outros sequer terão a possibilidade de pensar em uma vida fora do “normal”, que não se apresentará em termos de “heterossexualidade”, mas em termos de “natureza”, em proibições implícitas que organizam os discursos e nossas formas de pensamento, não como contemplação de uma realidade, mas como a própria organização da realidade e da vida social, da política.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- American Psychological Association, Task Force on Appropriate Therapeutic Responses to Sexual Orientation. (2009). *Report of the American Psychological Association Task Force on Appropriate Therapeutic Responses to Sexual Orientation*.  
<http://www.apa.org/pi/lgbc/publications/therapeutic-resp.html>
- Ana Paula Valadão. Ana Paula Valadão fala sobre a polêmica da ideologia de gêneros. Vídeo publicado no Facebook, recuperado do canal @newsgospel7343.  
<https://www.youtube.com/shorts/63EuCX4iRAo>
- Antoniazzi, A. et. al. (1994). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Vozes. 270p.
- Berlant, Lauren & Warner, Michael (1998). Sex in public. *Critical Inquiry*. v. 24, n. 2, p. 547-566. <https://www.jstor.org/stable/1344178?seq=1>
- Biancarelli, Aureliano (1998). Encontro em Minas quer "curar" homossexuais. *Folha de São Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff11069830.htm>
- Bispo, R. (2018). Na corrente midiática da fé: comunicação de massa e dinâmicas contemporâneas do testemunho evangélico. *Horizontes Antropológicos*, 24(52), 249-277.
- Bispo, R. (2019). “Deus dá uma segunda chance”: sofrer e refazer mundos em testemunhos religiosos. *Horizontes Antropológicos*, 25(54), 111–139.
- Butler, J. (2017). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 14 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2019). *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2019). *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. São Paulo: n-1.
- Carrara, S. (2012). Políticas e Direitos Sexuais no Brasil Contemporâneo. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 4(05).  
<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2316>
- Carrara, S. (2016). A antropologia e o processo de cidadanização da homossexualidade no Brasil. *Cadernos Pagu*, (47). <https://doi.org/10.1590/18094449201600470017>
- Conselho Federal de Psicologia; Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura; Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão - Ministério Público Federal. *Relatório da Inspeção Nacional em Comunidades Terapêuticas - 2017*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia - CFP, 2018.  
<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/06/Relat%C3%B3rio-da-Inspe%C3%A7%C3%A3o-Nacional-em-Comunidades-Terap%C3%AAuticas.pdf>
- Conselho Federal de Psicologia. Relatório da 4ª Inspeção Nacional de Direitos Humanos: locais de internação para usuários de drogas. Brasília: Conselho Federal de Psicologia - CFP, 2011.  
[http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/03/2a\\_Edixo\\_relatorio\\_inspecao\\_VERS](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/03/2a_Edixo_relatorio_inspecao_VERS)



xO\_FINAL.pdf

- Conselho Federal de Psicologia. *Resolução nº 1 de 22 de março de 1999*. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf)
- Conselho Federal de Psicologia. *Resolução nº 1 de 29 de janeiro de 2018*. Estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis. <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/01/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-01-2018.pdf>
- Conselho Federal de Psicologia (2017). *Conselho Federal de Psicologia interpõe agravo de instrumento contra liminar relacionada à Resolução 01/99*. <https://site.cfp.org.br/conselho-federal-de-psicologia-interpoe-agravo-de-instrumento-c-ontra-liminar-relacionada-resolucao-0199/>
- Conselho Federal de Psicologia (2018). *CFP é premiado por atuação em Direitos Humanos*. <https://site.cfp.org.br/cfp-e-premiado-por-atuacao-em-direitos-humanos/>
- Conselho Federal de Psicologia (2019). *Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia - CFP. 220p.
- Côrtes, M. (2014). O mercado pentecostal de pregações e testemunhos: formas de gestão do sofrimento. *Religião e Sociedade*, 34(2), 184-209.
- Degani-Carneiro, Filipe (2017). *Investimentos evangélicos em Psicologia no Brasil: a Psicologia no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil na segunda metade do século XX*, Tese de doutorado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Degani-Carneiro, Filipe & Jacó-Vilela, Ana Maria. (2012) Religião na história da Psicologia no Brasil: o caso do protestantismo. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*. 12(1), Jan/Jul. Porto Alegre, p.70-79.
- Del Río-González AM, Zea MC, Flórez-Donado J, Torres-Salazar P, Abello-Luque D, García-Montaña EA, García-Roncillo PA, Meyer IH. Sexual Orientation and Gender Identity Change Efforts and Suicide Morbidity Among Sexual and Gender Minority Adults in Colombia. *LGBT Health*. 2021 Oct;8(7):463-472. doi: 10.1089/lgbt.2020.0490.
- Duarte, L. F. D. & Dullo, E. (2016). Introdução ao dossiê ‘Testemunho’. *Religião e Sociedade*, 36(2), 12-18.
- Duarte, Larissa Costa, & Besen, Lucas Riboli. (2017). Entrevista com Amade M’charek. *Horizontes Antropológicos*, v. 23, n. 47, p. 383-399.
- Dullo, E. (2016). Testemunho: cristão e secular. *Religião e Sociedade*, 36(2), p. 85-106.
- Dutra, E. (2022). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 7(2), p. 371-378. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200018>
- Felman, S. & Laub, D. (1992). *Testimony: Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis and History*. Routledge. 283p.

- Fernandes, A. H. (2019). Diálogos com Walter Benjamin sobre narrativa: refletir para educar. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação - Resafe*. 1(30), nov.2018-abr.2019. <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28262>
- Foucault, M. (2009) Sujeito e Poder. In: Dreyfus & H. Rabinow, P. (Orgs.) *Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da Hermenêutica*. Forense Universitária.
- Foucault, M. (2014). *Microfísica do Poder*. Graal.
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, 42 ed., Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (2017). *História da sexualidade: a vontade de saber*, 5 ed., v.1, Rio de Janeiro: Paz & Terra, 176 p.
- Francisco, A. J. (2014) *Trânsitos Religiosos, Cultura e Mídia: expansão neopentecostal*. Paulus. 438p.
- Freitas, D de, & Holanda, A. F. (2014). Conversão religiosa: buscando significados na religião. *Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 7, n. 1, 93-105.
- Freston, P. (1994). *Breve História do Pentecostalismo Brasileiro*. In: Antoniazzi, A. et. al. (1994). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis. Vozes. pp.67-99.
- Fricker, M. (2007). *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing*. Oxford University Press. 188p.
- Fróes, A; Bulgarelli, L. & Fontgaland, A. *Entre curas e terapias: práticas de conversão sexual e de gênero no Brasil*. São Paulo. All Out e Instituto Matizes. 2022.
- G1. (2023). *BH aprova projeto que proíbe uso de banheiro em templos religiosos com base na identidade de gênero*. <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/11/21/bh-banheiro-igreja-escolas-pessoas-trans.ghtml>
- Garcia, M. R. V. & Mattos, A. R. (2019). Terapias de Conversão?: Histórico da (Des)Patologização das Homossexualidades e Embates Jurídicos Contemporâneos. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 39, p. 49-61.
- Gonçalves, A. O. (2020). *Religião, política e direitos sexuais: controvérsias públicas em torno da "Cura Gay"*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.
- Graziotin, L. S., Klaus, V., & Pereira, A. P. M.. (2022). Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudo e percursos metodológicos. *Pro-posições*, 33, e20200141. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0141>
- Homossexualidade - Testemunho Encarnado (Priscila Coelho). (2013) Vídeo no Youtube (13m01s). <https://youtu.be/PvGpalParkw>
- Jacó-Vilela, Ana Maria (2001). Concepções de pessoa e a emergência do indivíduo moderno. *Interações*, v. VI, n. 12, 11-39. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=354/35461202>
- Laclau, Ernesto. (2005) *On populist reason*. Verso.

- Laclau, Ernesto. Mouffe, Chantal (2015) *Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical*. Intermeios.
- Laub, D. (1992). An Event Without a Witness: Truth, Testimony and Survival. In: Felman, S. & Laub, D. (1992). *Testimony: Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis and History*. Routledge. p. 75-92.
- Lee H, Streed CG, Yi H, Choo S, Kim SS. Sexual Orientation Change Efforts, Depressive Symptoms, and Suicidality Among Lesbian, Gay, and Bisexual Adults: A Cross-Sectional Study in South Korea. *LGBT Health*. 2021 Aug-Sep;8(6):427-432. doi: 10.1089/lgbt.2020.0501. Epub 2021 May 28. PMID: 34061676.
- Legacy Teen. *Conversa com Priscila Coelho*. (2020) Vídeo no Youtube. (17m54s). <https://youtu.be/X3cOl4hJCY8>
- Lionço, T. (2017). Psicologia, Democracia e Laicidade em Tempos de Fundamentalismo Religioso no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 37 (núm. esp.), 208-223.
- Mariano, R. (2014). *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5 ed. Loyola.246p.
- Martin, D., Spink, M. J., & Pereira, P. P. G.. (2018). Corpos múltiplos, ontologias políticas e a lógica do cuidado: uma entrevista com Annemarie Mol. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 22, n. 64, 295-305.
- Mol, A. (2003). *The Body Multiple: Ontology in Medical Practice*. Durham, EUA: Duke University Press.
- M'charek, A. (2010). Fragile differences, relational effects: stories about the materiality of race and sex. *European Journal of Women's Studies*, Thousand Oaks, v. 17, n. 4, 307-322.
- M'charek, A. (2013). Beyond Fact or Fiction: On the Materiality of Race in Practice. *Cultural Anthropology*, v. 8, n. 3. <https://doi.org/10.1111/cuan.12012>
- M'charek, A. (2014). Race, Time and Folded Objects: The HeLa Error. *Theory, Culture & Society*, v. 31, n. 6, 29–56. <https://doi.org/10.1177/0263276413501704>
- Natividade, M., & Dias, T. B. (2022). Pastorais sexuais e gestão da vida íntima: casamento, afetividades e violência em igrejas inclusivas. *Cadernos Pagu*, (66). <https://doi.org/10.1590/18094449202200660014>
- Natividade, M. (2006). Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, n. 61, p. 115-132.
- Natividade, M. T. & Oliveira, L. (2004), “Algumas tendências recentes nos discursos evangélico e católico sobre a homossexualidade”. *Sexualidade, Gênero e Sociedade*, ano XI, n. 22: 1-5, dez.
- Nunes, D. B., Simeão, E. & Pereira, O. (2020). A prática da pesquisa documental em Psicologia. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, 13(1), 339–359. <https://doi.org/10.26512/rici.v13.n1.2020.29608>
- Pereira, R. A. (2011). *Igreja Batista da Lagoinha: Trajetória e identidade de uma corporação*

*religiosa em processo de pentecostalização*. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo.

- Prado, M. A. M. & Monteiro, I. R. L. (2019). Psicologia, práticas Psi e perspectiva Queer: algumas questões em torno das ‘terapias’ identitárias. In: Ferrão, D., Carvalho, L. H. & Coacci, T. *Psicologia, Gênero e Diversidade Sexual: Saberes em Diálogo*. Belo Horizonte: CRP04.
- Priscila Coelho. Priscila Coelho se pronuncia pela primeira vez após desligamento da Lagoinha. Vídeo publicado no instagram, recuperado do canal Portal do Trono. <https://www.dailymotion.com/video/x8miyds>
- Próchino, Caio César Souza Camargo, Paradivini, João Luiz Leitão, & Gonçalves, Márcio Antônio. (2008). Subjetivação e cura no Neopentecostalismo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 28, n. 3, p. 586-601.
- Programa Balaio. Recuperado do canal “Mateus Felipe” (2020). O verdadeiro posicionamento de Ana Paula Valadão sobre os gays - Que venham todos!. Vídeo. <https://youtu.be/PxtZ21q3Lqs>
- Rabelo, Miriam Cristina. Religião e cura: algumas reflexões sobre a experiência religiosa das classes populares urbanas. *Cadernos de Saúde Pública*. 1993, v. 9, n. 3. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300019>.
- Radio Super 100.5 FM (2012). BALAIO - André Valadão fala sobre DVD Aliança. <https://youtu.be/bYS1CoLh86M>
- Rede Super de Televisão (2022). Ana Paula Valadão abriu o coração e compartilhou histórias que vão te EMOCIONAR! | #PODCRER - 45. Vídeo. <https://youtu.be/LMjv939Qac4>
- Rios, R. R., Resadori, A. H., Silva, R. & Vidor, D. M. (2017) Laicidade e Conselho Federal de Psicologia: Dinâmica Institucional e Profissional em Perspectiva Jurídica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Jan/Mar., v. 37 n°1, 159-175.
- Rosas, N. (2015). *Cultura evangélica e “dominação” do Brasil: música, mídia e gênero no caso do Diante do Trono*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Rose, Nikolas (2008). Psicologia como uma ciência social. *Psicologia & Sociedade*, v. 20 n.2, p. 155-164. <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n2/a02v20n2.pdf>
- Sá-Silva, J. R., Almeida, C. D. & Guindani, J. F. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. I(1), jul 2009.
- Sayuri, J. & Aguiar, L. (2023) Fiéis LGBTQIA+ resistem a André Valadão à frente da Lagoinha: ‘Radical’. *TAB - Repórteres na rua em busca da realidade*. <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2023/04/01/fieis-lgbt-e-batistas-raiz-resistem-a-andre-valadao-na-lagoinha-radical.htm>
- Sedgwick, E. K.. (2007). A Epistemologia do Armário. *cadernos pagu* (28), janeiro-junho de 2007, 19-54. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>
- United Kingdom, Governments Equalities Office (2018). *National LGBT Survey: Research report*. <https://www.gov.uk/government/publications/national-lgbt-survey-summary-report>